

SIMPLOS PORTUGUÊS

Lima Barreto

José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

Luis de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS

Apoio:



Patrocínio:



Realização:



virtualbooks on line

A Luneta Mágica
Joaquim Manuel de Macedo

Copyright © 2000, virtualbooks.com.br

Todos os direitos reservados a Editora Virtual Books Online M&M Editores Ltda. É proibida a reprodução do conteúdo deste livro em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Editora.

A Luneta Mágica

Joaquim Manuel de Macedo

INTRODUÇÃO

Capítulo 1

Chamo me Simplício e tenho condições naturais ainda mais tristes do que o meu nome.

Nasci sob a influência de uma estrela maligna, nasci marcado com o selo do infortúnio.

Sou míope; pior do que isso, duplamente míope, míope física e moralmente.

Miopia física: - a duas polegadas de distância dos olhos não distingo um girassol de uma violeta.

E por isso ando na cidade e não vejo as casas.

Miopia moral:- sou sempre escravo das idéias dos outros; porque nunca pude ajustar duas idéias minhas.

E por isso quando vou às galerias da câmara temporária ou do senado, sou consecutiva e decididamente do parecer de todos os

oradores que falam
pró e contra a matéria em discussão.
Se ao menos eu não tivesse consciência dessa
minha miopia moral!... mas
a convicção profunda de infortúnio tão grande é a
única luz que brilha
sem nuvens no meu espírito
Disse me um negociante meu amigo que por essa
luz da consciência
represento eu a antítese de não poucos varões
assinalados que não tem
dez por cento de capital da inteligência que
ostentam, e com que
negociam na praça das coisas publicas.
- Mas esses varões não quebram, negociando
assim?... perguntei lhe.
- Qual! são as coisas públicas que andam ou se
mostram quebradas.
- E eles?...
- Continuam sempre a negociar com o crédito dos
tolos, e sempre se
apresentam como boas firmas.
Na cândida inocência da minha miopia moral não
pude entender se havia
simplicidade ou malícia nas palavras do meu amigo.

Capítulo 2

Aos doze anos de idade achei me no mundo órfão
de pai e de mãe.
Eu estava acostumado a ver pelos olhos de minha
mãe, a pensar pela
inteligência de meu pai; fiquei, pois, nas trevas dos

olhos e da razão.

Meus pais eram ricos, e deviam deixar me, deixaram me por certo,

avultada fortuna; quanto, não sei: meu irmão mais velho que tomou conta

dos meus bens, minha tia Domingas que tomou conta da minha pessoa, e

minha prima Anica que se criou comigo e que é um talento raro, pois até

aprendeu latim, hão de saber disso melhor do que eu.

Dizem eles que a minha fortuna vai a vapor, ignoro se para trás se para

diante, porque os barcos e carros a vapor avançam e recuam à custa do

gás impulsor; mas o meu amigo negociante declarou me que por certas

razões que não compreendo, nas quais, também não sei porque, entra a

pessoa da prima Anica, devo confiar muito no zelo da tia Domingas.

E eu confio nela o mais possível; porque é uma senhora que anda sempre

de rosário e em orações e que tendo alguma coisa de seu, apesar de tão

religiosa, nua deu nem dá um vintém de esmola ao pobre que lhe bate à

porta, pretextando sempre que tem muita vontade de fazer esmolas

evangélicas; porem que ainda não achou meio de esconder da mão esquerda

o óbolo da caridade pago pela mão direita.

Estou tão profundamente convencido da pureza dos

sentimentos religiosos da tia Domingas, que desde que ela tomou conta de mim, vivo em sustos de que algum dia a piedosa senhora mande amputar a mão esquerda para conseguir dar esmolas com a mão direita, conforme o preceito evangélico de que em sua santa severidade não quer prescindir.

Capítulo 3

Aos dezoito anos de idade comecei a compreender todas as proporções da minha desgraça dupla: chorei, lastimei-me, pedi médicos para os meus olhos, e mestres para minha inteligência.

A força de muito rogar e bradar consegui que me dessem uns e outros.

Os mestres ganharam o seu dinheiro e eu quase que perdi todo o meu tempo com eles; porque bem pouco lucrei no empenho de combater a minha miopia moral.

O mais hábil dos meus professores declarou-me no fim de quatro anos que um mancebo tão rico de cabedais como eu era, podia bem reputar-se literato de avantajado merecimento, sabendo ler, escrever e as quatro espécies da aritmética.

Convencido sempre que só me diziam a verdade, e tendo conseguido saber,

aos vinte e dois anos de idade, ler mal, escrever
pior, e fazer com a
maior dificuldade as quatro espécies da aritmética,
mandei embora o
hábil professor, e fiquei literato.

Os médicos falaram me em córnea transparente, em
cristalino, em raios
luminosos muito convergentes, em retina, e não sei
em que mais, e
acabaram por dizer me que aos sessenta, ou
setenta anos de idade, eu
havia de ver muito melhor.

Dos médicos alopatas recebi esta consolação de
melhor visão aos setenta
anos, se estivesse vivo; dos homeopatas sei se me
deram o cristalino em
glóbulos, ou os raios convergentes em tintura; mas
o fato é que em
resultado de dez conferências e de vinte
tratamentos diversos não vi uma
linha adiante do que via, e apenas posso gabar me
de não ter ficado cego
com a luz de tanta ciência.

O meu desgosto foi aumentando com os anos.

Meu irmão, que é um santo homem, me dizia:

- Consola te, mano; tudo tem compensação: a tua
miopia é uma desgraça;

mas porque és míope não vês como são bonitos os
bordados da farda de um

ministro de estado, e portanto não te exasperas por
não poder
ostentá-los.

Convém saber que meu irmão saiu eleito deputado

na última designação
constitucional, e mandou fazer a sua libré
parlamentar ainda antes de
ser reconhecido representante legítimo do povo
soberano que anda de
paletó e de jaqueta.

Deste fato e da sua observação concluí eu em
minha simplicidade que o
mano Américo vive doido por ser ministro para fazer
o bem da pátria.

E não é só ele; a prima Anica já sonhou três vezes
com mudança de
gabinete, e com correios e ordenanças à porta de
nossa casa.

Inocente menina! é um anjo: os seus sonhos são
piedosos como as vigílias
da tia Domingas, sua mãe, e patrióticos, como os
cálculos o mano
deputado; ela diz com virginal franqueza que tem
meia dúzia de parentes
pobres a arranjar, quando o mano Américo for
ministro.

Meia dúzia só!... que abnegação e que desinteresse
da prima Anica!

Ela está se tornando tão profundamente religiosa
como a tia Domingas.

Já fez um ponto de fé deste suavíssimo princípio: "a
caridade deve
começar por casa".

Capítulo 4

O mano Américo tem sempre aberta para mim uma

fonte perene de
consolações; persegue me, porém, a infelicidade de
não saber apreciar
bastante a sabedoria, que fala pelos lábios de meu
irmão.

Já disse como ele me consolava da minha miopia
física; pois bem: a sua
bondade ia além; quando me ouvia tristes queixas
da minha miopia moral,
me apertava as mãos, e falava assim:

- Agradece a Deus esse infortúnio; estás livre de
desgostos sem conta,
de responsabilidades sem número, e de tormentos
sem tréguas; tu não
sabes pensar; mas eu penso por ti e por mim; tu
mal dirigiarias os teus
negócios; mas eu dirijo os teus e os meus
negócios; tu sofres muito
menos do que eu sofro; porque eu sofro por ti e por
mim.

Que alma santa a de meu irmão!

E todavia quando isso ouço, lembra me que o mano
Américo foi o

testamenteiro e inventariante nomeado por meus
pais, e que até hoje está

de posse das minhas heranças, que ele emprega e
zela, certamente só em

meu proveito, mas sem me dizer como, nem jamais
dando me contas; e

portanto pensando, negociando e sofrendo por mim
o meu pobre irmão!

Dói me tamanho sacrifício! ah! se eu conseguisse
tomar para mim metade

dos trabalhos e sofrimentos do mano Américo... a
minha metade só... para
ele não sofrer por mim!
Porém se por acaso manifesto de leve esse desejo,
alvoroça se o amor
fraternal, meu irmão se enternece, me abraça e diz:
- Inocente Simplício! não serei tão egoísta que te
abandone às ciladas
dos homens sem consciência, que devorariam a tua
fortuna. A minha
dedicação é na verdade pesada; mas é um dever e
Deus a abençoa.
Vejo me, pois, obrigado a ficar devendo ao mano
Américo o favor de tomar
conta da minha fortuna, e de empregá-la por mim. E
como é ingrata a
humanidade! já cheguei a suspeitar que a dedicação
do mano é mais suave
do que ele diz.
A primeira vez que me confessar hei de perguntar
ao padre, se Deus
abençoa tais dedicações fraternais; é este um
ponto que deve ser
esclarecido para que seja mais doce a submissão
dos irmãos míopes.

Capítulo 5

Minha tia também me faz ouvir consolações, e
sempre conforme as suas
idéias religiosas.
Para ela a minha miopia física é um imenso
benefício da providência, que

assim menos exposto me deixou às tentações do diabo, que ataca o pecador pelos olhos; e a minha miopia moral ainda mais precioso dom, porque dos pobres de espírito é o reino do céu.

A lógica piedosa da tia Domingas seria capaz de levá-la a rezar para que eu me tornasse surdo, mudo e paralítico a fim de ser completa a minha bem aventurança na terra.

Em consequência deste receio nunca disse amém às consolações místicas de minha tia.

Ainda tenho uma terceira fonte de consolações; essa, porem, ao menos é mais poética.

A prima Anica é perdida pelos apólogos; quando pode explicar se por meio deles, não se explica de outro modo: o apólogo é o seu capricho de moça.

Além disso ninguém como ela se empenha tanto e mais habilmente em agradar me; sabendo que quase não vivo pelos olhos, procura recomendar se, açucarando a voz, e usando de perfumes suavíssimos.

As vezes e quando tem ocasião faz me também ouvir apólogos.

Um dia em que como de costume lastimava a minha desdita, que então nem me deixava distinguir as flores do jardim, onde ambos passeávamos,

colheu ela duas flores, uma rosa d'Alexandria, e uma angélica, e deu mas para que eu as reconhecesse.

Aproximei muito dos olhos as duas flores para apreciar suas cores e um espinho da rosa feriu-me a ponta do nariz, e aí ficou preso.

- Repara no que te ensina a rosa, disse Anica; repara e compreende quanto te pode aproveitar a miopia: as flores que mais almejas distinguir e admirar não são as do nosso jardim, são as que enfeitam e encham de magia os salões das sociedades, que não frequêntas, são as jovens formosas com que sonhas em sonhos doidos de amor ainda mais doido; essas, porém, assemelham-se à rosa d'Alexandria, tem espinhos que te despedaçariam o coração.

Anica interrompeu-se por breves instantes para suspirar; eu ouvi o suspiro, e ia perguntar-lhe, na minha simplicidade, se estava

incomodada, quando ela continuou, dizendo:

- Contenta te, pois, com a angélica que é suave ao tacto e que te pode embalsamar a vida do retiro com o perfume do amor e da virtude.

Fiquei mudo: tinha compreendido o apólogo apesar da minha miopia moral.

Anica fez talvez um esforço para vencer o pudor e perguntou-me:

- Sabes quem é a angélica?...

Instintivamente me fingi mais pobre de espírito do que sou, e respondi perguntando:

- A angélica? pois não é aquela flor que me deste?...

Deixamos o jardim: eu saia dele com um espinho de roseira na ponta do nariz, e Anica provavelmente com o espinho da minha indiferença no seio.

Senti que chegara a ser cruel; mas eu nem sabia se Anica era bonita ou feia; porque nunca pudera ver lhe distintamente o rosto: se fosse bonita não seria o seu amor a mais doce consolação para mim?

Tive uma idéia inspirada metade pela gratidão, metade pela curiosidade maliciosa, a idéia de ver se Anica era bonita ou feia, se me seria possível amá-la. Chegando a sala, sentei-me e pedi à prima que me tirasse o espinho da ponta do nariz.

A inocente moça prestou-se a fazer a fácil operação: armou-se da tesoura mais delicada que achou, com os macios dedos da mão esquerda segurou-me o nariz, com a mão direita dirigiu a ponta da tesoura, e cuidadosamente ocupada em extrair-me o espinho, chegou seu rosto tão perto dos meus olhos que mais não era possível.

Durante três ou quatro minutos vi, distingui, apreciei suficientemente o rosto de Anica... não era o rosto com que eu sonhava, não era o das descrições das heroínas dos romances que me tinham lido... não era.

O rosto da prima Anica é muito respeitável; mas em consciência esta

muito longe de ser angélico.

A prova de que é muito respeitável esta em que não tive necessidade de

expelir de minha alma o menor desejo

desrespeitoso, achando se esse

rosto por alguns minutos ainda mais peito dos meus lábios, do que dos

meus olhos.

A prova concludentíssima de que Anica não é

angélica, está em que a

operação me pareceu tão dolorosa como demorada.

Anica tivera a bondade de fazer me ouvir a

significação moral do seu

apólogo da rosa d'Alexandria e da angélica. O

apólogo não lhe

aproveitou; mas a culpa disso não esta em mim.

Ofereço agora, não a Anica, porque me pesaria

molestá-la, porém às

senhoras a quem o caso possa interessar, a

moralidade da história da

extração do espinho da ponta do meu nariz.

É uma pequenina história que também pode correr, como apólogo.

A moralidade é esta:

Moça que não for bonita não se preste a extrair

espinho da ponta do
nariz de homem míope.

Capítulo 6

No princípio do ano corrente de 186... o excelente sistema de governo que nos rege, deu me o sinal da minha regeneração civil; e política.

Sem que o mano Américo, a tia Domingas e a prima Anica disso previamente soubessem, fui incluído na lista dos jurados da minha freguesia; quando chegou nos a notícia do fato consumado houve em nossa casa uma espécie de consternação.

Até que ponto chega o amor dos parentes, a influência do sangue da família! meu irmão, minha tia, e minha prima sobressaltaram se ante o perigo que eu corria por me haverem reconhecido dotado de senso comum!

Era certamente porque o mano Américo via que não lhe era possível ser também jurado por si e por mim. Eu ia começar a ficar exposto as ciladas do mundo e dos homens sem consciência.

O juiz de direito que presidira a revisão da lista dos jurados, resolvera um problema até então intrincadíssimo, declarando que eu podia ser jurado, e que por conseqüência eu tinha senso comum, condição

exigida pela lei.

Eu fui alheio a tudo isso: estava mesmo convencido pelo mano Américo e pela tia Domingas que até o senso comum me faltava; confesso, porém, que mudei de opinião com íntima e mal disfarçada alegria.

Um juiz de direito não pode julgar de modo torto: ao menos tem a seu favor a presunção de direito, que em falta de todos os outros fundamentos é fundamento que supre todos os outros; para mim que não sei aprofundar as coisas, um juiz de direito é sempre tão infalível na ciência do direito, como um padre na ciência do latim.

Por consequência fiquei convencido de que tinha senso comum.

Ninguém faz idéia do profundo contentamento que me deu esta convicção.

E não era para menos.

O nosso código é necessariamente muito sábio e muito previdente: exige que para ser jurado o cidadão brasileiro tenha apenas senso comum, se exigisse bom senso haveria desordem geral, porque segundo tenho ouvido dizer, muitos dos que têm feito e dos que fazem leis, muitos dos que as deviam mandar e mandam executar, e muitos dos que têm por dever aplicar as leis, não poderiam ser jurados por falta do bom

senso!

Dizem-me isso, e asseguram-me que o bom senso é senso raro.

Eu não entendo estas coisas; mas atendendo ao que me dizem, chego a crer que foi por essa razão que a lei não impôs a condição do bom senso nem para que o cidadão fosse jurado, nem para que fosse magistrado, deputado, senador, ministro, e conselheiro de estado.

Asseveram-me ainda que se assim não fosse, que, se exigisse a condição do bom senso para o exercício daquelas altas delegações e cargos do Estado, haveria quatro quintas partes do mundo oficial inteiramente fora da lei.

Já confessei que não entendo destes graves assuntos; como, porém, acredito piamente em tudo quanto me dizem, sinto-me cheio de orgulho pela convicção legalmente autorizada de que tenho senso comum, e apoderado de irresistível vaidade com a presunção de que sou igual a muitos magistrados, deputados, senadores, ministros e conselheiros de estado, pela falta de bom senso ou senso raro.

Capítulo 7

Na primeira convocação do júri o meu nome foi o

primeiro que saiu da urna. Este sucesso deu que pensar e que falar em casa.

A tia Domingas levou um dia inteiro a repetir: "o primeiro na primeira.

. . "; passou assim o dia sem rezar, nem sei se rezou de noite; mas na manhã seguinte propôs me comprar de sociedade comigo um bilhete de loteria.

Eu não cabia em mim de contente; o mano Américo hesitava, porém enfim conveio em que eu entrasse no exercício do meu direito de cidadão jurado.

Creio que meu irmão procedeu assim pelo respeito que consagra às leis, como me assegurou, embora a prima Anica me dissesse em particular que o segredo da sua condescendência esteve no receio de pagar multas... por mim.

As senhoras são de ordinário muito maliciosas; acham graça em sê lo:

Anica tem esse defeito; mas, diga ela o que quiser, eu penso que o mano

Américo é simples e puro, como Adão antes de comer do fruto proibido.

Compareci oportunamente ao tribunal de que a sorte me fizera membro: a sorte estava declarada por mim: logo no primeiro processo o meu nome foi ainda o primeiro que saiu da urna, e não pareci

suspeito nem ao advogado
do réu, nem ao da justiça pública.
Prestei a maior atenção à leitura do processo, às
testemunhas e aos
debates, e quando entrei para a sala secreta
achava me plenamente
convencido pelo promotor de que o réu merecia a
força; pelo advogado do
réu de que este era credor de uma coroa cívica, e
pelo juiz de direito
que resumira a acusação e a defesa, de que o réu
tinha jus à força e a
coroa.

Na consulta secreta sentei me junto de um bom
velho que, vendo me
completamente as escuras em uma questão de
atenuantes e agravantes, quis
iluminar o meu espírito, fazendo me ler uns artigos
do seu Manual dos
Jurados.

Não tive remédio, senão confessar lhe as enormes
proporções da minha
miopia física Ler era para mim um martírio: pedi lhe
que me lesse os
artigos do seu Manual.

- Pobre moço, disse me ele; já procurou o Reis?...

- O Reis? quem e o Reis?

- Quem é o Reis?... pois um míope ignora quem
seja o Reis?... Reis é o

homem luz, o homem fonte de visão para os míopes
se ele não o fizer ver,

é porque o senhor é cego.

- Mas eu sou quase cego.

- O Reis anula lhe o quase, e dá lhe o dom da vista perfeita; o Reis é o graduador de vidros miraculosos. O senhor tem sido deixado em abandono

por sua família

- Pelo que me diz, começo a ter desconfianças disso.

- Escute: eu vou contar lhe maravilhas em relação ao Reis

- Mas o processo?

- Que nos importa semelhante massada?... deixá-los falar, e discutir;

nós já sabemos como havemos de votar.

- O senhor como vota?

- Votarei de modo que o réu seja necessariamente absolvido.

- Então tem certeza de que ele é inocente?

- Deve sê-lo sem a menor dúvida.

- Por quê?...

- Porque não menos de dois compadres e de três amigos meus se empenharam para que eu o absolvesse.

- E tem razão: não posso acreditar que dois compadres e três amigos de

um juiz fizessem a este a injúria de pedir lhe uma sentença injusta,

julgando o capaz de um prejuízo e de um sacrifício de consciência.

- Deveras?...

- O que me parecia, era que semelhantes pedidos e empenhos deviam ser

exclusivamente reservados para servirem de luz aos jurados pobres de

espírito como eu; porque os inteligentes, como o senhor, não precisam de quem lhes dirija as consciências.

O velho pôs-se a rir, não sei de que; provavelmente eu tinha dito alguma necedade, e começava a sentir-me tomado de vexame e de confusão, quando o presidente chamou-nos a votar em resposta aos quesitos do juiz de direito.

O bom velho, meu novo amigo, exerceu naquele conselho de jurados os direitos do mano Américo; porque votou por si e por mim.

O réu foi absolvido pela maioria de dois votos, e por consequência o empenho de dois compadres e de três amigos e a minha miopia moral decidiram da sentença.

Sai do júri com a convicção de que ou não tenho senso comum, ou é preciso mais alguma coisa além do senso comum para que o cidadão seja bom jurado.

Capítulo 8

Quando cheguei a porta da rua, senti que alguém me tomava o braço: era o bom velho.

- Quero levá-lo já à casa do Reis, disse-me ele. Apertei-lhe a mão com o mais vivo reconhecimento e deixei-me conduzir,

hesitando entre a esperança e a dúvida.

Enquanto caminhávamos, o meu condutor falava e eu o ouvia curioso:

- O estabelecimento do Reis é um representante do espírito do século:

começou plebeu e já está nobre pela constância no trabalho e pelo

encanto do progresso; não sei se o Reis tem sido agraciado; pouco

importa o homem; mas a casa, a indústria já tem quatro condecorações

nobiliárias.

- E o que faz o Reis?

- Dá, reproduz os meios conhecidos, aperfeiçoa os e inventa novos para

se fazer a paz e a guerra, a guerra, dando precisão, segurança às

pontarias das peças de artilharia, a paz, oferecendo balanças e níveis

de todas as qualidades, alguns dos quais devem poder marcar o peso e o

nível dos interesses de quaisquer beligerantes, e além desses os mais

perfeitos instrumentos para demarcação dos limites dos Estados; governa

nos mares com as melhores bússolas; é senhor do sol e da lua, e de todos

os planetas pelos mais fortes telescópios; conhece e domina os animais

invisíveis pela força engrandecedora dos microscópios, vê o fundo

tenebroso das minas, tem o cetro da física o império da química a

soberania da eletricidade pela magia dos seus instrumentos, marca o tempo, prediz o calor e a chuva, e chama se Reis porque não é um rei; mas tem o poder de muitos reis.

Eu escutava boquiaberto a concisa explicação de tão extraordinária potestade humana, e quando o bom velho se interrompeu para respirar, perguntei lhe:

- E um homem, como este, certamente já tem sido muito aproveitado pelo nosso governo?!...

- Não; o nosso governo encomendou lhe um dia o mais perfeito pince-nez político: O Reis fez obra de mestre, um pince-nez, que por um dos vidros deixava ler as lições do passado e pelo outro os perigos do futuro; mas o pince-nez não achou nariz de ministro, em que se ajeitasse, e foi desprezado.

- Mas então o Reis que é? é mágico?...

- Não sei; suponha que seja o diabo; o certo é que ele tem, e isso é o que mais lhe importa, o segredo de dar vista de águia aos míopes mais infelizes, aos míopes quase cegos.

- Por que meio, meu amigo?

- Por meio de vidros, e de cristais, cuja concavidade encerra sobrenatural magia; por meio de lunetas de força excepcional.

- E o governo esquece homem semelhante?... há ministro que não se apresse a comprar uma luneta dessas?...

O velho desatou a rir: perguntei lhe qual era o motivo da sua

hilaridade, e ele me respondeu assim:

- O senhor é sem o pensar, sem o querer, cruelmente epigramático: falei

lhe em luneta para os míopes e o senhor procurou logo saber, se os

nossos ministros de estado não usavam dessas lunetas!!!

A simplicidade de um pobre de espírito está sempre exposta às falsas

interpretações dos maliciosos.

Eu não era capaz de pôr em dúvida a vidência, a ciência e a sapiência de

um homem que chega a ser ministro de estado.

O fato é a presunção do direito, e para mim a infalível resolução do

problema.

Não pode haver cidadão que seja chamado a tomar, e que tome sobre seus

ombros a imensa responsabilidade do governo do Estado sem que seja

reconhecido e se reconheça na altura de tão grandiosa missão.

Em minha inocência não posso pensar de outro modo.

Para mim quem é ministro de estado é sábio, ou pelo menos estadista.

É por isso que até hoje, quando me diziam, que no carro que passava, ia

um ministro de estado, eu tirava o meu chapéu e me conservava descoberto em sinal de respeito até que me asseguravam que o próprio ordenança do ministro já estava longe. Porque no próprio ordenança eu ainda admiro e venero os reflexos da sabedoria do ministro.

Capítulo 9

Chegamos, disse me o velho. Um tremor nervoso agitou me o corpo todo; mas ajudado pelo meu amigo subi dois degraus de pedra e achei me no armazém do Reis. Não pude distinguir nem a casa, nem o dono dela; não precisei porém de olhos para sentir imediatamente a amabilidade do Reis. O bom velho expôs as proporções da minha miopia física e pediu remédio para ela; ouvi logo abrir gavetas, e em breve começou o ensaio das mais fortes lunetas de vidro côncavo. Reis desprezou os vidros dos números mais altos das vinte e duas forças: principiou por fazer me experimentar um do grau quatro e perdeu completamente o seu tempo: deixou de lado os vidros côncavos do grau três e deu me uma luneta da força número dois, e ainda assim não pude

ler o título de um livro que me apresentou, senão depois que cheguei o

livro a duas polegadas de distância dos olhos.

- É muito míope disse ele.

E desceu enfim ou antes subiu ao vidro do grau número um, o último, o

non plus ultra dos vidros côncavos, e recuou espantado, ouvindo me dizer

que não via mais nem menos.

- É incrível! exclamou.

- É portanto?... perguntei tão abatido que nem pude acabar a frase.

- Não tenho recurso que lhe aproveite, respondeu me com tristeza profunda.

Deixei cair a cabeça sobre o peito: a extrema esperança que eu concebera

poucas horas antes, acabava de apagar se completamente; tive vontade de

chorar e murmurei em tom queixoso:

- E todavia eu vinha tão cheio de confiança! esperava tanto!

- Que quer?... o poder humano que é o poder da ciência, ainda não foi

além dos instrumentos que inutilmente experimentou.

- Ah! é que o meu amigo chegou a fazer me acreditar que o senhor era

mais do que um simples homem, era uma espécie de ente sobrenatural, um

mago, um realizador de impossíveis principalmente em matéria de

instrumentos óticos.

- O seu amigo que é também meu, exagerou muito as minhas pobres condições; eu não creio na magia; mas se lhe apraz consultar um pretendido mágico, é coisa fácil.

- Como?...

- Mandei contratar na Europa um artista de merecimento superior para os trabalhos das minhas oficinas, e chegou me no ultimo paquete um armênio de habilidade extraordinária; mas que me desagrada por ter pretensões a muito sabido em magia.

- Ainda uma esperança! exclamei; eu me abraço com a mais tênue, com a mais dúbia, e até mesmo com a mais louca. Onde está o armênio?...

- Em um pequeno gabinete no fundo da casa, e ai dorme de dia e trabalha de noite e sempre só: é um maníaco.

- Poderia eu falar lhe?

- Vou mandá-lo chamar.

- Entender me á ele?...

- Fala perfeitamente todas as línguas em que lhe falam.

Capítulo 10

Entramos para a casa das oficinas; porque o armênio não gostava de mostrar se no armazém.

Vou dizer com inteira verdade o que ouvi e o que o bom velho meu amigo

viu e me referiu miudamente tanto nesta ocasião, como à hora da meia noite no gabinete misterioso, Passados apenas alguns minutos o armênio apareceu.

Era um homem alto, magro e com os ossos muito salientes: trazia os cabelos crescidos, o rosto contraído, a face macilenta enegrecida pela fumaça; suas mãos enormes estavam empoeiradas, e seus dedos coroados por grandes unhas pareciam garras; vestia calças e blusa de pano vermelho.

- Que pretendem de mim? perguntou ele em português.

Não me animei a falar; o bom velho, meu amigo, também não ousou fazê-lo:

foi o Reis quem falou por mim, expondo a minha Infelicidade, e a desesperada esperança que eu concebera.

O armênio se aproximou de mim, considerou me durante alguns instantes, examinou me os olhos, apalpou me os ossos do crânio, e mostrando se compadecido, disse:

- Não te quero mal, e o dia é mau; hoje é sábado, e os gênios

sinistros predominam: escolhe outro dia, e eu te darei a vista.

O Reis fez um movimento denunciador da sua incredulidade.

O armênio encarou o fixamente, e depois perguntou lhe:

- Duvida sempre?

- Não duvido, tenho a certeza de que a sua magia não é impostura somente porque é lamentável mania.

O armênio desatou a rir; devia ser um rir medonho, porque foi longa e estridente gargalhada, e porque, segundo me disse o velho, ele não tinha um único dente.

- De que ri assim?... inquiriu o Reis.

- Do triunfo e do mal: duvidam do meu poder, e vou prová-lo: eis o triunfo; infiltrarei o ceticismo na alma de um inocente mancebo eis o mal.

Tive um ímpeto de coragem, avancei um passo e perguntei lhe:

- Dar-me-ás a vista?...

- Sim, e mais penetrante do que a desejas.

- Como?

- A experiência te responderá.

- E tu por que não?...

- Que te importa?... já o disse: terás vista mais penetrante do que desejas e pensas; queres?

- Por que modo a tereis?

- Dando-te eu uma luneta mágica.

- Quando?

- Hoje mesmo e amanhã, na hora em que acabará o dia de hoje para começar o dia de amanhã, à meia noite;

- E o teu prêmio?

- Será a tua próxima convicção de que é melhor ser

cego, do que ver demais.

- Aceito.
- É o mal.
- Aceito.
- É o gelo no coração!
- Aceito.
- E o ceticismo na vida!
- Aceito.
- Por que, criança?...
- Porque eu quero ver.
- Veras demais!
- Aceito.
- Volta à meia noite.

Capítulo 11

Quando, de volta da casa do Reis, me achei a sós na solidão do meu quarto, comecei a sentir espinhos na consciência, temores de incorrer em grande pecado por ir procurar na magia remédio contra a minha miopia física.

Mas na luta do desejo ardente de ver bem indistintamente, e dos meus escrúpulos religiosos que acabavam de despertar, eu me reconheci tão fraco e tão pecador como Eva, porque pela ambição da vista deixava me sempre escravo das promessas do armênio, como Eva se deixou escrava dos conselhos infernais da serpente pela ambição da

ciência do bem e do mal.

Hesitei: meditei, e desconfiado da minha miopia moral, resolvi me a consultar a opinião das três consciências mais sãs que eu conhecia no mundo.

A consciência do mano Américo, o homem que vivia por si e por mim, o tipo do desinteresse e da abnegação.

A consciência da prima Anica, a jovem símbolo do amor mais dedicado, e sem sombras do egoísmo.

A consciência da tia Domingas, a velha religiosa e santa, que vivia a rezar, e que era toda misticismo.

Dirigi-me ao mano Américo e perguntei-lhe:

- Se encontrasses um mágico que te oferecesse um talismã com a virtude de te assegurar a vitória em todas as eleições de deputados, e de te fazer subir ao ministério, que farias?

Meu irmão respondeu-me logo:

- Para servir a minha pátria, e dedicar-me todo a ela, eu aceitaria o talismã, e o traria sempre comigo.

Achei-me a sós com Anica, e apressei-me a consultá-la:

- Se houvesse um feiticeiro, que por artes diabólicas possuísse e te quisesse dar o segredo da formosura e da vida em constante primavera até cem anos de idade, que farias?

- Abraçava o feiticeiro, tomava lhe o segredo e pedia lhe que te desse, mesmo por artes diabólicas, melhores olhos para que visses a minha formosura encantada.

Fui ter com a tia Domingas e fiz lhe a seguinte pergunta:

- Se lhe aparecesse um homem suspeito de se ter vendido ao demônio, e lhe apresentasse o bilhete de loteria em que uma hora antes houvesse saído a sorte grande, que faria?

- Somente pelo gosto de enganar o demônio, comprava o bilhete, e recebendo o prêmio, gastava metade em obras de misericórdia.

Estas respostas sossegaram o meu espírito meu irmão que é a virtude cívica, a prima Anica que é a pureza original, a tia Domingas que é a piedade zelosa, não acham que seja pecado aproveitar se alguém, com intenções inocentes, dos favores da magia, da feitiçaria, e até do inimigo do homem.

A educação, os exemplos, as lições da família formam o caráter do menino e preparam o seu futuro.

Eu já estou na lista dos jurados, e já fiz parte de um conselho julgador; mas ainda sou menino pela minha miopia moral: consultei toda a família sobre o meu caso de consciência e todos os

meus parentes votaram
pela transação com a magia em proveito do
interesse pessoal.
Serenaram pois os meus escrúpulos, e fiquei
resolvido definitivamente a
ir ao gabinete do armênio à meia noite em ponto.
O bom velho, meu amigo, ficara de esperar me
perto da nossa rasa para
levar me à do Reis.

Não me despi, nem me deitei e quando ouvi o sinal
de onze e meia horas
dado pelo sino de S. Francisco de Paula, sai do meu
quarto, fui de manso
até a porta da rua que um escravo fiel me abriu, e
logo depois tomei o
braço do bom velho que me esperava e seguimos
para o nosso destino.

Capítulo 12

Encontramos o Reis a porta do seu armazém.
Entramos.

Faltavam dez minutos para a meia noite.

- Vamos ter com o armênio, disse o Reis.

E passou adiante para dirigir nos.

Nunca maldisse tanto da minha miopia física porque
achava me possuído da

mais viva curiosidade, desejava e não me era dado
ver o que se ia

passar, e apenas posso hoje relatar o que o bom
velho meu amigo, e o

Reis também desde esse dia muito meu amigo, me
contaram muitas vezes com

todos os pormenores.

Avançamos por um longo corredor; o velho levava me pela mão e a mão do velho estava enregelada e trêmula.

O Reis repetiu duas vezes:

- Isto não passa de uma comédia, que nos fará rir amanhã: a verdadeira magia está nas maravilhosas realidades das ciências físicas

Mas a voz do Reis estava um pouco alterada e como se o seu coração palpitasse forte, e apressadamente por nervosa agitação.

Chegamos ao fim do corredor, e o Reis levantava a mão para bater a uma porta que nos ficava ao lado esquerdo, quando esta imediatamente se abriu.

Os meus dois companheiros recuaram um passo; eu não recuei porque não vi coisa alguma.

- Como é bom não ver! disse uma voz Cavernosa.

Capítulo 13

O gabinete do armênio estava todo pintado de negro, tendo em branco os caracteres especiais de todos os dias da lua marcados pelas vinte duas chaves do Tarot e pelos sinais dos sete planetas; no meio do teto também negro via se a figura do pentagrama em vermelho vivíssimo.

No fundo do gabinete uma mesa servia de altar da magia; junto a ela uma pele de leão tapizava o chão, imenso pano vermelho cobria completamente a mesa, e nesse pano eram mais de cem as figuras cabalísticas pintadas em negro

Sobre o altar maldito descansavam os instrumentos da magia e entre outros a vara mágica, a espada, a taça e a lâmpada; a um lado, no chão, estava a trípole. Globos, triângulos, a figura do diabo, a estrela de seis raios, o abracadabra, as combinações do triângulo, e uma infinidade de símbolos enchiam a mesa e o gabinete.

O armênio mágico vestia a roupa própria do sábado, simples túnica

cinzenta com caracteres bordados em seda cor de laranja, tendo ao

pescoço uma medalha de chumbo com o sinal cabalístico da Saturno e as

palavras ou nomes- Amalec, Aphiel, Zarabiel, e trazia na cabeça um

barrete triangular de cor branca com o pentagrama em cor negra.

- Entrai, disse o armênio, tudo está pronto.

Entramos no gabinete, que estava cheio de luz; o armênio sentou se na

tripeça e nós ficamos de pé; ele se concentrava; nós tremíamos.

De súbito o armênio levantou se, como cedendo a impulso irresistível, e

quando ele se levantou os sinos deram o sinal de meia noite.

- É a hora, disse ele, e tomando a espada, brandiu a no ar, e as luzes se apagaram.

Ficamos em completa escuridão; mas sentimos e compreendemos que o armênio se movia e laborava, como se estivesse vendo tudo à luz do sol ao meio dia.

No fim de alguns minutos a lâmpada mágica lançou e manteve uma tênue flama que começou pálida e fraca, pouco e pouco foi se tornando intensa e rubra, e da qual o armênio retirou a ponta da espada, que pareceu tê-la acendido.

Logo depois ele tomou a lâmpada entre suas mãos e deu alguns passos para os quatro lados do gabinete, parando breves instantes em cada um dos lados, e estendendo os braços de cada vez na direção de um dos quatro pontos cardeais, feito o que tornou a pôr a lâmpada no seu lugar, e sobre ela colocou uma peça de ferro composta de três hastes que se firmaram na mesa e que na sua parte superior se aproximavam e eram ligadas por um anel de três correntes de ouro retorcidas, em cima do qual ele depositou um simples vidro côncavo do grau mais fraco.

Em seguida ouvimo-lo exorcizar em latim os

espíritos elementares, e
falar e evocar as ondinas, as salamandras, os silfos
e os gnomos;

empregou assim meia hora pelo menos a entender
se com invisíveis e
duvidosos ou quiméricos seres.

Apenas acabou de falar, lançou sobre o fogo
pequenas porções de
diagrídio, escamônea, pedra ume, enxofre e assa
fétida.

Resistimos às ondas do ativo perfume que inundou
o gabinete.

A flama da lâmpada tornara se viva, brilhantíssima,
derramando tanta luz
como se mil bicos de gás iluminassem a pequena
sala.

A operação mágica adiantava se, o armênio
começou a exaltar se e bradou
com força: Cashiel! Schaltiel! Aphiel! Zarabiel!...
E a flama da lâmpada redobrou de intensidade,
como se obedecesse à voz
do mágico.

O gabinete parecia já arder em ondas de luz tão
deslumbrante e vivíssima
que se diria o fulgor dos relâmpagos demorado,
continuado, sem
intermitência.

De repente uma faísca se desprende da flama da
lâmpada e foi, como
pequena seta de fogo vivo, cravar se e estremecer
no fundo da
concavidade do vidro que estava sobre o anel de
ouro; uma tênue bolha de

vidro fervente agitou se em torno da faísca que sem apagar se tomou a forma microscópica de uma salamandra, o gênio elementar do fogo que banhava se no fogo, brincava no fogo, aspirava e respirava fogo.

Mas o armênio tocou com a ponta da espada na faísca que fazia ferver a bolha de vidro no fundo da concavidade, e disse com acento dominador:

- Fica aí!

A salamandra microscópica dobrou se, como fugindo à ponta da espada, e o fogo da lâmpada de rubro que era se tornou pálido.

- Fica aí! tornou ele com voz mais forte ainda.

E a salamandra foi se mergulhando na bolha de vidro fervente, e a flama da lâmpada principiou a vacilar.

- Fica aí! bradou o armênio pela terceira vez.

E a salamandra desapareceu de todo na bolha do vidro que se abateu e

sumiu se sem deixar vestígios, nem depressão nem ruga na concavidade

polida, e a espada que firme conservara a sua ponta, onde brilhara a

faísca mágica, obedecendo à mão do armênio se retirou.

Imediatamente a flama da lâmpada se extinguiu, como ao sopro de um gênio

invisível; reinou outra vez no gabinete profunda escuridão, e logo ao

começarem as trevas, pareceu que um suspiro quase imperceptível movera o

ar, mas tão de leve, tão sutilmente, como c vôo de uma borboleta.

Era talvez a queixa extrema da salamandra presa; porque ainda se ouviu a

voz do armênio, que disse com império de senhor:
- Fica aí, escrava!

Pouco depois iluminou se de novo o gabinete do armênio, que lançando algumas gotas de um liquido perfumado sobre o vidro que expusera à operação cabalística, retirou este completamente frio do anel de ouro, onde o havia colocado.

Sem dizer nos uma só palavra, sem parecer ocupar se da nossa presença, o

armênio armou o vidro em um aro de ouro, e no ponto em que o aro

circular se liga ao anel destinado ao cordão pendurador, imprimiu

sinistro selo, uma letra cabalística, com um sinete de forma triangular,

e enlaçou no anel da luneta um cordão finíssimo, em que se entrançavam

cabelos de todas as cores, e de diversos animais.

Estava terminada a mágica operação. O armênio me entregou a luneta, e

disse me então:

- Triunfo, e faço mal; mas posso prevenir o mal: criança! tu és inocente

e bom, eu me compadeço de ti; escuta.

Recebi tremendo, a luneta, que ainda apenas sentia pelo tacto e não

tinha visto pelos olhos, e escutei o armênio, que

continuou a falar me:

- Dou te uma luneta mágica; veras por ela, quanto desejares ver, verás muito: mas poderás ver demais. Criança! dou te um presente que te pode ser funesto: ouve me bem! não fixas esta luneta em objeto algum, e sobretudo em homem algum, em mulher alguma por mais de três minutos; três é o número simbólico, e para ti será o número simples, o da visão da superfície e das aparências; não a fixes por mais de três minutos sobre o mesmo objeto, ou aborrecerás o mundo e a vida.

Eu estava todo trêmulo, e não sabia que dizer.

O armênio disse ainda:

- Esta luneta é a maravilha da magia: por ela verás demais no presente, e poderias ler no futuro; mas o teu coração é bom, e a tua alma é pura, criança; além do número de três minutos está a visão do mal, que o meu poder de mágico não te pode impedir; porque a visão do mal é a vingança da salamandra escrava; mas a fixidade dessa luneta além do número de treze minutos é a vidência do futuro, e essa eu ta impeço, Cashiel! Schaltiel! Aphiel! Zarabiel! eu ta impeço, criança louca: essa luneta fixada além de treze minutos se quebrará em tuas mãos!

E tendo assim falado, empurrou nos rudemente para fora do gabinete, e trancou nos a porta.

Voltamos espantados e mudos pelo extenso corredor; o que se tinha passado era tão maravilhoso que nos estava impondo a eloqüência sublime do silêncio.

Chegados ao armazém os meus dois amigos, o bom velho e o Reis, convidaram me a experimentar logo, ali mesmo, e à luz do gás a minha luneta mágica.

- Não, disse lhes eu; esta luneta é a minha extraordinária esperança de luz, a luz da noite, se a dá a lua, é emprestada, se a dá a arte dos homens, é artificial; quero, devo esperar o dia, a luz da natureza, quero esperar a aurora, e o sol.

Um homem que espera pela luz, espera pela vida.

Eu ainda duvidava do poder mágico do armênio; não quis apagar minha dúbia esperança na mesma hora, na mesma noite em que ela nascera.

Despedi me do Reis e sai com o bom velho, que ainda se prestou a acompanhar me.

Quando entrei em minha casa, davam os sinos o sinal de três horas da madrugada.

Pouco falta para romper a aurora e brilhar o sol.

Em breve experimentarei se vejo, como e quanto

vejo.

Agora vou fazer por dormir, se puder dormir.

PRIMEIRA PARTE VISÃO DO MAL

Capítulo 1

Não me foi possível dormir. Fiquei velando ansioso a esperar pelo dia, como o preso que espera ouvir soar a hora, em que lhe assegurarão a liberdade.

Procurei abreviar o tempo, ocupando o meu espírito naturalmente lembraram me os conselhos que me dera o armênio. Refleti.

O mágico me recomendara que me abstinêsse de fixar a minha luneta sobre o mesmo objeto por mais de três minutos; porque além de três minutos ela me daria a visão do mal, em que a salamandra cevaria a vingança da sua escravidão encantada.

Deverei eu obedecer neste ponto o conselho do armênio?... compreendo que pobre de espírito como sou, arrisco me a errar gravemente, querendo deliberar por meu próprio entendimento, e por isso até hoje o mano

Américo, que é sábio e justo, sempre tem pensado por mim.

Todavia está me parecendo que ver o mal que se contém em um homem, em uma mulher ou em qualquer objeto pode antes ser útil do que nocivo, porque em todo o caso me servirá para fugir do mal. Eu não entendo bem o que o armênio chama visão do mal; se porém é simplesmente o que significam as duas palavras, chego a presumir, que a visão do bem há de por força ser mais suave; mas a visão do mal necessariamente mais proveitosa ao homem que faz na terra a viagem difícil e perigosa da vida.

Ora, o que o armênio me proibiu, foi a fixidade da minha luneta por mais de treze minutos, foi a visão do futuro, sob pena de quebrar se a luneta em minhas mãos, e a semelhante calamidade nunca por certo me hei de expor; ele porém não me proibiu, apenas me aconselhou que me abstinêsse da visão do mal.

Assim, pois, o que mais acertado e prudente devo supor, é, se a luneta mágica não for malvada zombaria ou presente da loucura, experimentar uma vez a visão do mal; porque em todo caso conservo o direito e arbítrio de limitar-me daí em diante à simples visão da superfície e das aparências,

como diz o mágico.
Foi isto o que refleti, e o que pela primeira vez
resolvi por mim sem
consultar o mano Américo.
E de novo nesta noite maravilhosa veio me a
lembrança de Eva e reconheci
a minha procedência legítima da primeira pecadora;
mas em vez de achar
na procedência e no primeiro pecado lição contra a
desobediência, achei
somente desculpa da minha curiosidade talvez
temerária.

Capítulo 2

A frescura das auras matinais anunciou me que se
aproximava a aurora.
A janela do meu quarto se abre para o jardim e olha
para o oriente;
lancei-me para a janela abençoada e com a minha
luneta na mão deixei-me
ficar em pé, imóvel, contando na alma os instantes
que iam passando
vagarosos.
Eu respirava as exalações deleitosas das flores do
jardim, e sentia nos
meus cabelos e no meu rosto a doce impressão dos
sopros da madrugada.
De súbito perguntei a mim mesmo em quem ou em
que faria o ensaio, a
experiência do encanto da minha luneta.
Embora eu tivesse acabado de recorrer à magia, o
meu coração estava

sempre e todo voltado para o céu.
Lembrou me logo ver uma flor, que é símbolo de pureza; mas rejeitei esta idéia; porque a flor é apenas ornamento da terra. Preferi ver a aurora que também é flor; mas é rosa do céu.

A aurora! eu nunca tinha visto a aurora! ouvira ler vinte, cem descrições da formosa precursora do sol, e chorara vinte, cem vezes por não poder admirar a diva matutina que recebe diário culto dos turíbulos das flores e da música dos passarinhos.
f: a aurora, é a rosa do céu que, antes de tudo mais, quero ver... se puder ver; e a aurora que é pura, que é o sorrir do sol mandado de longe à terra, é a aurora que eu contemplarei por mais de três, por dez minutos sem temer a visão do mal: porque no seio e através da aurora só poderei ver o sol, que é majestade pela luz, vida pelo calor, providencia pela regulação do movimento dos planetas.

Capítulo 3

E estremeci, ouvindo o canto dos passarinhos no jardim, e o ruído e a festa da natureza, saudando o despontar da aurora. Era tempo; mas demorei me ainda, aspirando mais luz, mais brilhante

alvorecer no horizonte; o meu coração palpitava
com força, a minha alma

estava nadando em mar de esperanças e de
temores: enfim minha mão se
ergueu convulsa... fixei a luneta...

Oh! felicidade!... oh, supremo gozo!... eu vi!... eu
adorei a aurora!

Ah! contemplei esse quadro ao mesmo tempo
gracioso e magnífico de rosas

de fogo suave, esse rubor da virgem do oriente
acendido pelo beijo de

fogo brando que o sol na face lhe imprime!

Como é bela, esplêndida, fresca, sublime a aurora!
não se descreve: é

como o primeiro despertar de noiva formosa no leito
nupcial, mistura de

glória e pejo, de pudicícia e de flamas que fazem
corar... é o

indizível... o céu abrindo se à terra.

Eu estava embevecido a olhar a aurora pela minha
luneta mágica,

admirava, apreciava uma a uma todas as pétalas
daquela rosa do oriente

que resume mil rosas, todas as nuances daquelas
tintas de fogo saídas

dos pincéis dos raios do sol...

Esqueci o tempo a olhá-la... sem dúvida eu ia já
além de três minutos...

E de repente as rosas fulgurantes foram se
apagando... vi uma nuvem

negra, feia, horroroso, preparando em seu seio
tempestade violenta,

senti a trovoada e o raio, as trevas perto da luz, o

estridor abafando o
trinar das aves...
Vi o sol, mas não senti nem a luz da majestade,
nem o calor que fecunda,
vi os raios de ardor desastroso que crestam as
plantas e preparam a
miséria e a fome; vi raios que pela insolação
tinham de produzir a
loucura, vi raios que forjados para vibrar sobre os
tanques de águas
estagnadas, e sobre os pauis, iam levantar,
espalhar miasmas e com eles
derramar a peste e a morte sobre os homens, vi o
sol- não formoso- mas
cheio de manchas; vi o sol- não fonte de vida- mas
senti a sua força
atrativa forjando só os terremotos, os cataclismos,
o horror...
Recuei assombrado... a luneta mágica abandonada
pela mão que a sustinha,
caiu me no peito... nada mais vi, exclamei porém
com dor profunda:
- Meu Deus!... como a aurora e enganadora e
falsa!... e como o sol é
feio, terrível e mau!!!

Capítulo 4

O armênio tem razão: a visão do mal é um
tormento; ver muito é um erro;
ver demais é um castigo; a temperança é virtude
que deve presidir e
moderar os gozos de todos os sentidos do homem.

Por que, para que me expus a desestimar a aurora
que é tão formosa, e a
descobrir na natureza e na influência do sol que
dizem ser fonte de
vida, tantos germens de destruição e de morte? Por
que e para que ficar
me na alma esta desconfiança das ilusões da
aurora, esta certeza de que
o sol é também assassino da criação e assolador da
terra?...

E por que esta luneta mágica além de três minutos
de fixidade só me
deixou ver os males e os horrores que O sol pode
produzir e negou me a
contemplação dos seus benefícios?

Oh! foi dolorosa; mas será profícua a lição;
doravante saberei defender

me da vingança terrível da salamandra escravizada:
aborreço. Não

experimentarei mais a visão ao mal; basta me a
visão da superfície e das
aparências. Se o mundo é de enganos, se a vida é
de ilusões, se na terra
a felicidade do homem está nas ilusões dos
sentidos, e nos enganos da
alma, eu quero iludir me e enganar me para ser
feliz.

Oh! vem, minha luneta magica, vem! mas para que
eu te fixe somente dois
minutos sobre cada objeto.

E eu fixei a luneta nas flores, cujo matiz, e cujas
cores variadas e
belas enfeitiçaram meus olhos, fixei a nos

passarinhos, nas borboletas,
nas folhas das arvores que ainda lagrimejavam
gotas de orvalho e
festejei todos estes tesouros da natureza, que eu
via, e distinguia
perfeitamente pela primeira vez.

Gozei uma hora de inexplicável encantamento,
gozei muito, muito; mas,
preciso é confessar, os meus gozas, suavíssimos
embora, foram sempre
perturbados por dois sentimentos que de certo
modo os deixavam
incompletos.

Fixando a minha luneta eu sentia logo e quase ao
mesmo tempo medo e
curiosidade; medo de esquecer o tempo e de chegar
à visão do mal, e
curiosidade teimosa, insistente, insidiosa e cada
vez mais forte dessa
mesma visão do mal.

Pouco e pouco venci o medo, medindo
instintivamente os minutos; não pude
porém vencer, domar a curiosidade, que em luta
aberta com a minha razão,
martirizava me, aguçando um desejo fatal.

Essa curiosidade era como a tentação do demônio
que nos arrasta ao
pecado; meus lábios haviam já tocado uma vez na
taça oferecida pela
tentação, e o veneno que eu bebera, abrasava o
meu seio, e eu tinha sede
devoradora da visão do mal.

A salamandra, o gênio, o demônio tentador estava

incessantemente a dizer
me ao ouvido que eu era senhor de um poder, de
que nenhum outro homem,
nem sábio, nem rei, podia usar e aproveitar se, e
que só a fraqueza de
animo ou os hábitos rudes da mais triste ignorância
explicariam o
abandono, o sacrifício desse poder encantado que
me fazia penetrar e ler
no intimo dos seres.

E foi no instante em que mais violento era o
combate da curiosidade com
a razão que divagando, passeando com a minha
luneta, vi a prima Anica
entrar no jardim.

Capítulo 5

Fitei-a.

A prima Anica estava vestida de branco e com os
cabelos solto. Eu já
tinha idéia do seu rosto, mas ainda não apreciava
bem o seu porte; agora
não tenho dúvidas sobre o juízo que fazia do seu
merecimento físico.

Anica não é feia, nem bonita; abre muito os olhos,
porque os tem
pequenos e sem o fogo do sentimento; seu rir é
triste, sua cintura
delicada, os braços são tão finos que movem dó, e
os pés tão grandes,
que fazem pena; tem cabelos pretos, finos e
bastos; o seu parecer porem,

a sua figura, o seu andar são de um
desenxabimento, que desconsola. O
melhor dom que a natureza lhe deu foi a voz, que é
doce e maviosa como a
queixa de uma santa.

Retirei a luneta antes de passar o terceiro minuto;
mas imediatamente
senti o impulso da curiosidade que se tornava
irresistível.

Esqueci o protesto feito, esqueci a dor da primeira
experiência da visão
do mal, esqueci, sufoquei a razão que ainda me
falava, condenando o
desejo imprudente, e dizendo a mim mesmo:
- Preciso saber com quem vivo.

De novo fitei a minha luneta sobre a prima Anica,
que estava dando os
bons dias às suas flores

A principio vi somente o que já tinha visto, que ela
não era nem bonita
nem feia, mas notavelmente desenxabida.

Passados três minutos, não lhe
vi mais o rosto nem a figura, vi lhe o coração e a
alma; o coração era
uma pedra de gelo, a alma era o espírito reduzido a
cálculo, a alma era
como o seu olhar sem o fogo do sentimento; no seu
coração li a
indiferença e a tristeza, na sua alma a ambição de
um marido rico que
lhe desse mais o gozo da mesa, do que o esplendor
do luxo e das festas;
era, é a mulher fria, egoísta positiva, material,

incapaz de amizade, e
ainda menos suscetível de amor, mulher que sendo
esposa nunca desejaria
um filho, nem teria zelos do marido, mulher sem
caridade, porque só
vivia ocupada de dormir bem, comer bem, e passar
bem.

Encontrei a minha imagem na alma de Anica, mas a
minha imagem estava
ali, como se fora um X em um problema de álgebra:
eu era em sua alma uma
hipótese de marido, e como letreiro, como nome da
minha imagem, li em
caracteres aritméticos a soma das legítimas, das
heranças que me haviam
deixado meu pai e minha mãe! . . .

E mais viva do que a minha imagem vi a do mano
Américo que é muito mais
rico do que eu (sem dúvida porque ele pensando por
dois, pensava mais e
melhor em si, do que por mim é em mim), vi a
imagem do mano Américo,
outra hipótese de marido, mais desejada, mais
afagada do que a minha
hipótese, mas só com afagos de cálculo, e sem um
ligeiro afago de amor.

E, à exceção do gelo e do cálculo, coração morto na
vida, alma estéril,
seca, inóspita.

Anica e a mulher do egoísmo sublime: contanto que
lhe dessem boa casa,
boa mesa, bom jardim e melhor pomar, amas se
tivesse filhos, criados que

a deixassem não trabalhar, silêncio e isolamento à noite para dormir à vontade, poderia enfiar vinte vezes, dando à memória de seus finados, não a consolação das lágrimas do amor e da saudade, mas a da certeza de não ter sido infiel, nem falsa a nenhum deles menos por virtude, do que pela acerbidade e aridez de sua alma enregelada. Que mulher! olhos sem lágrimas, terra sem vegetação, mar sem ondas nem tempestades, céu sem estrelas e horizonte sem nuvens, natureza, rochedo. Desviei a minha luneta dessa mulher, campo árido, deserto infundo de áreas estéreis sem um só oásis consolador. Mulher cálculo, mulher aritmética, mulher sem sentimento, mulher sem amor, mulher-egoísmo é um triunfo da matéria sobre o espírito mais terra do que céu, mais pó do que alma, mais lodo do que pureza da eternidade; é a mulher monstro que calunia a mulher criada por Deus; é um assombro que se faz admirar pela hediondez. A prima Anica tornara-se para mim repulsiva, mais do que repulsiva, repugnante. Jurei que nunca mais fixaria nela a minha luneta mágica.

Capítulo 6

Amarga desilusão acabava de obumbrar me o
animo: a prima Anica que tanto
procurava agradar me e que pudibunda recorria aos
apólogos para
manifestar me a ternura dos seus sentimentos, a
prima Anica que eu
reputava o símbolo do amor mais puro e
desinteressado, não era mais do
que uma mulher insensível, egoísta, e somente
preocupada dos gozos da
vida animal!...

Eu nunca sentira amor pela prima Anica; mas
votava lhe amizade
fraternal, e experimento verdadeira mágoa,
reconhecendo que não mais
posso estimá-la como dantes. Doce amizade! é uma
flor de menos no jardim
do meu coração.

Entretanto não me arrependo de haver lhe
devassado a alma, e descoberto
a verdade dos seus sentimentos mesquinhos e vis:
esta senhora, pelo
menos não há de mais enganar me.

As vozes do mano Américo e da tia Domingas que,
entrando juntos no
Jardim, dirigiam gracejos a Anica, chamaram a
minha atenção.

Eu já não combatia mais a curiosidade da visão do
mal: o conhecimento a
que eu chegara, da falsidade da prima Anica, me
excitava o desejo de
esmerilhar os segredos de outros corações.

Lancei a luneta sobre o mano Américo e observei o:
mancebo de agradável
parecer, é pena que seus olhos, aliás bonitos, não
tenham firmeza no
olhar, que não se demora em objeto algum e parece
ou temeroso ou movido
por preocupações do espírito a divagar estonteado,
ou a fugir à
observação dos homens; além desse defeito, notei
que sua boca escapara
de ficar sem lábios, tão finos são estes, e que o
seu sorrir mostrava
ser antes uma concessão artificial de aparente
alegria, do que sinal
espontâneo de íntima ledice’.

E passaram três minutos: oh! minha cega e imensa
credulidade! o político
patriota era apenas um ambicioso vulgar! o nome
da pátria era uma
alavanca, a dedicação ao povo um meio de construir
escada: Américo
queria subir, queria ter influência; mas nem ao
menos por vaidade, ou
também um pouco por vaidade; somente porém por
cálculos de fortuna,
somente para explorar as posições oficiais em seu
proveito material;
desprezava as graças, os títulos nobiliários, o
brilhantismo da corte,
as fardas de ricos bordados de ouro; mas desejava
tudo isso como sinais
de importância pessoal para negociar ainda mesmo
com as exterioridades;

talentoso, instruído, hábil, vende se ou vender se á,
aluga se ou alagar
se á sem parecer que o faz, ostenta e ostentará
independência e
abnegação, não pedindo jamais ao governo favor
algun para si; mas fará
questão de um contrato, cuja celebração irá dar
contos de réis à sua
mesa de advogado; fará questão de um privilegio
para a empresa de que
não é, nem será acionista; mas cuja gratidão já foi
em segredo ajustada.
Sua eloquência será ameaça viva a todos os
ministérios novos; o leão
parlamentar porém se deixará levar por um fio de
seda, que ele
transformará oportunamente em corrente de
favores, não para si, só para
amigos, cujo reconhecimento nada tem com as suas
relações com os
ministros; e servirá ao Estado, e será patriota
assim, e subirá, e há de
ser grande na sua terra.
Dá o nome de amigos a três mil conhecidos, sabe
angariar simpatias,
colhe os frutos de mil préstimos, e não é amigo de
homem algum, sabendo
todavia servir com empenho àqueles que têm de
servi-lo em dobro depois;
mas serve só e sempre como intermediário, do seu
apenas serve, dando o
tempo que emprega para pedir e obter.
Em relação à família, Américo negocia com a

legítima paterna da prima Anica, com a fortuna da tia Domingas e com a minha; convenceu nos a todos de que perdêramos a quarta parte do que possuíamos na quebra das casas bancárias em 1864; ele porém ganhou nessa crise setenta e cinco por cento da suma das nossas três fortunas prejudicadas, isto é, aumentou a sua riqueza na proporção exata de nossas perdas; não toma compromisso sério; deixa que a tia Domingas lhe fale muitas vezes do seu casamento com a prima Anica; mas projeta abdicar em mim esta glória, e fareja entre os dotes ricos o dote mais rico para se casar com ele, aceitando, como meio indispensável da transação, uma pobre noiva condenada aos tormentos da sua indiferença. Não esquecendo que sou seu irmão, Américo não me ama, mas olha me com piedade; creio que não me deixará morrer de fome creio; porque tenho horror à incredulidade em tal hipótese; creio, revoltando me contra a visão do mal; mas vejo bem que se ele puder, absorverá tudo quanto possuo. Américo não é avarento, porque despende bastante para viver com decência e algum luxo; é porém o homem sedento de ouro, e para quem família,

pátria e Deus se resumem no- ouro.
Enriquecer é a sua idéia: se chegar a possuir cem mil contos terá ambição cem mil vezes maior, e não fará bem algum à humanidade.

Entristeci-me profundamente, pensando no que acabava de ler no livro aberto da alma de meu irmão; logo porém, e como ansioso a procurar, a pedir uma consolação, fitei e observei por dez minutos a tia Domingas.

É uma senhora de sessenta anos, gorda, simpática, e perseguida de ataques erisipelatosos que a têm avelhantado mais que os anos; traz ao pescoço três ou quatro breves da marca, e na mão o rosário em que aponta as suas orações; sua fisionomia é plácida, tranqüila como a face de um pequeno lago, é um espelho da virtude da paciência, e nos seus olhos que a miado se voltam para o céu parecem brilhar os raios da esperança e da fé.

Mas a visão do mal mostrou-me em seguida a hipocrisia de sua face: a tia Domingas é invejosa e má; detesta as moças porque é velha; maldiz das traições e dos enganamentos do mundo porque não espera mais ser traída, nem enganada; benze-se, levantando aleives às vizinhas, ou propalando suas fraquezas; faz incríveis economias no governo da

casa, esconde dentro do colchão e das almofadas de sua cama o dinheiro que poupa, e no principio de cada mês se lamenta da insuficiência da verba concedida por Américo para a manutenção da família: não dá um vintém de esmola aos pobres; arranca à rudeza e à calúnia odienta dos escravos os segredos verdadeiros e falsos da vida íntima de seus senhores, e faz das confidências capítulos de acusação maledicente, acompanhados sempre de um- Deus me perdoe! na terra o acho, na terra o deixo! e pecadora que peca mil vezes por dia, pensa que engana a Deus, rezando, quando não peca.

Tem no mundo um amor, é sua filha; aborrece Américo; mas finge que o estima para ver se consegue casar Anica ou com ele ou em último recurso comigo; aborrece o porque lhe inveja a riqueza que ele acumula, adorá-lo ia, se Anica se tornasse senhora de metade da sua fortuna; não me ama, mas tolera me, sou a seus olhos um genro obrigado na falta de Américo.

Pela força do hábito os lábios da tia Domingas estão em movimento incessante, porque sua boca repete maquinalmente as orações de seu rosário; interrompe, porém, as orações a cada

instante no governo da
casa para proferir pragas contra os escravos,
chamando mil vezes pelo
nome do diabo; mas não tem idéia deste pecado;
porque reza, como peca, e
peca como reza, sem intenção, nem consciência.
A tia Domingas é santa pela cara, e condenada pelo
coração.

Retirei a minha luneta, sai da janela, e murmurei
tristemente:

- Com que gente eu tenho vivido!... que decepções,
meu Deus! . que
desgraça é perder como perdi a confiança nos
parentes, e o amor que eu
sentia por eles!!!

Capítulo 7

A visão do mal, o conhecimento das paixões ruins,
dos vícios, dos
intentos pérfidos ocultos nas dobras negras dos
primeiros corações
humanos que eu devassara com a minha luneta
mágica, dos três corações,
em que eu mais confiava, e que mais amava,
começavam a produzir no meu
espírito os seus naturais efeitos.
Se meu irmão, minha tia e minha prima, os únicos
parentes que me
restavam no mundo, os dois primeiros que me
havia criado desde bem
tenros anos, Anica que fora minha camarada da
infância, quase minha

irmã, assim tão cruelmente me enganavam, que podia eu esperar dos estranhos e dos indiferentes?...

E o armênio aconselhar me que me abstivesse da visão do mal! que erro!

devo eu preferir viver iludido e vítima cega, estúpida, entregue de corpo e alma àqueles que abusam da minha inocência e simplicidade para sacrificar me ao seu egoísmo e à sua ambição criminosa ?

- Oh! mil vezes. não! a visão do mal me envenenará talvez a vida; mas há de ser o meu escudo contra os pérfidos, e me acenderá luz para livrar me dos laços da traição.

Eu sinto já que a minha miopia moral vai se desvanecendo sob o influxo de uma ciência amarga, desconsoladora, triste, comprimente; a ciência do mal; em todo caso porém ciência.

Eu já compreendo e reflito; já sei meditar, e resolver por mim; não sou mais o pupilo perpétuo do mano Américo. A visão do mal emancipou me.

Dói me ter perdido a suave, a deleitosa crença da lealdade do amor dos parentes; dói me, porém acabo de perdê-la.

Capítulo 8

A miopia moral, a ignorância completa do mal, a inocência conservaram me

até esta manhã franco, simples, sem uma nuvem de suspeita na alma, sem desconfiança dos outros, e com o coração aberto, transparente aos olhos de todos.

O conhecimento do mal vai operando em mim forçosa modificação de idéias e de sentimentos.

Já sei que é preciso fingir: já o sei; porque estou determinado a esconder de Américo, da tia Domingas, de Anica e de todos a principal virtude da minha luneta: direi que por meio dela distingo melhor, mas ainda imperfeitamente os objetos.

Vou portanto dissimular e enganar; primeira lição da ciência do mal que a visão do mal me está dando; primeiro passo no caminho tortuoso da desmoralização; mas inevitável; porque é preciso dissimular e enganar para defender-me de parentes desamorosos e pérfidos e para, cauteloso e seguro, realizar projetos que desde alguns minutos fervem no meu espírito exaltado pelos ressentimentos do coração. Nas latas do mundo devo bater-me com armas iguais às daqueles que me hostilizam: dissimulação contra dissimulação, engano contra engano.

Em uma hora experimentei três desilusões que me envelheceram trinta anos! os gelos de três desenganos apagaram no

meu seio é fogo santo de
três afeições profundas, inocentes e puras.

Capítulo 9

Tenho na mente uma providência que me é
necessário tomar em breves dias;
tenho no coração um vácuo que ardentemente
desejo preencher sem
precipitação, mas quanto antes.

Quando retirar do mano Américo a gerência da
minha fortuna: eis a
providência que vou tomar; acharei um procurador
zeloso, prudente e
honrado que se incumba deste negócio, e o efetue
sem escândalo, e sem
descrédito de meu irmão, a quem não me dirigirei
sobre este assunto;
porque me repugna expor me ao extremo de
confundi lo em face.

Não preciso de informações nem de recomendações
para a escolha do meu
procurador: a minha luneta mágica me ensinará
qual dentre muitos
merecerá ser preferido.

Hoje mesmo darei principio a este estudo, aos
trabalhos desta descoberta
ou preferência.

O preenchimento do vácuo do coração é mais difícil,
e há de ser mais
moroso.

Estou; mas não é admissível que eu possa viver
sem família.

Estou sem família, a visão do mal rompeu os laços
que me ligavam aos
meus três e únicos parentes.

Essas três afeições, essas três únicas flores do
jardim do meu coração
marcharam para sempre, e o meu seio ficou deserto
e noite.

Nasci para amar, tenho sede de amor; não posso
viver assim.

A família, é na terra a beatificação da vida do
homem; a família, é o
mundo em festa no lar doméstico; a família, é a
imensa vida de amor, em
que se identificam algumas vidas que se amam,
que se abraçam, que se
completam; a família, é a consolação no infortúnio,
o suave descanso no
fim do trabalho e das lidas, é o rir de muitos pela
felicidade de cada
um de seus membros, é na extrema hora o colo em
que se encosta a cabeça
para dormir o último sono, é o pranto de amor que
orvalha a sequidão da
morte, a mão de amor que, religiosa, fecha os olhos
do morto.

Eu quero ter família, não posso viver sem ela.
Estou como enjeitado que sai do hospício estou só,
sem um parente,
estou- deserto e noite, e aspiro sociedade e luz.
O enjeitado não tem; mas pode criar e cria uma
família, para si, procura
uma mulher, e abre lhe o coração; a mulher o faz
esquecer o deserto e a

noite do passado, dando-lhe a sociedade, e
acendendo-lhe a luz do
presente e do futuro.

A mulher é a placenta da família, é a criação
privilegiada, a última e a
mais mimosa criação de Deus, que em um sorriso
divino nela derramou a
graça que encerra o encanto da vida do homem.
Eu quero procurar uma mulher jovem, bela e pura,
que me dê família, eu
estou deserto e noite; quero receber a companhia
do coração e a luz dos
olhos de uma mulher formosa e santa; quero um
anjo, a cujas asas brancas
me prenda, para sair do deserto e da noite.
Avalio bem as proporções imensas da minha
aspiração; mas a luneta mágica
me deixa ler os segredos de todas as almas, e,
mercê desse encantado
privilégio, hei de achar o botão de inocência que
almejo, a noiva- anjo
da terra que adorarei perpetuamente.

A mesa do almoço apareci com a minha luneta, e
causei surpresa; disse
que auxiliado pelo poderoso vidro, podia ver melhor
do que dantes,
embora menos do que desejava; mas acabando de
almoçar e usando da
luneta, servi-me de um palito sem pedir que me
dessem.

Diante dessa prova evidente de que já me era fácil
distinguir um palito,
o mano Américo abriu a boca espantado, a tia

Domingas benzeu se, e a prima Anica consertou com faceirice as dobras e o laço do seu feicho que aliás não tinham desconserto algum. Enfim meu irmão e minha prima deram me uns parabéns que me pareceram muito dessaboridos; minha tia disse: "Deus te abençoe para que não peques pelos olhos!" e eu despedi me e fui para o júri.

Capítulo 10

Nas ruas vi tudo de passagem e frui mil gozos novos para mim com a simples visão das aparências; mas chegando à sala do júri e tomando a minha cadeira, dispus me a não poupar o meu privilégio da visão do mal. Nesse dia não sai sorteado, embora se formassem dois conselhos que consecutivamente julgaram o primeiro um, o segundo dois réus. Em qualquer dos três réus encontrei um coração negro, um homem fera; do primeiro julgado, porém, não lhe descobri na consciência indício algum do crime de que o acusavam, e foi exatamente contra esse que mais vigorosa se desencadeou a palavra do acusador. Fitei minha luneta no advogado que assim falava por parte do autor, e no fim de breves minutos reconheci que ele estava

convencido da inocência
do réu que acusava.

Examinei no segundo processo a consciência do
eloqüente defensor dos
dois réus justamente processados por crime de
homicídio, e vi que ele
fazia prodígios de habilidade sofista para iludir os
jurados. e levá-los
a obrigar injusta sentença de absolvição.
Arredei de meus olhos a luneta que acabava de
fazer me descrever do
sacerdócio da advocacia.

- Como é, perguntei a mim mesmo; como é que um
advogado ostenta a
mentira e o dolo, rebaixando uma das mais nobres
e esplêndidas
profissões, sustentando, demonstrando o contrário
do que pensa e do que
sente, para ganhar a soma, porque contratou a
acusação ou a defesa?...

- Como é que se abate assim o talento, e se
aniquilam as grandes noções
do dever?

Um advogado era para mim a luz do direito, o
escudo da inocência, o
campeão da lei; era a Sabedoria a pleitear pela
justiça; como pois um
advogado se anima a mentir diante de Deus e dos
homens, a malfazer a
sociedade, esforçando se com todo o poder das
suas faculdades para que
se julgue inocente e puro um assassino conhecido e
provado, um malvado

que ele sabe que é assassino?... e, mil vezes ainda pior, como é que outro advogado profundamente convencido de que o réu não cometeu o crime que lhe imputam, ousa ir acusá-lo, ousa ir pedir que o encarcerem, que o condenem a trabalhos forçados?...

E além da mentira o dolo!... o dolo; porque tais advogados se empenham em enganar os juizes de fato, tecem ardis, desfiguram os atos praticados, enredam e perturbam as testemunhas, tornam o processo caos com o fim de arrastar o júri a decisões contrárias à verdade e à justiça e só em proveito dos clientes que os têm contratado para acusar ou defender?...

E do mesmo modo que praticam em questões criminais, que afetam a moralidade e a segurança da sociedade, e a liberdade e aos direitos individuais, hão de também praticar nas questões que se referem à propriedade!... haverá pois advogado que convicto da infame velhacaria do seu cliente, ainda assim lhe alague a sua banca, que devia ser altar nobilíssimo e ponha em tributo os recursos da sua ciência para ajudar o cliente a roubar o alheio?!!! Ah! visão do mal que me estás levando a descreer da humanidade! tu me

serás talvez fatal; mas eu te quero, e não te
dispensar mais, porque tu
és luz, embora sejas luz do inferno.

Capítulo 11

Entre o primeiro e o segundo processo tivemos uma
hora de folga, que
tanto durou o conselho secreto.

O meu velho amigo, cujo nome quero agora
declinar, o Sr. Nunes, veio
sentar-se junto de mim: apertei-lhe a mão com
força, prazer e confiança;
pois era a ele que eu devia o ter ido à casa do Reis,
onde encontrei o
maravilhoso armênio.

- Então? perguntou-me o velho; que tal achou a
luneta?... estou ansioso
por sabê-lo; não dormi um instante toda a noite;
que me diz da luneta?

- É admirável, meu amigo.

- É, na verdade mágica?

- Estupendamente mágica.

- Conte-me alguma coisa...

Contei-lhe tudo.

Cometi um erro, sendo completamente franco na
exposição de todas as
minhas experiências, e outro, ainda maior, na
confidência dos meus dois
projetos, o de encarregar a um procurador hábil o
arranjo dos meus
negócios com o mano Américo, e o de criar para
mim uma família, casando

com uma jovem formosa e pura.

O velho Nunes sorriu se agradavelmente, com expansão de amizade, apertando me as mãos, e desfazendo se em felicitações: a alegria radiava lhe nos olhos e no rosto. Que excelente e nobre homem!... que diferença entre ele e os meus três parentes!...

No fim de alguns minutos em que me pareceu refletir, disse me:

- Eu creio que nasci predestinado para lhe ser útil.

- Já lhe devo muito.

- E vai dever me mais; o seu primeiro projeto e justo; mas arriscado...

- Por quê?

- Mal pode calcular como são alicantineiros, palros e vorazes quase

todos os procuradores e solicitadores que por aí andam, e receio muito

vê-lo cair nas garras de algum desses trapaceiros.

- Pensa?...

- Mas ainda bem que eu sou também solicitador no foro da corte, e tenho

orgulho da reputação de probidade e de dedicação, que ninguém ousa

disputar me; o trabalho me sobra, e o tempo me falta; mas para servi-lo,

ofereço me de corpo e alma para concluir em poucos dias todos os

negócios que tem com seu irmão e sem escândalo nem desgosto.

- Oh! meu bom amigo!

- Pode chamar me assim; tenho queda para o

senhor; amanhã há de jantar
comigo: quero apresentar-lhe minha mulher que é
uma santa e minha filha
que é uma flor do paraíso
Senti-me cativo do honrado e generoso velho e para
melhor apreciá-lo,
fixei a luneta, ele porém voltou o rosto
imediatamente; três, cinco, dez
vezes repeti a manobra, e o Sr. Nunes outras tantas
fugiu com o
semblante, e por fim ao sair o conselho da sala
secreta, mudou o velho
de cadeira e sentou-se exatamente diante de mim,
dando-me portanto as
costas.

Admirei tanta modéstia, e ensaiando uma nova
experiência, pus a luneta
em ação e olhei o velho Nunes pelas costas durante
sete minutos.

Oh! luneta sublime! não há recurso que possa
anular a tua força!

Eu vi perfeitamente o homem.

Misericórdia! que enormíssimo tratante é o Sr. velho
Nunes! - afável,
obsequioso, loquaz, insinuante, sabe um por um
todos os segredos das
traficâncias que desmoralizam o povo: tem
falsificados documentos,
rasgado e sumido folhas de autos, já furtou a firma
de um juiz, já
solicitou pró e contra em mais de vinte causas, tem
comprometido
interesses, demolido fortunas, e ainda não entrou

na casa de
correção!... aluga se, quando não lhe convém
vender se, e vende se
apenas lhe chegam ao preço; tem de seu mais de
cem contos de réis
torpemente adquiridos, e é usurário de profissão;
surrava os escravos
sem piedade, vendeu os todos há poucos meses,
arremata outros em praça
para vendê-los em breve prazo, e é entusiasta da
emancipação; é
cabalista admirável de eleições, tem sido eleitor por
todos os partidos,
e votado como eleitor nos candidatos que lhe
compraram os votos por
dinheiro, e por transações que valem dinheiro.
Exalta os gozos suaves e
a santidade do lar doméstico, e no lar doméstico dá
pancadas na mulher,
que o teme e que o detesta, e vive em guerra
aberta com a filha porque
ela em doces e costuras que faz ganha somente
bastante para se vestir.
E, o que é mais, eu me vi, eu me encontrei e me
reconheci nos cálculos
da mente do velho Nunes!... elo sabe melhor do
que eu a quanto chega a
minha fortuna, planeja explorá-la em seu proveito,
desacreditar, infamar
meu irmão, ou negociar com ele em meu prejuízo, e
finalmente concebeu a
idéia de casar me com sua filha!!!
Tive horror do execrável Nunes, a quem mais nunca

darei o nome de velho
amigo; senti-me, porém, desconsolado e triste,
descobrimo tanta
malvadeza, em quem supunha tanta bondade e
virtude.

É ainda uma desilusão! é ainda um turvo desengano
a arrastar-me à
desconfiança e talvez em breve ao aborrecimento
dos homens.

Sai do júri mais sombrio e abatido do que os réus
que por ele acabavam
de ser condenados.

Capítulo 12

É claro que não procurei mais encontrar-me com o
velho Nunes, e
aproveitando a lição desse novo desengano,
compreendi que me cumpria ser
ainda muito mais cauteloso na escolha do meu
procurador, e
principalmente na eleição da minha noiva.

Empreguei quatro dias no empenho da descoberta
de um procurador, como
desejava, e perdi o meu tempo: estudei com a
minha luneta magica nada
menos que trinta e tantos procuradores e achei-me
sempre de mal a pior!
pareceram-me todos eles verdadeiros procuradores
do epigrama de Bocage,
os que se diziam melhores e passavam por mais
hábeis e dedicados, eram
os piores pela mais refinada arteirice, e profunda

malícia.

No fim dos quatro dias senti me tonto, aborrecido, desesperado, e com a convicção tristíssima, de que não encontraria procurador, que pudesse merecer a minha confiança.

- Que homens! disse comigo mesmo; que gente desmoralizada, ardilosa e má! isto será talvez devido à influência do ofício: eles têm tantas vezes de procurar, de trabalhar em proveito de causas injustas, têm tantas vezes de contrariar a verdade, a justiça, a inocência, e o direito, que acabam por habituar se ao dolo, à mentira, e ao sacrifício de todas as noções do dever. Há de ser assim, e nem pode ser de outro modo; porque a minha luneta mágica, que me faz ver no intimo dos corações, não me deixa cair em falsas apreciações.

- Mas todos eles maus e nem um único bom ao menos sofrível... é demais! não quero tão cedo continuar na descoberta de procurador; estou cansado de ver homens ruins; tratarei de consolar me contemplando as graças do sexo encantador.

O último dos quatro mal afortunados dias fora de abrasadora calma; ao declinar da tarde dirigi me ao Passeio Público.

Era a primeira vez que eu visitava, com a certeza de poder apreciar pela

visão, esse pequeno, mas preciosíssimo jardim,
onde a população da
cidade pode ir gozar das árvores sombra e
imperceptível respiração
purificadora do ar, das flores encanto e perfumes,
do mar o aspecto
sublime, da terra limitada amostra da opulência
majestosa da natureza do
nosso Brasil, e das magias da tarde a suave
frescura da viração.

Entrei no Passeio Público, e com apressada
curiosidade fui vendo e
gozando os deleitosos quadros da relva verdejante,
dos grupos de
arbustos graciosos, das árvores gigantes, das
correntes d'água, das
pontes, do outeiro dos jacarés, do terraço que se
torna admirável pela
vista das montanhas, dos rochedos e do mar, das
fortalezas e das ilhas,
das praias e da cidade formosa, mas recreio da
cidade ofuscadora, a que
demora fronteira.

Tudo isso era novo para mim, tudo, todas essas
maravilhas da criação,
todos esses belos testemunhos, todas essas obras
do trabalho e da arte
dos homens.

Eu devia esquecer me de mim mesmo,
embevecendo me na contemplação de
tantos prodígios; senti porém perto de mim, em
torno de mim, passando
junto de mim, indo e vindo, outra maravilha, que os

homens vêm em toda parte, a todas as horas, e que nunca se satisfazem de admirar, e de amar; ouvi o ruído do arrastar de vestido, senti doces e sutis aromas deixados em leve rasto, tocaram me os ouvidos os sons murmurantes de vozes argentinas, em uma palavra, senti a mulher e não vi mais nem serras, nem ondas, nem natureza grandiosa, nem arte nascente, nem florestas, nem cidades; senti perto de mim a mulher, e, olvidando tudo mais, voltei me para contemplar a mulher.

Capítulo 13

Não era uma, eram cem as senhoras que passavam e que estavam no terraço.

Sentei me em um dos bancos de mármore e deixei fixada a minha luneta.

Mais de vinte jovens senhoras me pareceram bonitas; defronte de mim porém estava sentada junto de um venerando ancião a mais formosa donzela.

Vestira se de branco! tinha os cabelos negros, os olhos pretos, grandes e suavíssimos, eram olhos que não abrasavam, mas que inundavam de doçura, de luz branda, de enfeitizadas delicias o coração do homem que

lhe merecia um olhar; tinha no rosto a palidez enlevadora, que não indica sofrimento e atesta fina sensibilidade: o seu corpo era esbelto, e sua cintura de proporções delicadíssimas; trazia na mão pequenina e branca um leque de madrepérola com que se abanava distraída, absorta na contemplação do mar, ou divagando pelos mundos da imaginação; levantou-se a convite do ancião, sem dúvida seu pai, e com ele passeou ao longo do terraço; no fim de alguns minutos tornou a sentar-se no mesmo lugar em que estivera.

Era indizível a graça do seu andar tão suave, como o deslizar da nuvem pela face do horizonte.

A donzela pálida afigurou-se-me revelação de todas as perfeições humanas completando um portento de formosura. O rosto é o espelho da alma, a graça, dom do céu: a donzela pálida era necessariamente o símbolo do amor e da pureza dos anjos.

O meu coração palpitava transportado de admiração, e já dominado pelo poder miraculoso de tanta beleza.

- Como está hoje arrebatadora Dona Rosinha! disse um mancebo, falando a outro perto de mim.

Ela chamava-se Rosa; tinha o nome da rainha das flores.

- Está hoje como sempre; mas em que cismará ela?... provavelmente em coisa nenhuma: quer que se acredite que tem horas de embevecimento poético.

- Não; ela fez vinte anos ontem, e está sem dúvida cismando nos motivos por que ainda não se casou...

Revoltei me contra os dois sacrílegos, apartei me deles com sentimento de aversão.

Eu tinha observado a formosa jovem, lançando lhe vistas repetidas, mas passageiras, receoso de sobressaltar o seu virginal pudor; não pude porém resistir por mais tempo ao ardente empenho da adoração da sua alma, e fitei nela a minha luneta por mais de três minutos.

A donzela apercebeu-se da minha contemplação e por acaso ou de propósito deu a seu corpo flexível uma atitude de gracioso abandono, que me deixava apreciar todos os encantos da sua figura, inclinando langorosa a cabeça para o ombro de seu pai, e esquecendo os olhos no céu.

Ah! foi para mim um abismo de magias, um arrebatamento do espírito irresistível perdição de toda a minha liberdade durante três minutos...

E no fim de três minutos o coração da donzela se patenteou a meus olhos,

e os segredos de sua alma se revelaram à visão do mal.

O demônio das contradições absurdas reunira naquela alma de mulher formosa a vaidade mais descomedida, e a inveja mais violenta e cruel: Rosa julgava-se a mais encantadora e bela das mulheres e invejava de uma os cabelos loiros, de outra os olhos azuis, de sua mãe o vestido mais rico, de sua prima a voz de contralto, da amiga da infância uma prenda que lhe faltava, da noiva desconhecida a fortuna do casamento; invejosa, aborrecia todas as senhoras, vaidosa, queria ser amada, reqüestada por todos os homens; pela inveja era mordaz, maldizente, intrigante e aleivosa; pela vaidade era imprudente e louca, coração corrompido; não poupava sorrisos, nem olhar animador, nem palavras comprometedoras para prender um namorado: o que era em solteira prometia ser quando casada, namoreira sempre; e pela combinação da vaidade e da inveja com a sua organização e suscetibilidade nervosas, havia de impor-se absoluta dominadora do marido, a quem não amaria como marido, e só olharia como escravo; frenética, doida em ímpetos de brutais ciúmes não derivados de amor, rancorosa, raivosa, dissipadora, sem

consciência do dever,
sacrificando por uma noite de baile um ano de pão
para a família não
hesitando em reduzir à miséria pai, e esposo, para
alimentar o seu luxo,
só pensando nos gozos da ostentação e de
apaixonados cultos na terra,
sem fé, sem religião, em moça era tentação
infernai, velha havia de ser
o desgosto de si própria degenerado em malvada
ira contra todos, em
vaidade condenada, em inveja corroída, em
aborrecimento do mundo, e em
ódio a todos elevado a expansões delirantes,
capazes de transformar o
lar doméstico em geena desesperadora.
Eu vi tudo isto, e ainda mais podia ver; porque
longe ainda deviam estar
os treze minutos que limitavam a visão do mal:
podia e tinha mais que
ver naquele coração desgraçado; mas não quis...
tive horror de um ponto
negro, que se ia esclarecer; tive horror... deixei cair
a luneta, e
amaldiçoando a inveja, e maldizendo da vaidade,
fugi, correndo,
precipitado para fora do terraço.

Capítulo 14

Na escada por onde me retirava para o seio do
jardim quase que em
impulso desastrado levei diante de mim um homem

que também descia.

- Ah! senhor! exclamou ele voltando se; não tem olhos ou vem doido?

- Perdão! respondi; exatamente não tenho olhos, porque sou míope e venho doido, porque encontrei no terraço um demônio com aparências de querubim.

- Pois quem é míope deve trazer óculos, e quem anda às voltas com o diabo deve procurar antes o inferno do que o Passeio Público!

- Mano! disse uma voz dulcíssima; o senhor se desculpou tão cortesmente, que o favor da sua amabilidade exige antes agradecimento, do que insistência na lembrança de um acaso que não teve más conseqüências.

- Obrigado, minha senhora, tornei logo, fixando a luneta; eu já nem me arrependo da minha imprudente precipitação; pois que a ela devo o encanto do perdão dado por voz tão melodiosa. Vi voltar se para mim o lindo rosto de uma mulher que ostentava todo o esplendor da beleza na primavera dos anos; ela porém afrontou com tanta firmeza a fixidade da minha luneta, sorriu se tão facilmente para mim, olhou me com tão clara garridice, que antes de cinco minutos causava me já tal desgosto que por castigo nem lhe descreverei as graças da figura.

Coitadinha! era uma menina, que talvez tivesse nascido com excelentes disposições, branda, condescendente, alegre, assim o devo supor, pois não creio que alguém nasça mau e perverso; mas os pais entusiasmados pela beleza da filha, quiseram fazer dela singular maravilha, e a esqueceram cinco anos em um famoso colégio, cuja diretora, antiga florista de Paris, mudara de vocação com os enjôos da viagem transatlântica, e chegada ao Rio de Janeiro, anunciou prodígios de instrução e educação de meninas. Nesse internato, onde as educandas de todas as idades se confundem e se acham em contato de dia e de noite com seus diversos costumes, com seus bons e maus instintos, com suas imaginações travessas, com suas malícias enfim, a pobre menina aprendeu demais o que devia ignorar, e quase nada o que precisava saber, e saiu do colégio, corando não por pudor virginal, mas por artifício de namoradeira, não conhecendo o valor de um beijo de seus lábios, nem o preço e a glória das virtudes, sem as quais a mulher se faz objeto de desprezo. A leviandade do seu procedimento, a palavra desenvolta com que aturdia

as amigas, a audácia com que se arriscava na sociedade, sacrificando todos os preceitos da prudência na liberdade exagerada que permitia a quantos lhe faziam a corte, que não era mais suficientemente respeitosa, autorizavam a maledicência que a feria com venenosas calúnias.

O aleive, a mentira a ultrajavam injustamente com suspeitas cruéis; não era calúnia porém, a fama da sordícia do seu coração.

Quantos perigos, meu Deus, há nos colégios, e nos internatos de

meninas!... quantas pobres inocências atiradas a prevaricações possíveis

e fáceis! ah! se eu tiver uma filha, hei de fazê-la instruir se ao lado

e aos olhos de sua mãe; e se então me achar em pobreza, e não puder

pagar mestres, minha mulher e eu ensinaremos como pudermos, e o que

pudermos à nossa filha, e em último caso ficará ela embora ignorante,

mas não será exposta a ser desmoralizada.

Oh! minha luneta mágica! eu te agradeço esta lição, que me deste.

Capítulo 15

E ainda com a proveitosa lição senti me triste, profundamente triste.

Que dia infeliz! começou de manhã pelos

procuradores que vi e que me
causaram repugnância e tédio, e acaba à tarde com
a contemplação de duas
jovens formosas, que a princípio me pareceram dois
anjos, e logo depois
reconheci que eram duas criaturas condenadas, dois
corações
infeccionados, duas mulheres formosas, porém más,
dois medonhos abismos
cobertos de lindas flores.

Esta luneta é implacável e cruel: além da visão das
aparências ainda não
me concedeu uma contemplação suave.

Já aborreço os homens, e hoje principiei a
desconfiar das mulheres.

Quero, preciso ter uma consolação, uma impressão
felicítadora, que

compense as tristes desilusões, por que tenho
passado. Longe da minha

luneta os homens e as mulheres! prefiro olhar,
apreciar algum ser

impecável, obra de Deus, não contaminada pelas
malícias, e pelos vícios

da humanidade.

Aí estão as duas pirâmides, e defronte o outeiro
dos jacarés... são

trabalhos do homem, desprezo os; lá se mostram
as flores... algumas são

venenosas, e os perfumes das mais inocentes em
certas condições podem

matar; também não quero as flores; a água deste
lago pode conter

miasmas... não me convém...

Oh! eis ali um beija flor!... a mais delicada e gentil criatura! eu o estou vendo com suas penas de esmeraldas e rubis, de ouro e topázio, de púrpura e de fogo... eu o estou vendo com a sua mobilidade faceira, com os seus vôos rápidos e graciosos, com o seu trêmulo adejar equilibrante no gozo puro do seu amor das flores... Mas... que vejo ainda? que vejo agora?... ah! essa avezinha tão mimosa e tão linda é um monstro que me inspira aversão por seus instintos ferozes e qualidades perniciosas. Egoísta, falso, incapaz de afeição durável, o perverso abusa dos seus encantos, e beija, profana e atraíçoa todas as flores, licencia e infame, poluindo seus nectáreos e ostentando após a mais bárbara indiferença, a mais ostentosa e ilimitada inconstância. O beija flor é como a serpente pela extensibilidade da língua, e esta ainda nele se duplica, estendendo dois filetes, que lhe servem como as garras às aves de rapina. Finalmente assassino e destruidor, ele mata e devora em cada dia dezenas e dezenas de insetos inocentes, fracos e incapazes de defender se, ousando sem continência, nem respeito ir arrancá-los do mais doce asilo,

do seio mimoso das flores!...
Hoje criei ódio aos beija flores, passarinhos
devassos, desmoralizados,
traíçoeiros e malvados.
Flores da terra! acreditai na minha luneta mágica:
tende medo dos beija
flores!

Capítulo 16

Esta última experiência afligiu me profundamente.
Quê! até nos seres irracionais, e entre eles na
própria avezinha, mimo
da criação, sorriso de anjo e raio de sol nascente
tornados pelo criador
em passarinho, no próprio beija flor só me é dado
encontrar maldades e
perversão!!!
Sempre turvos e sinistros desenganos! sempre o
mal neste mundo de peste
e de misérias!... este mundo será pois o inferno, ou
pode o inferno ser
pior que este mundo?...
Deixei o Passeio Público, maldizendo da vida,
detestando o homem, a
mulher, toda criação, pedindo a Deus a morte, como
o indigente faminto
pede pão, como a escrava que é mãe, e a quem a
maldição do cativo
ainda não deturpou e anulou a sensibilidade, deseja
e pede a liberdade
do filho.
Que noite de horror e desespero passei! mas enfim

a fadiga, o sofrimento
do corpo que respondia às torturas morais da alma,
venceram a contenção
do espírito que procurava debalde imaginar
consolações e lenitivo: ao
romper da aurora adormeci.
Lembra me que meu último sentimento na
tormentosa vigília foi de
desgosto da vida e de repugnância a toda a
humanidade.

Capítulo 17

E como esses cinco últimos dias ainda mais trinta,
um mês inteiro de
desenganos e decepções! em casa o quadro
constante de tríplice traição
na companhia obrigada de meus três e únicos
parentes; fora de casa a
pronta descoberta da maldade e da perfídia de
todos os homens e de todas
as mulheres.

Vi, encontrei somente o mal em tudo, e em toda a
parte, nos seres
orgânicos e nos inorgânicos, nas obras das ciências,
e das artes, nos
livros e nos monumentos.

Para escrever tudo quanto me mostrou a visão do
mal me fora preciso
encher com a pena molhada em fel muitos e
volumosos livros, e atormentar
a minha alma com o registro vivo das mais aflitivas
observações.

Resumirei muito em breves palavras.

Eu tinha por amigos dois jovens da minha idade que moravam perto de

nossa casa; a intimidade em que eu vivera com ambos nos tempos da minha miopia física e moral me fora sempre de grande consolação; mas a luneta

mágica fez me em breve conhecer o erro perigosíssimo dessas relações de

tantos anos: um desses mancebos, o mais alegre, espirituoso e folgazão,

era um homem imoral, desprezador das leis humanas, afrontador das leis

de Deus, sem consciência, sem crenças, sem fé, tipo da sensualidade sem

freio, besta que só cuidava em fartar se nos pastos do mundo.

O outro que me agradava ainda mais, porque se mostrava sempre grave,

pensador e comedido, era um calculista frio, sem escrúpulos na escolha

dos meios para atingir ao fim que tinha em mira; o seu princípio moral

consistia em salvar as aparências; furtaria a bolsa do amigo, se tivesse

a certeza de o não verem furtar; venderia sentenças, se fosse juiz;

estava cansado de esperar pela morte de um tio, de quem contava ser

herdeiro; filho único, porém não legítimo, do pai houvera abastada

fortuna, e esquecia a mãe ainda viva e abandonada na miséria e no

desprezo.

Separei-me de homens tão indignos da minha amizade; mas por isso mesmo mais profundos se tornaram o deserto e a noite da minha vida, e a medonha solidão no meio da mais ruidosa e brilhante sociedade.

O que faz sofrer este estado lúgubre, terrível do espírito ninguém sabe, ninguém faz idéia, só eu que o estou sofrendo.

Capítulo 18

Um dia vi uma elegante e nobre senhora, que passava, deixar cair com angélico disfarce duas moedas de ouro na mão de um mísero leproso, que deitado no primeiro degrau da escada do átrio de uma igreja, esmolava tristemente; vi a levar o lenço aos olhos para enxugar duas grossas lágrimas, que lhe sublimizavam as faces; segui a nobre senhora com a minha luneta fixada sobre ela: ah! o disfarce fora mentira, a caridade era ostentação; as duas lágrimas duas pérolas falsas preparadas e expostas pelo artifício da hipocrisia; essa mulher casara rica, dominava o marido, gastava anualmente vinte contos de réis em vestidos e enfeites, economizando exageradamente em casa, negando ceia aos

escravos, dando lhes almoço e jantar muitas vezes
insuficientes, e
compensando a penúria da alimentação com
freqüência de castigos ferozes
e de torturas repugnantes.

Em outro dia vi um padre de aspecto venerando;
não arredava do chão os
olhos, trajava com severa decência própria do seu
ministério, levava na
fronte o selo da austeridade de seus costumes, e
na expressão suave de
seus olhos, e de sua boca meio risonha a
manifestação da sua piedade:
eram olhos de conforto espiritual, e boca de perdão.
Observei o com a
minha luneta por mais de três minutos: os olhos de
conforto espiritual
eram vulcões de concupiscência, a boca do perdão
era a fonte de palavras
santas no altar e no púlpito, mas de seduções
vergonhosas fora do
templo; esse padre tinha corrompido uma donzela,
abandonando a depois
aos frenesis da prostituição; esse padre discutia
previamente a
espórtula das missas, fazia sacrilegamente do altar
balcão de
traficantes, brigava por uma vela de libra ou meia
libra de cera,
guerreava os outros padres na sacristia, não se
lembrava mais da conta
das missas que devia, e desonrava enfim o
sacerdócio, ultrajando o

Cristo com exemplos de desmoralização e de ganância perversos do rebanho católico. Uma vez quis ler um artigo de uma gazeta diária que me haviam recomendado por muito importante e bem escrito. Com efeito logo no primeiro período achei idéias sãs e luminosas enunciadas com elegância e pureza; bem depressa porem, revoltei me, descobrindo oculta na metafísica de um principio a materialidade da ambição mais desenfreada, disfarçado em máximas de moral sublime o manejo intrigante do órgão de uma facção, nos protestos do amor da pátria a mentira do mais refalsado egoísmo e na ostentação de franqueza e independência dissimulado o preço por que se alugara o escritor. Irritado, fiz em pedaços a gazeta maldita.

Capítulo 19

Em outra ocasião, passando pela Rua dos Barbonos, parei diante de uma casa consagrada ao mais piedoso e santo mister, e vi armado em sua parede aquele aparelho movediço que se chama- roda dos enjeitados. Ora pois! disse a mim mesmo; aqui é impossível que eu descubra o mal;

porque neste caso o mal está somente na mãe, ou na família cruel, que enjeita o recém nascido; mas no seio que se abre para recebê-lo, salvá-lo, adotá-lo não pode estar senão o bem, a caridade, a santidade.

E fitei a minha luneta na roda por mais de três minutos: quem o diria?... a roda da piedade bem depressa pareceu me antes protetora do vício e da desmoralização, do que providência salvadora de inocentes criancinhas condenadas; essa roda afigurou se me leito ruim de falsa caridade, porta do abandono, da perdição, talvez algumas vezes do cativo dos míseros enjeitados; li no berço dessa roda cem lúgubres histórias, e recuando espantado, preferi a miopia à visão do mal, e cheguei a pensar que para muitos dos enjeitados e para a sociedade fora melhor a sepultura, do que a roda.

E retirei me, meditando, refletindo sobre o que acabava de ver.

Fique de parte a questão moral, social da conveniência de tais estabelecimentos de caridade, Que faz a roda ao enjeitado? Se pode, livra o da morte; mas depois condena lhe a vida: era talvez preferível deixá-lo morrer.

Ser ou não ser: se a instituição é de caridade, seja

o plenamente, não
se desnatura, recorrendo a meios que em regra
geral são fatais aos
enjeitados; se não pode sê-lo plenamente, não
cumpre o seu fim.

Que faz a roda? Recebe o enjeitado, e depois
enjeitado por sua vez. A
verdadeira caridade não enjeitada.

A roda que faz? Dá os enjeitados a criar, a quem os
vem pedir e os leva
a dez, a vinte, a cinqüenta e mais léguas de
distancia, e fica muito
contente de si, porque paga a criação do enjeitado
por dois terços
menos, do que de ordinário custa o aluguel de uma
ama.

E por esse preço insufficientíssimo criar enjeitados é
negócio que se
explora!

Que fortuna espera ao enjeitado que a roda assim
por sua vez enjeita?

Faz tremer pensá-lo.

O mísero inocente é feliz, se acha seios de mulher
em que se aleite, e
fica apenas analfabeto e sem educação; a
sociedade é que não pode
esperar ser felicitada por semelhante enjeitado de
roda.

E o que não é feliz desse modo tão infeliz?...

E o enjeitado que fica reduzido a escravo da família
que o foi pedir?...

e o enjeitado que morre à mingua longe da roda
que o enjeitou, e que

paga sua criação muitos meses além da afortunada morte do mísero condenado?

E o enjeitado de cor preta, ou de cor menos branca, que tão facilmente substitui o escravo que morre, e que toma dele o nome para ser vendido pela perversidade de algum infame dentre os negociantes de criação de enjeitados?

Esta última idéia, a suspeita da possibilidade... talvez da realidade de

tão grande crime penetraram no meu espírito, como punhais ervados que me rasgassem o coração.

Tudo pois que eu via no mundo era maléfico, pavoroso, medonho!

Capítulo 20

A minha vida se tornava mais pesada, insuportável fardo. Não havia para mim na terra nem consolação, nem luz de esperança; se me tivesse faltado a profunda fé em Deus, e a educação católica, o meu recurso teria sido o suicídio porque a visão do mal me levava ao desespero.

Compreendi bem o horrível suplício da minha vida. Em três parentes que eu possuía no mundo descobri três ignóbeis exploradores da minha fortuna e do meu infortúnio. Em dois amigos quase da infância achei dois

miseráveis sem moral, nem
consciência.

Fiquei sem as santas prisões da família e sem a
doce confiança da
amizade.

Quis tomar conta dos meus bens e criar para mim
uma família e empenhei
me em acertar com um bom procurador, e com uma
donzela digna de ser
minha noiva, e todos os procuradores que estudei,
eram homens repulsivos
e alicantineiros e todas as donzelas que observei
me inspiravam
repugnância, pelas suas ruins qualidades morais, e
gravíssimos defeitos.

Para qualquer lado que me voltei, fitando a minha
luneta, vi somente sob
falsas aparências corações corrompidos pelos vícios,
ou enegrecidos pelo
crime.

Não houve uma exceção!... todos os homens
hediondos, todas as mulheres
ainda piores que os homens! O mundo pareceu me
povoado por demônios de
ambos os sexos; porque fora absurdo acreditar, que
somente na cidade do
Rio de Janeiro toda a população nacional c
estrangeira fosse má e
estivesse pervertida.

Descobri no sol fontes de terríveis calamidades, no
beija flor uma
criatura malvada; na imprensa uma instituição

condenável, em
estabelecimentos de caridade lições e praticas de
desumanidade.

Descri do advogado, do padre, do sábio, do artista,
de todos e de tudo!

Achei me na terra sem um parente amado, sem um
parente possível, sem uma
noiva possível sem sociedade possível.

Em todos vi o mal; porque em breve desconfiei
mesmo daqueles, que não
estudara por mais de três minutos com a luneta
mágica.

A visão do mal me causava já certa espécie de
terror; um dia lembrou me
fitar a luneta no prato que acabavam de servir me
ao jantar; mas

estremeci, e não a fitei, receoso de encontrar
veneno; que me importava
ser envenenado?... era melhor não ver.

Foi assim que passei mais outro mês que se
arrastou como um século

Que viver de torturas!

Tende piedade de mim, meu Deus! tirai me deste
mundo, onde eu vivo só,
absolutamente só em solidão infernal, ou com um
único, inseparável,
amaldiçoado, mas implacável e sinistro
companheiro, com o mal que eu
vejo em tudo, em todos, em toda a parte.

Capítulo 21

O armênio tinha razão: a visão do mal é um poder

fatalíssimo, uma
faculdade que aniquila a paz, o sossego, as
afeições, a vida do
desgraçado que tem esse poder; mas agora é tarde!
é muito tarde;
precipitei me em escarpado precipício, e é inevitável
que eu vá morrer
no fundo do abismo.
Pode se viver sem crenças, sem a mais tênue
esperança, sem o mais dúbio
raozinho de confiança em algum homem, em
alguma mulher... pode se;
porque é assim que estou vivendo.

Capítulo 22

Recebi hoje uma carta do Reis, a quem não tornarei
a chamar meu amigo;
pois não me é possível ser amigo de homem algum.
Eu não tinha voltado à casa do Reis nem para
cumprir o dever de
cortesia, indo render-lhe agradecimentos, e também
ao armênio pelo favor
da luneta mágica.
Não voltei e não volto lá: detesto o armênio e
desconfio do Reis; o
melhor sinal de imerecida gratidão que a ambos
posso e devo dar, é
esquecê-los, é não ir lá fitar por mais de três
minutos sobre eles a
luneta que me deram: o armênio é concentrado e
rude; o Reis é expansivo
e obsequioso; quem sabe o que a minha luneta me

mostraria no intimo de
qualquer deles?...

Devem ficar me muito agradecidos por não ir vê-los:
detesto o armênio,
desconfio do Reis; não quero relações com eles.
Mas a carta do Reis deu me que pensar; ei la aqui
ipsis verbis.

"Rio de Janeiro, 1.º de abril de 1868: Ilmo. Sr.: Não
mereci a graça de
uma visita de V. S a depois da noite da operação
cabalística do armênio,
e apenas desde anteontem comecei a ter singulares
noticias da sua luneta
mágica; mas de modo que sou obrigado a pedir a V.
S B o favor de
explicações que me são indispensáveis.

"Há dois dias que o meu armazém é procurado por
numerosos fregueses e
desconhecidos que se empenham por obter
esclarecimentos relativos à
luneta mágica. Muitos zombam do caso, atribuem
maravilhas inconvenientes
que se contam à exaltação perigosa da imaginação
de V. S.^a; exigem porém
informações sobre o armênio e sobre a operação
cabalística, de que têm
notícia não sei por quem.

"Outros, e infelizmente não são poucos, pretendem
que com a luneta
mágica tem V. S.^a a faculdade de ver os corações e
as consciências de
quantos observa por mais de três minutos,
descortinando assim segredos,

vícios que se escondem, erros que se ocultam e más qualidades que se dissimulam, protestando todos contra o perigo social que pode resultar de tão fatal e assombroso poder de encantamento. "Alguns enfim incômodos e teimosos querem por força que eu lhes venda lunetas iguais à sua, e perseguem me com instâncias que me perturbam o sossego.

"O maldito armênio diz que está pronto a encantar lunetas, sem dúvida com intenção maléfica; eu porem não consinto que ele apareça no armazém.

"V. S.^a compreende que tenho urgente necessidade de saber tudo quanto há e se tem passado em relação à sua luneta mágica. "Devo aos meus fregueses e ao público em geral explicações sem reservas, transparência sem a mais leve sombra em tudo quanto se prepara e se faz, se imita, se aperfeiçoa, se inventa e se realiza nas minhas oficinas, e de quanto se vende no meu armazém ou dele sai, no cumprimento deste dever há para mim escrúpulo e honra; peço pois a V. S a que me habilite para dar esclarecimentos e informações às pessoas que incessantemente me estão procurando, e inquirindo sobre esse importante assunto Sou etc. Reis."

Capítulo 23

A carta não me foi agradável; refleti por algum tempo e resolvi não responder ao Reis; a falta de resposta era inqualificável grosseria; eu porém já tinha em tão profundo desprezo e aborrecimento os homens, que pouco ou nada me preocupava a idéia de ofender o Reis. Decidi-me a fazer de conta que não recebera a carta. Mas quem poderia ter atraído o meu segredo? Tornou patente a minha facilidade da visão do mal?... Só três homens: O armênio, de cuja ciência mágica se duvidava, e cujo testemunho era portanto suspeito, e para quase todos seria ridículo. O Reis que me escrevia, interrogando-me, e que por consequência nada sabia, visto que perguntava. O velho Nunes que assistira a cena dos trabalhos mágicos do armênio e a quem no dia seguinte eu confiara imprudente, louca e desastrosamente o segredo do poder miraculoso da minha luneta mágica. Portanto, o traidor, o propalador do segredo fora o velho Nunes, o procurador imoral e refalsado, de quem eu fugira, e a cujo convite para jantar no seio de sua família faltara sem escusas ulteriores nem

satisfações.

O velho trapaceiro e ignóbil procurava pois vingar se do meu desprezo, denunciando a todos, publicando a força prodigiosa da luneta que eu possuía.

Vingança estéril, vã, estúpida! Que me importa o juízo dos homens? Que me importa o mundo?

Mundo, homens, velho Nunes e minha própria vida eu embrulho todos e tudo isso nos trapos ascosos do meu mais profundo desprezo,

Não dei a menor importância à revelação traidora, mal intencionada do velho Nunes: pensei que ainda quando ela pudesse trazer me desgosto e porventura colocar me em circunstâncias embaraçosas e desagradáveis, nem por isso chegaria a tornar me mais desgraçado do que eu já era.

Atirei com a carta do Reis sobre a mesa, tomei o chapéu e sai a passear para desferrar me de três dias de misantropa reclusão, a que me condenara.

Eu levava comigo o suplício da visão do mal, e não pudera imaginar que ainda outro suplício e igualmente horrível por ela me estivesse esperando no mundo em que vivia.

Saí, como disse, e avançara apenas alguns passos, quando reparei que

muitas pessoas fugiam de encontrar me, que outras voltavam me as costas, que as senhoras se retiravam apressadas das janelas.

A princípio não pude explicar o fenômeno; logo depois, porém, lembrou-me a insidiosa revelação do velho Nunes, e compreendi que me fugiam por medo da minha luneta mágica.

- Fogem, disse rindo-me; fogem, porque lhes doem as consciências e se reconhecem todos hipócritas e maus.

Era a primeira vez que me ria desde dois meses; o meu riso, porém, era cheio de fel, era o rir de maldição irônica lançando em face à humanidade demônio.

Era quase noite; cheguei à Praça da Constituição, e entrei no jardim que estava cheio de povo.

De súbito ouvi surdo e longo ruído de centenas de vozes, semelhante ao trovejar longínquo da tempestade afastada; que me importava isso?...

Continuei o meu passeio pelas ruas do jardim, mas antes de três minutos a Praça achou-se deserta, e no jardim apenas a estátua equestre e eu!...

- Que gente! exclamei sem poder conter-me: não há um homem, não há uma mulher que ouse afrontar a luneta mágica. Veio-me o desejo de olhar e estudar a estátua

eqüestre; imediatamente
porém senti tanta repugnância ao desengano
provável das idéias e
sentimentos que eu acreditava ou antes acreditara
presidindo e dirigindo
o acontecimento majestoso e patriótico que esse
belo monumento comemora,
e atesta com sublime ufanía que cedendo a
generoso impulso, não quis
contemplá-lo, e deixando o jardim, dirigi me ao café
vizinho, à muito
conhecida casa do Braga.

Entrei, sentei me a uma das primeiras mesas, e
pedi uma xícara de café.

A sala estava atopetada de fregueses; mas apenas
entrei, e tomei um
lugar, despovoou se de improviso, e um servente
rude e mal educado veio
de mau modo dizer me que não havia mais café, e
que a casa dispensava a
minha freguesia, e muito me agradeceria, se eu não
tornasse a aparecer
ali.

Desta despedida formal a uma expulsão à viva força
a distância era
pequena e quase nula, era a intimação antes da
violência; eu tinha por
mim o meu direito incontestável de ser servido,
pagando o que se
garantia ao gozo publico; a lata, a contenda porém
não me podia convir:
traguei o insulto, e saí sem responder uma única
palavra ao caixeiro

selvagem.

Andei às tontas, sem destino e sem norte pelas ruas; às oito horas da noite dirigi-me a um dos nossos teatros, pouco importa saber qual, comprei um bilhete, e fui tomar a minha cadeira. Mal acabava de sentar-me, ouvi dizer perto de mim: "é ele!"

A essa voz que soava em tom baixo, seguiram-se outras que repetiram com ecos surdos: "é ele! "

Dentro em pouco o sussurro transformou-se em ruído, o ruído em desordem: as senhoras que estavam nos camarotes, recuaram os seus bancos até não poderem ser vistas, espectadores das cadeiras e da platéia levantaram-se ao mesmo tempo como um só homem, e geral gritaria de "fora! fora! fora!" ribombou estrepitosa, insistente, ameaçadora no teatro.

Um porteiro veio humildemente pedir-me que me retirasse, oferecendo-me com estúpida e revoltante aparência de benignidade a vil quantia, por que eu pagara o meu bilhete; resisti e furioso disse uma injúria ao mísero porteiro.

Mas a gritaria tempestuosa continuava; insultos desabridos, ameaças ferozes chegaram a meus ouvidos; a polícia interveio debalde em meu favor; a pateada violenta ameaçava degenerar em

motim. No maior fervor da borrasca recebi da autoridade policial não uma ordem, porém um pedido para retirar me do teatro, do qual então imediatamente sai vexadíssimo, ardendo em cólera, ferido pela reprovação de todos, e ao som dos aplausos escarnecedores, com que era festejada a minha vergonhosa retirada.

Capítulo 24

Nos dois seguintes dias teimei em aparecer ao público e experimentei iguais testemunhas de geral condenação. Nas ruas e praças fui cem vezes apupado. Na tarde de um desses dias tentei ir passear a Niterói; mas a minha entrada na ponte da companhia Ferry, produziu um movimento ameaçador entre os passageiros, e eu tive logo de sair da ponte ao ouvir algumas vozes sinistras que repetiram: "deitá-lo emos ao mar!" Em um hotel negaram se a dar me o jantar que pedi. O cocheiro de um carro da praça não quis acudir ao meu chamado. E ninguém mais fugia de mim, porque todos me espantavam com ameaças. No terceiro dia fiquei encerrado em casa; mas à noite fui a um aparatoso

baile, para o qual estava desde algumas semanas convidado.

Era uma brilhante festa dada em aplauso e honra de um casamento com ardor desejado, e com júbilo abençoado pelas famílias dos noivos.

Apenas apareci foi extraordinária a agitação que se sentiu na sala cheia

de convidados, as senhoras encheram se de terror, e cobriram os rostos

com os leques e os lenços, a noiva esteve a ponto de desmaiar; os homens

deixaram me perceber pragas que a cortesia, e o respeito à sociedade

onde estavam, abafavam; o dono da casa três vezes encaminhou se para mim

e outras tantas recuou confuso e com evidentes sinais de contrariedade;

eu o compreendi, e poupando lhe o amargor de uma despedida formal, fiz o

que me cumpria: fugi desesperado, chorando de raiva, e cada vez mais

convencido da malvadeza de toda a humanidade.

Capítulo 25

Que noite de cruel vigília ainda mais cruel do que tantas outras, cujos

horrores já havia provado!

Eis me pois ainda mil vezes mais desgraçado do que dantes!

Não creio em homem algum, em mulher alguma: sou a descrença viva,

ceticismo animado.

Desconfio de todos.

Aborreço a vida, mas sendo obrigado a Viver, como vai correr a minha vida?

Um por um todos se arreceiam de mim, e todos me detestam.

Em toda parte sou por todos enxotado, de toda parte repellido.

Ninguém me quer ver; quando apareço, ninguém me tolera.

Tocou me a lepra moral.

Eu sou como a peste, pois todos fogem de mim; sou pior que a peste, sou como um cão hidrófobo que se persegue, e cuja morte se deseja!

Oh, meu Deus! meu Deus! Eu sou católico e é somente por isso que não me mato; mas se alguma vez o suicídio pudesse merecer o perdão, a vez do perdão do suicídio era esta.

Meu Deus! eu pequei, confiando na magia, entregando-me a um pérfido mágico, aceitando para meus olhos o socorro do demônio!

Perdão, meu Deus!

Oh!... como é bom não ver!!!

Capítulo 26

Não sei, não posso dizer quantas vezes nessa noite furioso lancei mão da luneta mágica para quebrá-la; mas, com vergonha o

confesso, nunca tive
animo bastante para realizar o meu pensamento.
Não dormi um instante, chorei quase toda a noite, e
quando não chorei,
revolvi me, debati me no leito em agitação violenta,
e devorado por
abrasadora sede.

Capítulo 27

Na manhã seguinte eu tinha os olhos inchados, a
cabeça atordoada, e o
rosto inflamado; senti me doente; mas não quis
anunciar o meu estado.

Às dez horas introduziram no meu quarto o Sr. A...,
o dono da casa,
donde eu fora expelido na noite antecedente.

Recebi o sem ressentimento.

- Está doente ? perguntou me.

- Um pouco; sofri muito esta noite.

- Eu o previ, meu amigo, e por isso me apressei a
vir dar lhe

explicações, que reputo indispensáveis até para o
bem do seu futuro.

- Agradeço a sua bondade; eu porém sei tudo e sei
demais.

- Que sabe, pois?

- Que um miserável, o muito conhecido velho

Nunes, fez espalhar a

notícia de que eu possuo uma luneta magica, pela
qual chego à visão do

mal, e descubro todos os segredos e todas as
maldades e vícios que se

escondem e se dissimulam; e que o medo que causa n minha luneta faz com que se levantem contra mim todos os homens, porque com efeito todos são perversos e temem que sejam conhecidas suas perversidades.

- E então...

- Então desde que se espalhou tal noticia eu tenho sido apupado, insultado, repellido por toda parte, onde apareço. Não é isto?

- Não é tudo, como lhe parece.

- Explique se.

- Não se ofenderá se eu lhe disser toda a verdade?

- Não: diga tudo.

- Meu amigo; a população da nossa capital é muito civilizada, e não acredita no poder da sua luneta mágica.

- Neste caso por que me fogem?... Por que me apupam?... Por que me temem?

- Aqueles que o têm perseguido com apupadas e os que fogem tremendo da sua luneta dividem se em duas classes, uma a que pertencem todos os crédulos e pobres de espírito que ainda prestam fé a feiticeiros e artes mágicas: há dessa gente em todas as capitais; a outra é a dos garotos que ousam rir e zombar de infortúnios e males a que todos estamos sujeitos.

- Que quer dizer?

- Quanto aos mais eu vou dizer lhe o que há, e arme se de coragem para ouvir me.
- Nada mais me pode admirar, e menos assustar neste mundo.
- O velho Nunes, que se proclama seu amigo e intimo confidente, foi com efeito o propalador das notícias que correm; e sabe o que se pensa? O que todos acreditam?
- Diga.
- Que o senhor, tendo imaginação ardentíssima e fraquíssima razão, foi arrastado por um pérfido e malvado armênio até deixar se dominar pela mais inacreditável mania; que por isso o senhor imagina ver o que não vê, o que não é real; supõe, julga infalível a visão extraordinária da sua luneta, e nas confidências de alguns amigos, que aliás abusam da sua credulidade enferma, descreve os corpos, e expõe íntimos das consciências de quantas senhoras, e de quantos homens fita com a sua luneta.
- Mentira e verdade! corpos não, é falso; minha luneta é honestíssima; almas sim, minha luneta as patenteia plenamente, e eu tenho visto em todos hediondas maldades.
- Não discutamos agora esse pretendido poder da sua luneta. O que é

certo é que o simples receio de que o senhor, acreditando que vê realmente o que apenas molestamente imagina, e que descreve em confidências de amigos quadros físicos, defeitos e virtudes, em que ninguém crê; mas que em todo caso ridiculizam não pouca as vítimas da sua luneta, faz com que todos o evitem, todos o queiram longe, todos temam somente o ridículo que provém do que chamam sua manta.

- Mania!!! que o seja embora; mas eu juro que não tenho um só amigo, que não tenho confidentes: isso é calunia.

- Cumpra me dar lhe estas explicações, meu amigo. Fique certo de que não há homem, nem senhora de juízo que dê importância e que tema a sua luneta mágica; mas das suas falsas apreciações, e dos sonhos extravagantes mas não recatados, não ocultos da sua imaginação resultam o ridículo de que todos querem escapar.

- Entendo o perfeitamente.

O Sr. A... disse me ainda algumas palavras consoladoras; convidou me a tratar da minha saúde alterada pelo excesso de imaginação, e fraqueza do espírito e deixou me enfim.

Capítulo 28

E esta!

Por conseqüência estou definitivamente declarado doido pela opinião pública que e a rainha do mundo, e cujos decretos não tem apelação.

A humanidade perversa e infame engenhou o mais seguro dos meios para livrar se de mim: não há recurso contra ela.

Todos os homens, todas as mulheres cientes do meu poder, todos e com eles e elas todos os médicos, autoridades declaradas e decretadas na matéria dizem- que estou doido!

Não há, não pode haver uma só voz que proteste contra a sentença; porque a todos eles e a todas elas convém que eu seja reconhecido- doido.

Há só uma voz que pode e há de protestar, é a minha, a voz suspeita, a voz do doido.

Por conseqüência estou- doido! ! !

E amanhã, ou hoje mesmo, talvez daqui a uma hora, quatro ou seis policiais quatro ou seis urbanos virão agarrar me, e hão de conduzir me ao hospício da Prata Vermelha!...

E meu irmão se mostrará compungido, e a prima Anica fingirá chorar, e a tia Domingas rezara por mim nos seus rosários!!! E rir se ão todos de mim!... e me chamarão o-doido!

Meu Deus! estarei eu realmente doido?...

Ninguém compreende os tormentos que sofri com

esta nova perseguição da perversidade dos homens, com esta idéia da - loucura - que começou a agitar me.

O atordoamento da minha cabeça aumentou, a febre devorou me com milhões de línguas de fogo e eu bradei em alta voz: - Água! água! quem me dá água?...

Capítulo 29

Lembra me que vi entrar o mana Américo, a tia Domingas, a prima Anica, e meia hora depois o médico da família.

Lembra me que eu quis falar e não pude, porque faltou me a voz; lembra me que procurei saltar fora do leito e não pude; porque me seguraram.

Lembra me que instintivamente cerrei a minha luneta na mão direita, e que não houve esforço humano que pudesse conseguir abrir me a mão, até que o médico, chegando nessa conjuntura, proibiu severamente o emprego de tal violência.

Lembra me que a prima Anica perguntou:

- Ele está mesmo doido, senhor doutor?

E que o médico respondeu:

- Veremos.

Sábria resposta que não resolvia a questão.

Lembra me que o doutor sangrou me copiosamente no braço esquerdo.

Vi tudo isso sem poder dizer que estava vendo.

Depois saíram todos, deixando ao pé do meu leito dois escravos possantes para, em caso de necessidade, conter o doido. Creio que dormi; quanto tempo não sei, talvez mais de vinte e quatro horas.

Quando acordei, senti penetrante dor na mão direita: eram os meus dedos que pregados na parte superior da palma da mão defendiam a luneta mágica; abri os dedos, levantei-os a custo.

Quis ensaiar a voz e disse:

- Água!

Deram-me água, que bebi com ardor febril.

Descansando outra vez a cabeça no travesseiro, tornei a cerrar os olhos, mas com a consciência de me achar completamente acordado e

refletidamente determinado a fingir que dormia.

O meu coração palpitava normal, eu não sentia mais nem atordoamento de cabeça, nem calor, nem sede; estava pois muito melhor, estava apenas um pouco abatido.

Ordenei minhas idéias, recordei quanto se havia passado, e tirei de tudo

duas principais conclusões; primeira: que havia geral conspiração para

que eu fosse declarado doido; segunda: que eu me achava no perfeito gozo das minhas faculdades intelectuais.

E a melhor prova que a mim próprio dei da segurança do meu juízo, foi a

resolução que tomei de proceder com prudência e cautela, submetendo-me sem resistência, nem oposição ao médico e aos meus três parentes, e simulando-me ainda doente.

Havia porém uma condescendência, a que de modo algum me prestaria: era a entrega da minha luneta mágica, que em vão tinham já procurado arrancar-me; e para poupar-me a maiores lutas, tirei sutilmente o cordão que a fazia pender do meu pescoço, e ateiei-o a uma das minhas pernas. Era um recurso fraquíssimo, mas o único de que lembrei na situação em que me via com duas sentinelas dentro do quarto.

Calculei que para salvar as aparências de caridade, ao menos durante alguns dias, não empregariam violências materiais contra mim no empenho de descobrir e tomar-me a luneta.

É assim a natureza humana: na minha última noite de tormentosa vigília, tive horror da luneta mágica e até por vezes o pensamento de quebrá-la, e agora a fúria dos meus inimigos que a todo o transe queriam privar-me do poderoso meio que me assegura a visão do mal, centuplica em meu capricho o valor desse tesouro, que eu só e nenhum outro homem talvez possuí no mundo.

O homem é assim; menino mais ou menos

malcriado toda sua vida.

O espírito de oposição, o prazer de contrariar os outros começam no

berço e só acabam, quando chega a morte.

Se quiserem que algum homem grite: - "não!", ordenem lhe que balbucie: - "sim".

Capítulo 30

Asseveram que estou doido, e eu me sinto no pleno e perfeito gozo de

minhas faculdades mentais.

Mas de que me aproveita a consciência do meu estado, a certeza de que

estou em meu juízo, se o mano Américo, a tia Domingas, a prima Anica, e

toda a população do Rio de Janeiro me declaram doido ?

A opinião pública que dizem ser a rainha do mundo decretou que me acho

vitima de alienação mental.

Vitima concordo que eu esteja sendo; mas alienado?... Protesto.

Doido por quê?... Porque tenho o privilégio de descobrir o mal que se

dissimula; e porque não há máscara de hipocrisia, que resista à minha

luneta mágica!

Doido! . . .

Ah! quantos homens de juízo não andarão por aí declarados doidos somente

para que os golpes certos de suas palavras

terríveis percam a força,
com que devem ferir e despedaçar a imoralidade, os
vícios ignóbeis e até
os crimes de grandes figurões?...

Eu não creio, não posso mais acreditar na bondade
ou na virtude de homem

algum; todos são mais ou menos ruins, falsos, e
indignos; há porém

alguns que sem dúvida com o fim de ser mais
nocivos aos outros, e para

produzir maior dano, têm o merecimento de dizer a
verdade nua e crua, e

chamar as coisas pelos seus nomes próprios
tornando se verdadeiros e

francos certamente ainda por maldade.

Pois bem: esses perigosos faladores são em breve
denunciados ao publico

sempre enganado, como - doidos.

Conversem um pouco e em voz baixa com a nossa
capital, e hão de

reconhecer os fundamentos desta observação.

Um exemplo: um desses homens de palavra solta e
descomedida declara sem

cerimônia e declinando nomes que tal e tal sujeitos
que chegaram a

titulares e são considerados, lisonjeados e
adulados pela sua riqueza

nas mais elegantes sociedades, mereciam antes
estar ria casa de correção

por terem enriquecido com abusos escandalosos e
crimes, de que ele faz a

história.- É doido.

Outro exemplo: um jornalista que escreve sem

luvas de seda, chama na
imprensa ao ministro que dilapida, dilapidador ao
funcionário ou
administrador que rouba, ladrão; e assim por diante
sem limar o verso
para que não fira. Que doido!

Terceiro exemplo: um desastrado falador diz a um
pai cego e doido pelos
filhos: - "os seus filhos são vadios e procedem
indignamente;"- a um
esposo de quem é amigo:- "a vida repreensível que
vives, a depravação de
teus costumes não só te nodoam, como talvez
preparem a vergonha da tua
casa... não desesperes tua pobre mulher: corrige
te". É doido,
absolutamente doido.

E esses e outros semelhantes são doidos, e eu
também estou doido; por
que?...

Porque na sociedade a maior prova, o mais seguro
sintoma de loucura é
dizer a verdade sem rebuço, mesmo quando a
verdade pode ser desagradável
ou ofensiva.

Capítulo 31

E em certos casos de que vale a consciência ao
homem contra a guerra
teimosa e perversa dos outros homens?...
Nem Hércules contra dois; que poderá um contra
todos?...

Aqui estou eu certíssimo de me achar em meu perfeito juízo e com serias apreensões de ver me obrigado a endoidecer em breve.

Os meus parentes, os meus conhecidos, e todos crêem ou fingem crer, e dizem, proclamam, gritam por toda parte que estou doido.

Há situação mais horrível e ameaçadora?...

Considere se cada qual no meu caso.

Em casa apenas levantado da cama, e durante o dia todo a família os

parentes com hipócritas aparências de compaixão a repetiram mil vezes: -

“coitado! está doido...”

Os falsos amigos em suas visitas dizerem me: -

“trate se! creia que a sua cabeça não está boa...”

Na rua, no passeio, no teatro, em toda parte uns a rir e a gritar: -

“está doido!”; outros com voz lastimosa a murmurar: - “pobre moço! está doido”.

Durante a noite guardas possantes velando no quarto do doido.

E oito, quinze dias seguidos, um mês, família amigos, conhecidos,

desconhecidos, toda a população de uma cidade a repetir de hora em hora,

de minuto a minuto, incessantemente: - “está doido! está doido! “

Quem seria, quem é capaz de resistir a semelhante impulso violento para

a loucura?...

De que vale em tais casos a própria consciência
contra esse acordo geral

que a condena?...

O homem mais forte cede exasperado à convicção
de todos, e em breve

prazo começa a duvidar de si...

E desde que começa a duvidar de si, começa a
enlouquecer...

Oh! é horrível!... e um martírio que os algozes mais
ferozes nunca
imaginaram!

Mas eu hei de reagir!

Zombarei da fúria desses monstros que se chamam
homens.

Sinto-me grande, porque sou um a assoberbar a
todos.

E para assoberbá-los é condição indispensável
sofrer com frieza,
resignação, e sem desesperar: saberei fazê-lo; e
além da frieza e da
resignação no sofrimento, é também essencial o
mais profundo desprezo da
humanidade.

Oh! é impossível que eu a despreze mais!

Capítulo 32

Era dia, e eu estava lá cansado de refletir e de
esperar.

Fraco, abatido e apreensivo, uma prolongada e
grave meditação podia ter
conseqüências funestas para mim; tive medo da

exaltação do meu espírito
mas para dominá-la, para arrancar me a ela, eu
precisava de uma
distração poderosa.

Mas de que modo entreter me, distrair me no triste
encerro do meu sótão;
deitado no meu leito, e com guardas a dois
passos?...

De que me havia de lembrar?.., da minha luneta
mágica; foi uma lembrança
muito natural.

Tanto tempo já tinha passado sem que eu gozasse
o poder miraculoso desse
tão perseguido vidrinho ótico!

Não pede conter me; a que risco me expunha?... os
meus guardas eram
escravos da família e habituados a respeitar me; eu
estava certo de que
eles não ousariam vir lutar comigo para me tirar
com violência a luneta
mágica.

Não hesitei.

Com o maior cuidado e sossego desatei a luneta
mágica, que pouco antes
atara prudentemente a uma de minhas pernas, e
deitado, como estava, não
tendo objeto de escolha ou de preferência em que a
fitasse, fitei a
indiferentemente no teto da casa.

O sótão, onde eu tinha o meu aposento, era
cômodo, porém muito modesto,
conforme as regras de humildade da tia Domingas;
o teto era de telha vã,

e a casa já contava de existência meia dúzia de lustros.

O que a minha luneta me mostrou foi uma multidão de insetos muito

comuns, e demasiadamente conhecidos de todos nós para que eu me ocupe em

fazer a sua descrição, segundo os apreciei durante os três minutos da

visão das aparências.

Chegada porém a visão do mal que imensa corte de demônios! Quanta

maldade em corpos tão pequenos!

Capítulo 33

Vi um grilo.

Em sua natureza maléfica o perverso diabrete sentindo se incapaz de

produzir maior dano, rogando uma contra a outra base de seus élitros

produz o que lhe chamam canto, e que é um dos pequenos tormentos da

humanidade.

Não julgueis que é insignificante o malefício

perturba o sono, gasta a

paciência, arranha os ouvidos, ofende os nervos e impede o sossego.

O grilo com o seu canto desagradável, teimoso, e importuno, é o tipo

desses homens cruéis, estafadores da cortesia alheia, que muitas vezes

tomam conta de uma pobre vítima que tem em que se ocupar, e horas

inteiras a martirizam com interminável massada.
Felizmente para mim os grilos são mais frequentes
nas assembléias
legislativas, do que no meu sótão.

Capítulo 34

Ao pé do grilo um seu irmão pela família vi um
gafanhoto: outro malvado
e ainda muito pior; é flagelo em vida, e o tem sido
depois de morto.
Vivo, o gafanhoto é o inimigo do jardim, do pomar e
da lavoura; dotado
de infernal gula devora flores e folhas, ervas e
searas; pelo seu peso
parece desprezível, e todavia quando invade em
multidão incalculável,
quando é praga que ataca, ao seu peso estalam
árvores que derribadas
caem.

Morto, o gafanhoto é em certas circunstâncias muito
pior e nisso tem por
igual o seu irmão grilo. Dado o caso de emigração
ou de praga de
gafanhotos e de grilos, se uma súbita mudança
atmosférica, alguma
tempestade dá cabo deles, a conseqüente
putrefação da imensidade desses
malvadinhos determina a peste que povoa os
cemitérios.

Os grilos e os gafanhotos não são melhores que os
homens.

Capítulo 35

Vi uma pulga. A perversa estava cheia de sangue,
talvez meu, com que se
havia regalado, e atenta descansava em suas
grandes patas posteriores
pronta a dar o salto de ataque ou de retirada.
A pulga é a parasita sanguinária que vive à custa
de muitos quadrúpedes
e que não pouco persegue o homem.
Vive de beber sangue a atroz, e freqüentemente
agrava a atrocidade,
ultrajando o decoro com perseguição revoltante.
Inimiga declarada do
homem e da senhora, ousa devassar o leito da
honestidade e do recato,
morder sem piedade a menina, a donzela, a esposa,
a matrona, que
temerosas dão se a mil cuidados e diligências para
descobrir e apanhar a
incômoda sanguinária antes de se deitarem.
No teatro a pulga não falta, no baile também
salteia, e assalta, embora
menos freqüente; às vezes vemos no teatro ou no
baile uma elegante
senhora, que parece preocupada, que indicia no
rosto, e em leves
movimentos contrafeitos achar se de mau humor ou
indisposta; debalde lhe
perguntamos se sofre, ou se alguma coisa lhe falta:
ela o não confessa;
é porém uma pulga insolente, que aferrada entre os
dois níveis pomos, ou

abaixo de algum deles lhe sorve o sangue com atrito cruel.

A pulga é um demônio que faz inveja a muita gente sem generosidade.

Capítulo 36

Vi um mosquito: outro monstro sanguinário dez vezes mais bárbaro que a pulga; porque a pulga farta se do sangue em silêncio, e não zomba das vítimas, e o mosquito, à semelhança dos selvagens e dos bárbaros que dançavam festivos em roda dos cadáveres de suas vítimas, o mosquito, digo, bebe sangue ao som da música, ou antes e depois de bebê-lo em nossos corpos, canta enfadonho, insuportável, desatinados, insistente como o grilo.

A natureza, que se me afigura mãe, fonte exclusiva do mal, auxiliou a perversidade do mosquito, dando lhe, em facetas imperceptíveis e inumeráveis, imperceptíveis e inumeráveis olhos, com os quais o mosquito vê perfeitamente para diante e para trás, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, pelo que é lícito concluir uma coisa horrível isto é, que cada mosquito enxerga muito mais do que os afamados estadistas do Império do Brasil, que, segundo o

testemunho dos fatos,
mostram ser tão míopes como eu.
Por esta consideração ainda mais detesto o
mosquito.

Capítulo 37

Vi o cupim.

O cupim não é sanguinário, mas a sua malvadeza
não é menos prejudicial à
sociedade.

A visão do mal patenteou me segredos incríveis que
li no seio recôndito
desse inseto destruidor.

O cupim estraga, aniquila mais cabedais do que
certos ministros da
fazenda e de obras públicas que temos tido no
império do Brasil: façam
idéia de quanto ele estraga para vencer na
comparação!

Conhecendo a faculdade destruidora do maldito
inseto, os carpinteiros,
os livreiros, os alfaiates e as modistas fizeram
comércio de amizade, e
pacto de aliança com o cupim, e todos reunidos
representam e formam uma
firma comercial sob a denominação de Cupim e Cia.
Em dois anos arruma se uma casa, em dois meses
fica em pó e renda uma
biblioteca, em duas semanas torna se sem
serventia um guarda roupa.
E note se, o cupim é implacável, profundamente
desprezado de todas as

conveniências, e revoltoso ao ponto de não dar importância nem a um decreto referendado pelo ministro do império; em seu furor o cupim é capaz de não parar nas velhas calças brancas da corte, e de ir até roer as novas calças azuis dos nossos gentis homens. O cupim é portanto um inseto monstro que deve ser posto fora da lei.

Capítulo 38

Além do cupim vi uma aranha.

Feio bicho; era porém ele que principalmente dominava o teto do meu sótão.

No centro da imensa teia que se estendia em admirável rede de mil fios entrelaçados por baixo de todo o telhado, o diabo da aranha se ostentava soberana.

A um movimento do ar que sacudia tênue fio da teia, a aranha avançava logo para, se era preciso, remendar ou dar nó à rede; ao toque de um inseto os fios tocados enlaçavam a mísera presa que a aranha ia logo devorar sem piedade.

O sistema da centralização política e administrativa estava ali

perfeitamente realizado pela aranha.

Era exatamente como a administração, a polícia e a guarda nacional do

Brasil.

Mas a aranha ia em perversidade muito além desse domínio escravizador do telhado.

Feia, assassina, terrível, a aranha excede em cruzeza a todos os animais irracionais, e, oh assombro! até aos racionais, até aos homens!

Como todos os insetos carnívoros caça, mata e devora outros insetos.

Pior que os outros insetos assassinos, guerreira, e mata os da sua própria espécie a semelhança dos homens.

E ainda pior que os homens, a aranha, o tipo da malvadeza levada ao

zênite, a celeradez nec plus ultra, à mais horrível exceção em tudo, a

aranha mistura o amor com o ódio e o gozo com o assassinato, a aranha

cede ao instinto, obedece à lei da reprodução da espécie, e satisfeito o

império natural da lei, a aranha, como a antiga e fabulosa amazona,

ataca, fere, e mata aquele mesmo que pouco antes lhe dera a glória

próxima de encher de ovos prolíficos a sua tela.

Onde se viu perversidade semelhante!!!

Capítulo 39

Horrorizado da aranha, desviei dela a minha luneta mágica e em movimento

de repulsão levei a até uma das extremidades do

telhado, onde encontrei
metade do corpo de um rato que me olhava
esperto, e com ar que me
pareceu de zombaria.

Senti vivo desejo de estudar o rato e fixei o com a
minha luneta; mas o
tratante somente se deixou exposto durante minuto
e meio, e fugiu me,
deixando me ouvir certo ruído que me pareceu
verdadeira risada de rato.

E fiquei sem poder apreciar esse quadrúpede roedor
e daninho pela visão
do mal!

O rato é de todos os animais que tenho encontrado,
o único que não me
foi possível estudar tanto quanto desejava.

Por quê?...

Seria isto efeito do acaso?

Ou é que os ratos tem no Brasil o privilégio de
escapar à justa
curiosidade, e às justíssimas diligências
perseguidoras de quem os deve
apanhar, e pôr em boa guarda?...

Não creio nesta segunda hipótese.

As ratoeiras abundam; todos o sabem.

Agora o que desconfio que seja verdade, e que a
justiça pública arma

ratoeiras que só apanham os camundongos, e deixa
e tolera que famosas
ratazanas vaguem impunes, floresçam e brilhem,
fazendo farofa pelas ruas
da cidade.

Capítulo 40

Ainda conservava fixada a minha luneta mágica no ponto donde me fugira o rato, quando senti rumor de pessoas que vinham subindo a escada do sótão e ouvi distintamente a voz do médico.

O meu primeiro cuidado foi imediatamente esconder a luneta do mesmo modo que antes fizera, e em seguida fechei os olhos e fingi que dormia tranqüilo sono.

Era meu intento, fingindo me adormecido, ouvir as observações do médico e dos meus três ruins parentes para saber o que devia esperar e temer, e como me cumpriria, ou me conviria proceder.

Confesso que foi grande atrevimento meu querer iludir o médico com um sono falso; contei porém a ligeireza habitual dos exames de muitos

desses doutores que, depois do primeiro e esmerilhado estudo do doente, supõem governar a natureza e a moléstia, e dão a cada uma de suas visitas a duração de cinco minutos por cerimônia. Desconfio que a visão do mal tem me tornado mordaz; mas os homens merecem ser tratados assim.

Capítulo 41

Entraram.

Reconheci as vozes do doutor, do mano Américo da tia Domingas, e da prima Anica.

- Ele dorme, disse a prima Anica.
- Sono reparador, observou o medico com um tom magistral.

E logo tomou me o pulso com a maior delicadeza para não me despertar; tocou me a fronte, passando por ela a palma da mão, e examinou me o calor dos pés.

- Do mais grave perigo está salvo, disse então o doutor; operou se uma crise benéfica, e a congestão foi a tempo embaraçada. Respondo pelo nosso homem.

- A noticia não pode ser mais agradável, disse o mano Américo; mas eu receio muito alguma recaída...

- Não é impossível.
- A causa subsiste...
- Que causa?...
- A posse em que ele está da luneta que supõe mágica.
- Luneta que é obra do diabo! exclamou a tia Domingas.
- Luneta aleivosa e má, acrescentou a prima Anica.
- Minhas senhoras, não indiciem acreditar no poder mágico da famosa luneta para que eu não me convença de que devo tratar aqui de três doentes em vez de um.
- Essa é boa! tornou a tia Domingas: pois seria a

primeira vez que o espírito maligno fizesse das suas no mundo? Bem se diz que os médicos não são religiosos.

- O senhor doutor talvez tenha razão, disse Anica; há porém coisas que fazem tontear a gente!

- Eu creio, respondeu o médico em tom brincão: a senhora por exemplo não tem em si o espírito maligno, e contudo aposto que terá feito andar às tontas as cabeças de muitos moços de bom gosto.

- Ora, ora.

- Mas, doutor, acudiu o mano Américo; tratemos seriamente deste caso: eu também não tenho a simplicidade pueril de acreditar no poder mágico da luneta fatal; todavia meu irmão está possuído dessa idéia.

- O que é mau sintoma, convenho.

- Muita gente se julga ofendida pela luneta e a teme...

- Segue se que também é preciso tratar dessa gente que padece tanto, como seu irmão.

- O doutor graceja...

- Não; falo sério.

- Penso que convinha muito e ainda mesmo à força tomar essa luneta, e quebrá-la.

- Francamente, disse o médico; julgo que seu irmão iludido por um suposto mágico, tem se tornado vítima da própria

imaginação exaltada no maior extremo; com efeito essa ilusão, de que ele é escravo, assumiu o caráter de mania...

- Então...

- Ou é possível ou impossível curar lhe a manta: se é impossível, para que atormentar seu irmão inutilmente? Se é possível, nós o curaremos da mania mais tarde...

- Mas...

- Agora eu o vejo escapando apenas a um ataque cerebral que ameaçou tomar proporções terríveis, e o ressentimento de qualquer violência que ele sofresse, seria capaz de levá-lo à sepultura.

- E a influência maléfica da luneta?...

- Proíbo que contrariem e que desgostem de qualquer modo o nosso doente.

- Então ele está realmente doido, senhor doutor? perguntou Anica.

- Cuidado, minha senhora; seu primo foi muito seriamente ameaçado de uma congestão cerebral; acudimo-lo a tempo; conseguimos prevenir um caso talvez desesperado, mas qualquer imprudência pode ainda ser fatal.

- A minha pergunta...

- Foi menos prudente; se seu primo a ouvisse receberia cruel impressão.

Felizmente ele dorme.

Capítulo 42

Senti verdadeira dor de consciência por estar com o meu fingido sono enganando ao homem que tão decidido me defendera.

Abri os olhos; fiz de conta que despertava.

- Como vamos? perguntou me o doutor.

- Acho me bom; mas fraquíssimo.

- Fui eu que o enfraqueci: tirei lhe sangue, como nenhum outro médico se lembra mais de tirar; agora a moda é condenar a lanceta; eu porém adoro ainda a minha...

- Obrigado, doutor. Se me quiser estender sua mão, eu a beijarei... duas vezes.

- Tão bom me acha?

- Pela minha gratidão acho o ótimo.

- Logo nem todos os homens são maus.

Compreendi a alusão e guardei silêncio.

- Daqui a alguns dias resolveremos esta importante questão; agora não

lhe permito conversar nem mesmo com os seus parentes.

- Pode ficar descansado nesse ponto, doutor; juro lhe que não lhes darei nem palavra.

- Que ingrato! murmurou Anica que me apertava uma das mãos.

- Além disso quero que esteja absoluta, perfeitamente tranqüilo, e sem a mais leve apreensão triste ou temerosa no ânimo.

- Como?
- Que é da sua luneta?
- Tenho a escondida, doutor.
- Escondida por que?
- Não me pergunte o que sabe: a minha luneta é o único tesouro que possuo no mundo ou na vida, e querem roubar ma!!!
- Não é preciso exaltar se tanto; confie mais em seus parentes que o amam, e que são os primeiros a garantir lhe a posse do seu pretendido ou verdadeiro tesouro.
- Ontem à noite empregaram a força, lutaram, magoaram me para arrancar me a luneta...
- Engana se: ontem à noite o senhor teve ardente febre e delírio... não se passou, o que acaba de dizer; pode usar de sua luneta sem receio algum; tranquilize se, serene o seu espírito os seus parentes estão aqui, e em prova de cuidado e de amor estão prontos, embora não seja isso necessário, a dar lhe todas as seguranças...
- Sim, mano Simplício, disse Américo com acentuação enternecida; podes usar da tua luneta com a mais plena liberdade, que eu serei o primeiro a fazer respeitar por todos os meios.
- Benza te Deus, menino! Que mal nos faz a tua luneta? exclamou a tia Domingas.
- Primo, eu preferiria morrer a causar lhe o menor

desgosto, assobiou suavemente Anica com a sua voz de música afinada.

- Já ouviu? perguntou me o doutor.

Eu estava dentro de mim revoltado contra aquela hipocrisia refinada dos meus três parentes inimigos; por eles media, aquilatava ainda uma vez a perversão e a malvadeza da humanidade, e em meu assanhado ressentimento desejei castigá-los, ostentando a minha desconfiança.

O médico proporcionou me a oportunidade do castigo.

- Que é da sua luneta?... perguntou me ele outra vez, notando sem dúvida a minha reflexão.

- Receio... desconfio sempre, respondi com azedume franco.

- Apresente a; sirva se dela; conte com a proteção de seus parentes.

- E quem é deles o fiador? perguntei acerbo. Percebi um movimento, tríplice movimento de contrariedade e de viva impressão de ofensa; libei a minha vingança.

- Injusto irmão! disse Américo.

- Que pecado contra a natureza! bradou a tia Domingas, acrescentando em voz baixa: ave Maria, Deus te perdoe!

- Meu primo! como você é ingrato! balbuciou a prima Anica.

O doutor desatara a rir.

Os médicos são os homens que mais riem ou os

homens que nunca riem,
porque são os homens que mais e melhor estudam
a humanidade por
obrigação do ofício.

Eu quis provar que me não deixara comover, e
aplaudindo em minha
consciência a eloqüente risada do médico, firmei a
sentença da minha bem

fundada desconfiança, repetindo a pergunta:

- E quem é deles o fiador? Quem se atreve a ser o
fiador dos meus três
parentes?...

- Eu, disse o doutor.

Sem mais hesitar desatei a luneta, e apresentando
a, fixei a

ousadamente, observando em rápido volver as
quatro pessoas que estavam
diante de mim.

O médico ria se, com um sarcasmo a rir
desenvoltamente.

O mano Américo, a tia Domingas, e a prima Anica
mostravam se
contrafeitos pelo vexame, e no mais completo e
ridículo desapontamento.

Como é vil, ruim, baixa e indigna a humanidade!!!

Capítulo 43

Este médico será uma exceção entre os homens?...
será bom e honesto?...

a sua boca pronunciou palavras justas e leais; o
seu proceder foi o de

um médico consciencioso; enganou se com o meu

fingido sono ou por
 ligeireza de observação, ou por inabilidade; mas
 que será este homem no
 fundo do coração?... evidentemente ele me
 defendeu; pareceu-me bom e
 honesto; eu porém não me fio mais em aparências.
 Hei de com a luneta mágica estudar o meu doutor,
 quando tiver ocasião
 oportuna.

Capítulo 44

Passaram pouco mais ou menos assim cinco dias.
 Eu me sentia perfeitamente restabelecido; mas o
 médico teimava em
 administrar-me colheres de uma preparação que
 ajudada de severa dieta
 debilitava-me cruelmente.
 Este tratamento martirizava-me; no quinto dia
 obtive que se suspendessem
 as malditas colheres de remédio que me estavam
 prostrando; mas ainda me
 ficou a dieta apenas ligeiramente modificada no
 sentido reparador.
 Apesar disso o médico me convinha: achei nele o
 meu protetor, e, o que é
 mais, o defensor dos meus direitos de posse
 absoluta da luneta mágica.
 Ouvi-o por mais de uma vez lançar o ridículo sobre
 os meus três ferozes
 parentes que teimavam em sustentar a
 conveniência de despojar-me do meu
 tesouro.

Estimei, amei, adorei o excelente doutor, o único homem, que eu tinha encontrado com bastante amor à verdade para sustentar que eu não estava doido, e que não tinha receio da minha luneta, cujo poder, se eu nisso acreditava, era, dizia ele, apenas inocente mania facilmente curável.

Esta última apreciação, que era um erro, talvez notável contradição de médico, pois se havia em mim tal manta, era fácil que ela me levasse à perda completa do juízo, essa contradição, que bem podia ser um recurso de consolação empregado pelo doutor, por fim de contas me era útil, e tão agradecido me reconheci que deliberei não fitar a minha luneta no doutor.

Eu devia lhe tanto, que preferi viver enganado com ele a expor me a descobrir sentimentos repugnantes nesse homem.

Capítulo 45

Em todo este tempo o meu extremoso irmão que com tristes lamentações insistia em considerar me doido, conservara sempre no meu quarto um ou dois escravos de sentinela.

No sétimo dia de tratamento o doutor logo que entrou acompanhado dos meus três adoráveis e estremecidos parentes,

despediu as malditas sentinelas, declarou que não eram necessárias e que pelo contrário deveriam ter sido dispensadas desde o segundo dia.

Ficamos no quarto, o doutor, o mano Américo, a tia Domingas, a prima Anica e eu.

- Ora pois! disse o médico, dirigindo se a mim, o senhor esta bom, e hoje venho despedir me do seu tratamento. Desfiz me em agradecimentos, que me saíram do coração.

- Muito bem, tornou ele; quero por em prova imediata a sua gratidão.

- Que quer de mim? mande, doutor.

- Todos falam da sua luneta mágica; o senhor pretende que por meio dela pode ler no livro intimo dos sentimentos dos homens: é isto verdade?

- f: verdade, doutor.

- Otimamente; eu duvido de tudo isso e quero que dissipe as minhas dúvidas: dá me palavra de honra que há de dizer em alta voz tudo quanto ler e encontrar nos arcanos da minha alma, fixando em mim sua luneta?

- Doutor!

- Eu o exijo.

- Oh! não!... eu lhe devo muito...

- Eu o exijo. Dá me palavra de honra?...

- Dou lha; é a pesar meu; mas dou lha.

- Fite pois em mim a sua luneta: ela! venha a

experiência.

Com ímpetos de curiosidade, talvez de insensata saudade da visão do mal, tremendo porém de grato medo, fixei a luneta mágica no rosto do médico, que imóvel e inabalável se deixou observar. Vi e fui dizendo o que via.

- Cabelos castanhos e crespos, fronte soberba, olhos pequenos, mas brilhantes e incisivos no olhar, nariz aquilino, faces pálidas, lábios grossos e eróticos, pouca barba, mãos finas e delicadas, corpo bem feito, e... oh!...

- Que é isso?...

- A visão do mal!... exclamei.

- Venha ela!

- Não! não! não!

- Deu me a sua palavra de honra: cumpra a!

- Não!

- Eu o exijo.

Obedeci e falei tremendo e a pesar meu.

- Bela inteligência, e estudo profundo desvirtuados pela ambição do ganho, e pelo embotamento da sensibilidade! O senhor desperta à meia noite ao chamado anelante de um pobre, cuja esposa lhe dizem que agoniza, e responde friamente: "procurem outro médico: se a mulher agoniza, não vou lá"; e conchegando ao corpo os lençóis, dorme sem remorsos; o senhor faz pacto de aliança com as

moléstias dos ricos que
pagam, prolonga os tratamentos para multiplicar as
visitas, e dobrar os
lucros... o senhor é materialista e incrédulo, não
admite alma, espírito
ri da vida eterna, admira o acaso, e não reconhece
Deus, criador do
universo, criador do homem, Deus do castigo do
mau que não se arrepende,
Deus do perdão do pecador contrito!... O senhor é o
homem da
Inteligência, raio do céu, e da ciência Incompleta,
vaidosa e corrompida
da terra! O senhor é uma fonte de erros e de
abominações, o senhor é
perverso!...
O médico desatou em estrondosas gargalhadas,
talvez para disfarçar a
confusão em que sem dúvida ficara, e saiu do
quarto, rindo se cada vez
mais estrepitosamente em seguimento de meu
Irmão, de minha tia e de
minha prima que fugiram espantados do
testemunho tremendo da visão do
mal.

Capítulo 46

A luneta mágica tinha caído no meu colo e eu me
abisei mais tristes
reflexões.

Ainda um desengano, o ultimo! O doutor que fora
tão bom, tão leal para

comigo, que se me afigurara tão escrupuloso no tratamento da minha moléstia, que com tanto acerto combatera, o médico que usando da sua autoridade proibira que empregassem a menor violência para me arrancarem a minha luneta, esse homem que eu quisera que fosse uma exceção entre os homens, era como os outros e mais do que muitos outros, Indigno da minha estima pelo seu ruim caráter.

Os seus escrupulosos cuidados tinham tido por fim demorar a cura para ganhar mais dinheiro! . . .

A defesa da minha luneta fora devida à incredulidade materialista, que o levava até o selvagem extremo de negar a existência do espírito que anima o homem, e de Deus sempiterno e onipotente!...

Isso porém não me espantou: afligiu me, aflige me; mas eu já estava

preparado para o desengano cruel; a meu despeito, a despeito dos

impulsos da gratidão, eu já desconfiava do médico.

O que me preocupa agora, o que me atormenta é a negridão do meu futuro,

e a incerteza terrível dos tormentos que me esperam.

Que será de mim?... que vou eu sofrer?... por que provações vou passar?...

Capítulo 47

Não posso mais ser feliz: é impossível.
Aborreço a todos, e todos me aborrecem.
Sou um contra todos, a sociedade toda está em guerra aberta contra mim.
Não pode haver luta, vou sucumbir; cairei ao primeiro golpe.
O grito do primeiro garoto, a pedrada do primeiro menino malcriado será o anúncio do meu sacrifício
A voz geral brada que estou doido.
O médico que me tratou protesta que não estou doido; mas confessa que estou maníaco. A distinção não me salva.
Ficarei para sempre fechado neste quarto, ou, se aparecer na rua, gritarão mil vozes: "o doido! o doido!"
E arrastarão o doido para o hospício dos alienados...
E me arrancarão à força a minha luneta mágica, e hão de quebrá-la, destruir o poder da visão do mal!...
Oh! é horrível esta situação.

Capítulo 48

E de que me serve mais esta luneta fatal?...
Ela já me fez conhecer a sobras o mundo e os homens. Doravante nada mais pode ensinar me que seja novo para mim.
Se ma arrancarem, se a quebrarem, ficarei em todo caso com a ciência que

ela me deu;

Que a quebrem pois! Pouco importa.

O que me apavora é a incerteza e o medo dos
trances, a que tenho de
sujeitar me.

Se ao menos eu soubesse, se eu pudesse prever o
que se projeta, se

planeja, e se realizará contra mim amanhã... de
hoje a três dias, daqui
a um mês ou mais tarde...

Se eu pudesse acabar de uma vez com esta
incerteza que é o pior dos
martírios...

Oh! . . .

O armênio me proibiu fixar a luneta mágica por
mais de treze minutos,
sobre o mesmo objeto, porque além de treze
minutos começaria a visão do
futuro.

A visão do futuro! . . . é a que eu aspiro, o que
ardentemente agora
desejo.

É verdade que o armênio também me assegurou
que a visão do futuro me era
negada, e que a luneta magica se quebraria entre
meus dedos, se eu a
fixasse sobre o mesmo objeto por mais de treze
minutos.

Mas quem sabe se o armênio procurou enganar
me?... Quem me diz que ele
não inventou esse meio, que não empregou essa
proibição dolosa para
impedir que eu chegasse até a visão do futuro e

dela me aproveitasse?...

A visão do futuro me daria poder igual ao do mais abalizado mágico; com ela eu seria igual ao armênio...

Diz me o coração que o armênio quis enganar me, e que eu posso ter a visão do futuro; e por ela igualá-lo na extensão do poder mágico.

Quero fazer a experiência. Que me pode acontecer de pior?... quebrar se a luneta entre os meus dedos... ora! . . . e sem a visão do futuro, de que, para que mais me serve esta luneta?...

Capítulo 49

O desejo impetuoso, irresistível da visão do futuro dominou me absolutamente.

Ardi por efetuar a experiência.

Mas o futuro que eu principalmente e antes de tudo almejava conhecer, era o meu.

Como era possível que eu fitasse a minha luneta mágica em mim próprio, no meu próprio rosto?...

Pensei debalde uma hora, e acabei entendendo que não há recursos para vencer o impossível.

Pois há! mercê do encanto prodigioso da minha luneta mágica. há.

Em um momento de inspiração que me pareceu

feliz, lembrou-me de fitar a luneta na imagem do meu rosto refletida pelo vidro do espelho.

E saltei da cama, e corri ao espelho, e fitei na imagem do meu rosto a luneta mágica.

Capítulo 50

Vi-me pálido, abatido, desfigurado, vi-me outro, e muito diferente, do que eu ainda era um mês antes... vi meus olhos encovados, e meu olhar inquieto, cheio de flamas, e como que temeroso... vi sem dar importância ao que via, os senões e talvez os dotes físicos do meu semblante...

Eu estava ansioso pelo fim dos treze minutos; quase que não tinha consciência do que estava por força vendo... eu tremia, e esperava a visão do futuro: era a minha idéia exclusiva.

De súbito estremei violentamente.

Oh! sem que eu nisso cuidasse, sem que eu com isso tivesse calculado,

oh!... cheguei antes da visão do futuro à visão do mal!...

E quereis sabê-lo?... vi a minha perversidade!...

Meu Deus! isto é necessariamente mentira, ou castigo; meu Deus! eu não sou assim!...

Vi que sou o mais infame caluniador, e inimigo dos meus parentes! Vi que

em frenesi de malvadeza infernal assaco aleives
contra os homens, atiro
aleives sobre nobres senhoras, e inocentes
donzelas, ousou insultar ao pé
dos altares os sacerdotes, respiro o mal, vivo do
mal, semeio o mal...
Eu estava em convulsão... detestava me... tinha
horror de mim próprio,
desprezo pela minha torpe individualidade, vi me
tão imundo, tão
profundamente vil e asqueroso, que desejei cuspir,
e, se pudesse, teria
cuspido no meu rosto.
Vi me ainda venenoso como a pior e a mais
enraivada das serpentes; vi me
em fúrias de enraivadas atrocidades, possesso do
demônio, vi me morder
em delírio todos os seres da criação, e maldito
hediondo, horroroso,
ultrajando a Deus, o criador.
Soltei um grito de pavor indizível, e apertando
desesperado os dedos,
quebrei, fiz em migalhas a luneta, e sem sentir a
dor da mão ferida e
ensangüentada pelos pedaços de vidro que tinham
nela se entranhado, fui
cair no leito chorando desabridamente, e por entre
dolorosos soluços,
bradando em alta voz:
- Perdão!... perdão!... perdão!...

SEGUNDA PARTE

Capítulo 1

Oito dias deixei me clausurado em casa,
maldizendo da minha
infelicidade.

Eu tinha recebido da experiência uma grande lição;
mas como quase sempre
acontece ao homem, veio me a lição da experiência,
quando não podia mais
aproveitar me.

A Insaciabilidade do desejo para a causa
determinante do meu maior
infortúnio.

Pobre míope o que eu mais ambicionara, por muito
tempo debalde, consegui
enfim obter um dia, tive uma luneta potente que
deu a meus olhos a vista
penetrante da águia.

Alcançado benefício tão grande, tesouro tão
precioso, aquilo que se me
afigurara impossível desejei mais!

Quis ter e gozar a visão do mal, a que o armênio
sabiamente me
aconselhara não expor me, esclarecendo me sobre
os seus perigos.

Mas desejei e quis ter, e tive essa visão fatal, e por
ela tornei me o
homem mais desgraçado.

Não me corrigi ainda assim, e desejei a visão do
futuro que me fora
proibida, sob pena de quebrar se em minhas mãos a
luneta mágica.

Desejei e quis ter a visão do futuro; mas antes de chegar a ela detestei a luneta que me inspirava horror de mim próprio, e em furioso ímpeto despedacei o vidro mágico, realizando se desse modo a sentença do armênio.

E agora os meus olhos ficaram sem luz, estou tateando as trevas, e o desejo de gozar com a vista a natureza é mil vezes mais ardente, do que outrora; porque eu já vi, e já sei o que perco não vendo, como pude ver.

Ah! no outro tempo eu era como um cego de nascença, infeliz; ao menos porém não apreciando bastante a profundidade da minha miséria; agora eu sou o cego que já viu, que cegou depois de ter visto, e que sabe tudo quanto perdeu com a cegueira!...

Maldita seja a insaciabilidade do desejo, que envenena a vida do homem, e que mil vezes o leva a sacrificar imenso bem que está gozando pela ambição de mais gozos ainda, e do que não lhe era preciso para a felicidade da vida!

Eu já vivi no mundo da luz, e agora estou condenado, condenei me a vegetar no cárcere das trevas.

Capítulo 2

O despedaçamento, a destruição da minha luneta mágica foi muito festejada pelos meus três parentes e pelo que me disseram, a notícia do fato mereceu as honras de uma gazetilha do Jornal do Comércio, espalhou se pela cidade, e tranqüilizou o espírito da sua população que tanto se exaltara contra a visão do mal que eu possuía. O mano Américo teve a bondade de fazer me ouvir um discurso consolador, em que me demonstrou que eu tinha sido vítima de um longo acesso de loucura; que eu nunca vira mais do que dantes; que a minha miopia não era suscetível de recurso ou socorro algum que me emprestasse vista, e que enfim, quebrando a luneta, eu me libertara de uma ilusão perigosíssima, e rematou o discurso com a eloqüente peroração, jurando que estava pronto a continuar a ver e pensar por mim.

A tia Domingas mandou apanhar todos os pedaços do vidro que eu quebrara, e lançou-os ao mar, dizendo que havia neles malícia do diabo, de que eu estivera possesso, durante não poucas semanas, e manifestando finalmente a crença de que ao poder das suas orações fora devido o despedaçamento da luneta mágica, e de que a salvação da minha

alma, e a doce
tranqüilidade da minha vida teriam tanto mais
segurança, quanto mais
completa e irremediável fosse a minha miopia, que
me livrara de enormes
pecados.

A prima Anica foi dos três parentes o único que
teria podido fazer me
sorrir, se nos meus lábios fosse ainda possível ralar
um sorriso suave,
e haver no meu coração um resto de confiança para
essa moça interesseira
e egoísta.

A prima Anica procurou convencer me de que a
minha luneta diabolicamente
encantada me fizera ver os objetos ao contrário do
que eles são na
realidade, e que por isso mesmo eu devia acreditar
e considerar formosa
a senhora que me tivesse parecido feia ou menos
bonita, e ter em conta
de virtuosa, recatada e dedicadíssima aquela que
pela visão do mal eu
houvesse julgado loureira, má e calculista. Lembrou
me Cícero,
pleiteando a própria causa.

E logo depois dessa teoria sobre a luneta mágica, a
prima perseguiu me
cruelmente para que eu lhe confiasse em segredo
todas as revelações que
eu recebera da visão do mal relativamente às
senhoras do seu
conhecimento. Uma vez, por inocente malícia,

comuniquei lhe uma
apreciação cruel, talvez aleivosa, dos sentimentos,
e do caráter da mais
intima, e aparentemente mais estimada das suas
amigas, que aliás eu não
tivera ocasião de observar com a minha luneta.

A prima Anica, ouvindo me, exclamou:

- É isso mesmo! exatíssimo juízo!...

- Anica, disse lhe eu; a minha luneta era diabólica,
como você me

assegura, e o que ela me fez apreciar e me
mostrou, deve se entender

pelo contrário, segundo a sua opinião...

- Primo, respondeu me Anica sem hesitar, o diabo
para enganar

facilmente, às vezes diz e mostra a verdade.

Eu fiquei profundamente convencido, de que

houvera menos diabo na minha

luneta mágica, do que havia nos pensamentos e
nos sentimentos da prima

Anica.

Capítulo 3

Depois do oitavo dia da minha voluntária clausura
despertei no seguinte

ao canto de um cenário que festejava a aurora.

Levantei me e fui debruçar me a janela que abria
para o jardim.

O frescor suave das auras, o perfume das flores, o
ruidoso acordar da

cidade lembraram me aquele anelado amanhecer do
dia, em que eu fizera a

primeira experiência da minha luneta mágica; e as arrebatadores impressões que eu recebera, podendo ver, e admirando a aurora, as flores, as borboletas, a natureza enfim. Os pesares, as sensações repugnantes, os tormentos e o horror da visão do mal como que se varriam da minha memória exclusivamente empenhada em avivar a saudade do bem que eu havia Perdido. Apoderou-se de mim melancolia tão profunda e sombria como era profunda e sombria a noite dos meus olhos. Passei um dia de silenciosa amargura, e arrependi-me mil vezes de haver quebrado a minha luneta mágica. Se eu tivesse sido mais prudente, e ainda mesmo dissimulado, por certo que não me teriam faltado meios de iludir quantos me cercavam e cercam, e de conservar a preciosa luneta. Agora é tarde, e o meu pungente arrependimento não me aproveita, e só duplica a aflição que me acabrunha. A cada momento vinham-me à lembrança o Reis e o armênio, o Reis tão bom e amável, tão complacente e obsequioso; o armênio tão hábil e tão sábio; tão poderoso em magia, e tão leal em seus conselhos. Lembrança inútil! Eu havia sido tão descortês, tão ingrato em meu proceder em relação ao

Reis, que me não era licito pensar em ir de novo bater à sua porta, que ele tinha o direito de me fechar no rosto. E o armênio? Como poderia eu aparecer, mostrar me diante dele depois da minha desobediência aos seus preceitos?... E todavia eu teimava sempre em lembrar me do Reis e do armênio. . . E de instante a instante perguntava a mim mesmo, se o armênio ainda se conservava trabalhando nas oficinas do Reis... A idéia de voltar ao famoso armazém de instrumentos óticos da Rua do Hospício, começava a perseguir me, a dominar me, como a paixão mais violenta escraviza, e move, impele e arrebatava a sua vítima. Dois únicos sentimentos ainda me tolhiam os passos: eram o vexame e o medo.

Capítulo 4

E claro que eu estava em caminho adiantado para vencer o vexame, que me fazia hesitar em apresentar me na casa do Reis. Todo o homem é mais ou menos egoísta e em proveito do seu egoísmo raro é aquele que em circunstâncias imponentes, em casos extraordinários não sacrifica simples consideração de delicadeza. Quantos homens ricos e maus que nunca deram esmola ao pobre, tornados

mendigos pelo vaivém da fortuna, deixariam de estender a mão pedinte a algum recente herdeiro de inesperada riqueza, ao qual dantes tivesse por vezes respondido: Deus o favoreça?!...

Eu não fiz tanto como isso: hei de pois dominar o meu vexame e ir à casa do Reis.

Pedirei perdão com humildade, e luz para meus olhos, como um condenado à morte que pede a vida ao poder que e capaz de dá la.

O medo que eu tenho, é de sair à rua, de expor me às zombarias, as vaias, à perseguição dessa gente que me detestou, que talvez me detesta ainda por causa da visão do mal.

Em seu ódio, em seu empenho de vingança muitos conspiraram para que eu fosse reputado maníaco ou doido, e em todo caso perigoso e nocivo à sociedade.

Horrível ameaça pesou sobre mim, e mais de uma voz, mais de um conselho sinistro apontava a conveniência de me recolherem ao hospício dos alienados.

Eu tenho medo de aparecer a essa gente que maldizia de mim, e que pedia a minha prescrição, o encarceramento do doido. Tenho medo de sair à rua.

Capítulo 5

Refletindo bem, me parece que este medo chega a ser pueril. Tenho duas presunções a favor da minha segurança, duas observações que destroem todos os fundamentos do medo. Não se provou, conforme as exigências da lei que eu estivesse ou fosse doido; o pronunciamento de muitos homens irrefletidos apenas poderia indicar que eu era um excêntrico ou enfim possuído de esquisita mania, o que nem por isso prejudicava o meu juízo em relação a todas as circunstâncias e condições da vida particular e social.

Ora, na cidade do Rio de Janeiro não só não se recolhem ao hospício dos alienados os excêntricos e maníacos da ordem em que fui contemplado, como é certo que os excêntricos, e adoidados não reconhecidos legalmente doidos gozam privilégios de tolerância, e de indulgência, e quando algum deles ofende a sociedade, com o escândalo publico, em que compromete o decoro da família ou ataca de frente as mais veneráveis e santas considerações sociais, encontra impunidade certa, e desculpa segura na vos do povo que diz: "não se faça caso: aquilo tudo é excentricidade o homem tem suas manias mas no fundo é boa

coisa”.

Eu creio pois que não há lugar nem cidade como o Rio de Janeiro, em que se possa ser impunemente e sem inconveniência pessoal não somente excêntrico e maníaco mas até doido, completamente doido, contanto que se traje de paletó escovado e se tenham meses ou dias de lucidez.

Afora esta importante consideração que deve utilizar me, conto por mim o tempo, que ainda mais foi ajudado pela notícia da destruição ou

despedaçamento da minha luneta mágica.

Perdida, quebrada a luneta, cessou o motivo da perseguição que moviam contra mim.

E lá vão oito dias!

Oito dias valem oito anos para memória e para as impressões mais fortes do povo da nossa capital.

Em oito dias regenera se o político que a opinião pública irritada condenou.

Em oito dias do réu se faz o juiz do pleito em que fora réu.

Em oito dias as vezes a rocha Tarpéia se transforma em Capitólio.

Em oito dias corre o Letes por onde estava bramindo a memória de um escândalo.

Em oito dias a sociedade ligeira, inconstante, mudável, seria capaz de

santificar o diabo.

Não há atividade de opinião que resista à extensão, à eternidade de oito dias na nossa capital.

O nosso povo é a certos respeitos povo um pouco francês.

Eu tenho por mim oito dias: refletindo assim, perdi o medo e vou sair a rua.

Ensaiei um passeio de simples experiência, e se eu for feliz, se me deixarem em paz andar pela cidade, amanhã ou depois de amanhã irei à casa do Reis.

Capítulo 6

Ao cair da tarde saí.

Em relação a meus olhos pouco importava que eu sáísse de dia ou de noite; quis porem arriscar me a aparecer à luz do crepúsculo para observar a impressão que a minha pessoa causava ao público.

Não me era possível apreciar expressões fisionômicas daqueles que reparassem em mim; mas eu tinha e tenho bom ouvido de cego, e não me escapariam nem o murmurar da maledicência, nem mesmo o sussurro da curiosidade revelada em trocas de palavras abafadas.

Caminhando vagarosamente, e com atenção

dissimulada, porém viva, ouvi, e
percebi o que alguns disseram, vendo me passar.

- Míope ou antes cego, como dantes!
- Perdeu o encanto...
- Que encanto! caluniavam o pobre rapaz...
- Deveras?
- Foi vítima da mais cruel perseguição.
- Coitado!
- Querem no cego para desfrutarem lhe a fortuna...
- Que imoralidade!

Eis como pensavam e murmuravam quase todos ao
considerarem o meu
infortúnio.

Volúvel e caprichosa cidade! o seu juízo se
modifica, e até muda
completamente com o volver de alguns dias, e o
objeto das maldições
pouco a pouco se torna objeto de simpatias.
Estudai a capital; a nossa é provavelmente como
todas as outras de
iguais ou maiores proporções: os seus habitantes
vivem sujeitos ao
contagio moral dos sentimentos; uma opinião entra
em moda, poucos a
examinam e discutem, a novidade a recomenda, o
contágio moral a espalha,
mais tarde a reflexão começa a patentear lhe as
falhas, o espírito
ressentido reage, a reação propaga se por novo
contágio, e se pronuncia
fulminando a, e então nem distingue o que ela pode
ter de exatidão e de
verdade entre os erros, aliás a principio aplaudidos

como acertos.

A opinião pública é deslumbrante, mas leve e fugitiva; assemelha-se às fadas dos contos orientais, encanta, porém ilude; é igual às jovens formosas e facilmente apaixonadas, seduzem e cativam e mudam de amor em breve prazo.

Quando cheguei ao fim destas e de outras semelhantes reflexões, era noite, e eu me achava sentado em um dos bancos de pedra do jardim da Praça da Constituição.

Ninguém reparava em mim, senti-me ou isolado ou defendido pela indiferença de todos, e todavia, poucos dias antes eu tinha sido naquele mesmo lugar causa de alvoroço geral e vira a multidão fugir aterrada da minha presença, como se eu estivesse na Ásia e afetado da peste negra.

É triste, miséria da humanidade! Aquela indiferença que em minhas apreensões desse mesmo dia, eu desejava tanto, e tanto pedira ao céu, aquela indiferença que era a paz que a população me concedia, acabou por fatigar-me, por despertar o ressentimento da mais estulta vaidade em minh'alma de pobre pecador.

A popularidade é sempre um pedestal em que o homem se levanta acima dos outros; mas a impopularidade também é pedestal,

distingue pela
reprovação ruidosa, e em vez de abaixar, também
levanta, também arranca
do vulgar a sua vítima, e para açoitá-la, eleva a ao
pelourinho, e
mostra a pela sua perseguição ou pelo seu ódio
acima das proporções
comuns da generalidade.

Eu já havia experimentado a distinção torturadora
da aversão popular; eu
já tinha sido notabilidade embora adiada, e senti
me abatido,
desprezado, aviltado, reduzido à invisível nulidade
pela indiferença com
que me deixavam nem olhado no meu banco.
Houve um momento em que atizado, impelido,
enlouquecido pela influencia
traioeira da mais estúpida vaidade, tive ímpetos
de levantar me, e de
bradar àquela multidão que não me via: "olhai me!
persegui me! eu tenho
a visão do mal..."

Mas exatamente nesse momento alguém me tocou
com a mão no ombro, e me
disse ao ouvido:

- Até que enfim nos encontramos!

Capítulo 7

Vi diante de mim e logo sentado a meu lado um
vulto de homem, de quem
não pude distinguir as feições e nem ao menos a
moda e a cor dos

vestidos.

- Quem é? perguntei.

- Pois a tal ponto se esqueceu de mim?...

- Se me conhecer, deve saber que sou quase cego.

- Sou o Reis.

Reconheci imediatamente a voz do Reis, mal pude abafar um grito que me

rompia da alma e creio que teria caído de joelhos, se esse excelente

homem não me tivesse contido.

- Perdão! balbuciei; eu fui um ingrato, perdão!

- Seja prudente, disse me ele; conversemos em voz baixa; não convém que o reconheçam.

Apertei com ardor as mãos do meu bom amigo Reis, e ainda assim tive um

pensamento suspeito, maligno; pois perguntei a mim mesmo, se a visão

do mal não desmentiria as aparências tão eloqüentes e persuasivas da

bondade, e do generoso caráter deste homem.

Era a dúvida, era o ceticismo que a visão do mal tinha inoculado no meu

espírito

Guardei silêncio inexplicável pela desconfiança que me inspirava a

humanidade; mas o meu egoísmo os cálculos do meu interesse pessoal

fizeram com que eu mantivesse apertadas entre as minhas as mãos daquele,

em que de novo eu depositava todas as esperanças, de remédio, de

recurso, de socorro para a minha miopia.

- Então inutilizou a sua luneta? perguntou me o Reis.
- É verdade: em um acesso de desespero pelo horror que tive de mim próprio, ousei praticar esse ato de loucura. E referi miudamente toda a história dos prodígios da luneta mágica, e todos os desgostos que eu sofrera por ela.
- Também eu por minha parte não sofri pouco; porque perseguiram me e há quem me persiga ainda por lunetas mágicas; mas com efeito é extraordinário, e incompreensível!...
- A luneta?
- Não; continuo a não acreditar no poder da cabala; é porém incompreensível a ilusão pasmosa dos seus sentidos.
- Não houve ilusão; eu juro...
- Juram do mesmo modo e com a mesma convicção quantos têm sido vítimas de igual ou semelhante exaltação enferma do espírito.
- Oh! eu era, como sou, tão míope que posso considerar me cego, e mercê daquela admirável luneta vi distintamente, perfeitamente. . .
- Até ai creio, é possível; mas na famosa visão do mal não acredito.
- E todavia era real e incontestável.
- Eu só tenho fé em Deus, e creio somente na verdadeira ciência; se a magia fosse uma realidade, e eu quisesse explorá-

la, ganharia milhões em poucos meses.

- Como?

- A mania do nosso armênio se agrava cada vez mais: ofendido pela incredulidade, e, diz ele, dedicado a minha pessoa pela influencia irresistível de não sei que fluido misterioso e inescrutável de que ele me fala, oferece se para operar maravilhas, que tornariam o meu armazém em oficina encantada.

- Que maravilhas?

- Entre cem outras por exemplo as seguintes: óculos que façam ver o que se passa a mil léguas de distancia; pequenos espelhos polidos pela magia que reproduzam a imagem do rosto de uma velha com todas as graças da sua mocidade passada, binóculos, por um de cujos vidros, se veja todo o passado e pelo outro todo o presente da vida íntima da pessoa que se observa; instrumentos de precisão ótica que patenteiem o ouro, as pedras preciosas, as riquezas e os segredos dos monstros oceânicos que se escondem por baixo das camadas da terra, no leito dos rios, e no fundo dos mares; lunetas e pince-nez que emprestam à mulher morena da Arábia e a mameluca do Brasil a palidez romanesca das filhas melancólicas da

poesia dos sonhos, e aos olhos negros da caucasiana, e aos negros cabelos da espanhola os olhos cor do céu azul da inglesa, e os cabelos de ouro das princesas dos cantos de Ossian.

- É extraordinário!

- O armênio com efeito o é; quer saber? no dia e na hora, em que o senhor quebrou a sua luneta, ele veio ter comigo e disse me: "a salamandra libertou se: o seu míope quebrou a luneta magica".

- É possível?!!!

- Dois dias depois as folhas diárias da capital deram conta do caso.

- E onde esta o armênio?

- Sempre encerrado em seu gabinete prestigioso no fundo do nosso armazém.

- Adivinhou então o meu infortúnio?

- E espera o.

- Espera me?

- Assegurou me que o senhor nos procuraria amanhã: marcou me o dia.

- Ainda esta!. era a minha idéia; confesso o. E não o espanta essa previdência do futuro? Essa vidência do pensamento alheio?

- Espanta me por certo; mas sei também que a ciência está longe de ter pronunciado sua última palavra sobre os assombrosos fenômenos do magnetismo..

- E o armênio
- Conta com a sua visita.
- Eu hesitava e temia...
- E ele assegura que dará novo e infalível recurso para vencer a sua miopia, novo e infalível porém não o mesmo.
- E se eu bater à sua porta?...
- A porta da nossa casa abre se a todos os homens, que vão bater a ela, e para os honestos, para os honrados nunca houve hora em que não se abrisse.
- Irei amanhã.
- É o dia marcado pelo armênio.
- Marcou ele também a hora?
- Disse que do dia e da hora a escolha lhe pertence e que do dia e da hora depende a condição benigna ou maléfica do socorro que lhe poderá dar.
- E qual a hora mais propícia?
- Não quis dizer.
- Em todo caso terei luz para os meus olhos?
- Terá, conforme ele assevera.
- Depois da meia noite começa o dia de amanhã: irei depois da meia noite... estou ansioso... irei, se a sua bondade chega a tolerar a minha visita em horas, em que o descanso e o sono é um direito de todos.
- Hei de velar esta noite; não creio na magia; quero, porém, desejo e peço uma segunda experiência do poder desse

armênio que se presume mágico, e se julga capaz de realizar impossíveis.

- Espere me, pois que eu irei.
- Quer que previna o armênio?...
- Como lhe parecer melhor.
- Em tal caso prefiro experimentar, se espera e adivinha a sua visita.

Não o prevenirei.

- Conte pois comigo; mas... depois da meia noite.
- Por que tão tarde?...
- Não sei: instintivamente desejo falar ao armênio em hora mais próxima do dia...
- Achar me á velando.

O Reis levantou se e, depois de me apertar a mão, retirou se.

Capítulo 8

Fiquei só, refletindo.

Eu ia de novo recorrer a magia, e, se alcançasse outra e igualmente poderosa luneta, talvez expor me de novo às perseguições do povo.

Ter uma luneta mágica para não usar dela, seria criar para mim o martírio de Tântalo.

Usar da luneta mágica novamente obtida seria perigo quase certo para a minha segurança.

Reproduziram se pois as minhas tristes apreensões, e os meus cuidados, e

se me antolhava um tormento que ainda não
provara, a certeza da visão,
ou a impossibilidade de exercê-la pelo medo da
perseguição. . .

Portanto era minha sina sofrer sempre, ser sempre
como o proscrito dos
homens!

E todavia em todo caso eu desejava, eu queria
poder ver.

Mas se a magia era uma ciência sobrenatural,
porém verdadeira, pois que
operava as maravilhas que eu experimentara, e
contava ir experimentar,
por que não poderia ela também livrar me da
reprovação publica e
torná-la mesmo se não em estima ao menos em
tolerância ou indulgência?

Resolvi me a falar sobre este assunto ao mágico, a
quem regato capaz de
realizar impossíveis.

Não compreendo, não posso admitir a pertinácia,
com que o meu amigo Reis
nega se a reconhecer o miraculoso poder do
armênio.

Ou eu me engano muito, ou anda ai receio pueril de
expor se ao ridículo,
e de passar por explorador de suposto
charlatanismo na opinião dos
espíritos fortes.

Os espíritos fortes! Não conheço espíritos mais
fracos do que esses que
se dizem fortes. A sua força consiste na negação de
tudo quanto não

podem explicar ou pelos sentidos ou pela sua razão
que só resolve dentro
do círculo das idéias que recebe pelos sentidos. A
sua negação é pois um
trono consagrado à ignorância, e firmado no
materialismo.

Dantes eu não sabia reconhecer a profundidade
destes erros filosóficos;
graças porém à influência da minha luneta mágica,
e principalmente à
visão do mal, acho me curado da minha miopia
moral.

Faz me pena, não digo a incredulidade, porque não
a admito, mas a
obstinação do meu amigo Reis.

Um homem que tem nas suas oficinas um mágico
da força do armênio, e
mágico que lhe oferece prodígios, teima em não
querer experimentar ao
menos a capacidade extraordinária, os trabalhos
estupendos desse
esclarecido adepto da cabala.

Só o receio do ridículo, e o respeito exageradíssimo
aos espíritos

fortes pode explicar semelhante procedimento.

Pois eu tenho para mim que em proveito da
humanidade, e em especial
serviço ao público brasileiro, devo comprometer
tanto quanto me for
possível o Reis.

Se eu conseguir, como espero, segunda luneta
mágica tão admirável como
foi a primeira, anunciarei pelos Jornais a existência

do armênio nas
oficinas do Reis, e a diversidade e surpreendentes
condições dos
instrumentos óticos que ele pode temperar no fogo
da magia.

Tenha o amigo Reis paciência, hei de comprometê-
lo, e as justas

exigências dos seus fregueses e do público o
obrigarão a aproveitar se
da habilidade magica do armênio, e a facilitar a
todos os instrumentos
óticos por este preparados.

Se assim não quisesse, cumpria lhe não ter e não
conservar esse mágico
em suas oficinas.

Capítulo 9

Empreguei tanto tempo nestas reflexões, que de
súbito as interrompi,
quando o guarda do jardim veio dizer me que era
tempo de retirar me,
pois ia trancar as grades.

A noite se adiantava.

Deixando o jardim, pensei que não me convinha
recolher me a casa.

Meu irmão, minha tia, e a prima Anica bem
poderiam desconfiar do meu

primeiro e prolongado passeio depois da
inutilização da luneta mágica, e

ficando alerta, embaraçar a minha saída de casa em
desoras.

Achei prudente este juízo, e resolvi me a matar o

tempo, passeando pelas
ruas desertas da cidade.

E passeei... e andei, como o judeu errante;
ninguém me perguntou quem eu
era, nem me espiou os passos.

Míope nada vi; mas distraí me, ouvindo o ruído
anunciador da negligencia
da autoridade pública.

Ouvi o rressonar de mais de um indigente que
dormia nos degraus do
alpendre de uma igreja, e perguntei a mim mesmo
se não havia na capital
do Império um asilo para a indigência sem teto,
para a miséria
esfarrapada e sem recurso.

Ouvi as juras e os protestos de jogadores infelizes
ou roubados, que
saíam em furor de uma casa, onde se cantavam
árias italianas ao som do
piano na sala da frente, e se arruinavam fortunas
ao lansquenê em alguma
saia do interior; e perguntei a mim mesmo por que
a polícia, que invade
a alçada de todos os poderes do estado, não manda
trancar as portas das
casas públicas de jogo, onde tantos mancebos
devastam as riquezas de
seus pais, tantos caixeiros fazem paradas à custa
das gavetas dos amos,
tantos inespertos são criminosamente despojados
por jogadores
trapaceiros.

Ouvi o estrépito da orgia das famosas mulheres

impudicas, e dos velhos
ricos, e jovens viciosos que de copo de champanha
em punho, e com a voz
da lascívia nos lábios entoavam cantos obscenos
em honra do ridículo da
velhice, da corrupção da mocidade, e do
desavergonhamento da nudez e do
o próprio do sexo, do recato, do pudor, e da
honestidade; e perguntei a
mim mesmo que exemplo davam aos filhos esses
velhos, que esperanças
devam à pátria esses Jovens, que futuro esperavam
as esposas e as filhas
dos primeiros, as mães e as irmãs dos segundos.
Ouvi...

Deus me livre de dizer tudo quanto ouvi,
rebetando do interior de
certas casas, ou falando sem reserva nas ruas ao
ruído abafado ou a
algazarra vergonhosa do vício em dissimulação ou
em desenvoltura.
Ouvi finalmente no dobre de alguns sinos o sinal de
três horas da
madrugada, e dirigi me então a Rua do Hospício.
Como da primeira vez o Reis me esperava à porta
de sua casa.

Capítulo 10

Entrei.

Eu achava me fatigado do longo passeio e pedi
licença para descansar
alguns momentos.

Sentei me e respirei afadigado.

O Reis se conservou em silêncio ate que lhe perguntei:

- O armênio?

- Sem dúvida está no seu gabinete; não o preveni.

Eu não posso ver o que porventura terá de se passar dentro em pouco;

conto com a sua condescendência para referir me por miúdo o que não me é dado apreciar pela vista.

- Pode estar certo disso.

- Bem; já descansei: vamos procurar o armênio.

O Reis tomou me o braço e disse:

- Vamos; se ele é, como pretende, verdadeiro mágico, deve ter adivinhado

a sua visita; se o não é, surpreendê-lo-emos ou descuidado, ou dormindo.

E tínhamos apenas avançado um passo, quando o armênio mostrou se à porta do fundo do armazém, trazendo na mão uma lanterna furta fogo.

- Eu adivinhei a tua visita, mancebo, disse ele.

E fitando o Reis, acrescentou:

- Reconheça me pois verdadeiro mágico.

O Reis não respondeu; evidentemente ficara confundido.

O armênio adiantou alguns passos para nós, e dirigindo se a mim, disse me:

- Criança! não te acuso pelo que fizeste: a tua desobediência aos meus

conselhos era um fato previsto pela magia; es

homem, tinhas de errar,
como erraste.

- Não errarei outra vez, balbuciei humildemente,
- Errarás sempre, e tornarás a desobedecer me.
- Não!
- Vê-lo-ás.
- Então conseguirei deveras outra luneta mágica?
- Sim, se a exiges.
- Peço a de joelhos.
- Criança! para que teimas em querer ver?...
- Porque ver é viver.
- Eu te anunciei da outra vez que o que me pedias era o mal, o gelo do coração, o ceticismo na vida, e sabes que não te enganei.
- Mas ao menos eu vi, e agora de novo me acho cego.
- Criança! tu escolheste um dia benéfico, um domingo, uma hora propícia, a que antecede apenas ou vê despontar a aurora; ainda assim porém tu veras demais!
- Embora!
- Pedes me uma segunda luneta mágica que te será fatal como a primeira.
- Já tenho por mim a experiência.
- Será o engano infantil na vida...
- Aceito!
- Será a credulidade insensata.
- Aceito!
- Será a inocência indefesa.
- Aceito!
- Será a zombaria do mundo e a cegueira da razão.

- Aceito!
- Por que, criança?...
- Porque eu quero ver.
- Verás demais!
- Aceito.
- Eu o sabia, e tanto que o altar está pronto e nos

espera; já evoquei

os espíritos elementares: nada falta; vamos.

Mas ao primeiro passo, o armênio levantou a

lâmpada, inundou nos de luz,

e disse:

- Trazes vestidos de cor preta, que e antipática a Júpiter, cujo dia é hoje...

E fez com a mão um sinal que eu não vi com os

olhos; mas a que obedeci,

ficando imóvel, e como preso ao lugar que meus

pés pisavam.

O armênio saiu do armazém para ir ao seu

gabinete.

O Reis silencioso, eu estático, respirávamos

apenas, dominados pelo

prestígio do mágico que em breve tornou a

aparecer, trazendo uma túnica

de pano branco bordada de triângulos de prata.

Cumprindo as ordens do mágico tirei a sobrecasaca,

o jaleco e a gravata

que eram de cor preta, e vesti a túnica.

- Agora vamos, repetiu ele.

O Reis e eu seguimos em silêncio o mágico.

Capítulo 11

Não pude ver o que se passou desde que entramos
no gabinete do armênio
até o fim da operação mágica; referirei porém o que
o meu amigo Reis me
contou com inteira verdade e profunda admiração.
Cumpre me declarar que o meu amigo insiste em
não acreditar na magia;
confessando porem não poder explicar e menos
negar os prodígios de que
foi pela segunda vez testemunha.
O Reis jurou culto e fé às ciências físicas e fanático
por elas não quer
ver o maravilhoso e o sobrenatural que lhe está
entrando pelos olhos,
nem sentir o que está tocando os seus sentidos.
Todavia leal e nobre, o meu amigo referiu me
quanto viu e que vou
repetir, e apelo para o seu testemunho que é
insuspeito por ser
testemunho de incrédulo.
O armênio que nos conduziu ao seu gabinete,
trajava vestido de púrpura
com tiara e braceletes de ouro; trazia no dedo
competente anel de ouro
com um rubi, e na cabeça barrete ainda de púrpura
com o pentagrama
bordado de prata.
A porta do gabinete magico abriu se em par a um
simples aceno da mão
direita do armênio
O interior do gabinete estava resplendente de luz, e
todo ornado das
mesmas figuras e símbolos da cabala, que na

primeira operação mágica se observaram; as cores porém eram outras e diferentes; as paredes estavam pintadas de vermelho vivo, tendo em cor de ouro as vinte e duas chaves do Tarot, e os sinais dos sete planetas; o teto era azul como o céu no dia mais sereno, tendo no centro a figura do pentagrama fulgurando, como se fosse fogo, como se tivera tomado de empréstimo o brilho do sol mais ardente.

A mesa que servia de altar da magia mostrava-se coberta com um imenso pano branco, alvíssimo, tendo figuras cabalísticas sem número bordadas em ouro. O chão era tapizado de peles de leão, que conservavam o aspecto exterior das cabeças dessas feras, e cujos olhos flamejavam abertos.

Os instrumentos da magia, os símbolos que enchiam o altar e o gabinete eram ainda os mesmos, a vara mágica porém tinha terminando-lhe a ponta um quase imperceptível triângulo de ouro.

Coroas de louro e de heliotrópio ornavam o altar, no qual a figura sinistra do diabo fora substituída por uma pomba, em cujo peito aberto entrava uma serpente que lhe mordida e devorava o coração.

Nós tínhamos penetrado no gabinete, e o mágico se sentara e se

concentrara.

Um galo cantou seguidamente três vezes.

O armênio levantou se e bradou: "Uriel! Zadkle!
Gehudiel!... Oraphiel!..."

E na parede sobre o altar esses quatro nomes surgiram em caracteres de fogo, como as palavras proféticas no festim de Baltazar. O mágico tomou em suas mãos a lâmpada mágica que estava já ardente, e levou a, dando três passos para o lado do Ocidente, e depois depositou a outra vez no altar; mas no ângulo ocidental dele.

Em seguida firmou no meio do altar sem esforço nem artifício apreciável

um finíssimo tubo de vidro azul de palmo e meio de altura e de diâmetro

igual em toda sua extensão, tendo à meia polegada da extremidade

inferior um orifício em que a custo entraria um fio de seda, e na

extremidade superior um triângulo de ouro perfurado, e apenas perceptível.

Sobre esse triângulo o armênio colocou o vidro côncavo destinado à

luneta: o equilíbrio, a firmeza do tubo de vidro sobre o altar, do vidro

sobre o triângulo não tinha explicação aceitável; mas era real.

O galo cantou de novo três vezes.

O mágico estendeu o braço para tomar a vara mágica: mas ouvindo o piar

de uma coruja, empunhou a espada e manejou a no espaço, exclamando:

“Zadkle! Zalriel! Oriphiel!” .

O piar da coruja cessou, o galo repetiu seu canto, e o armênio atirou

longe de si a espada, do cuja ponta saiu uma flama que foi embeber se no pentagrama que radiava no teto.

Tomando então a vara magica o armênio mergulhou o triângulo em que ela

terminava a sua ponta na flama da lâmpada e dela tirou e levou um fio de

fogo até o orifício do tubo de vidro azul.

O tubo acendeu se, ou pareceu acender se todo. O mágico lançou

imediatamente sobre a flama da lâmpada

cinamomo, incenso, açafraão, e

sândalo rubro, e o fumo perfumado foi sair pela extremidade superior do

tubo de vidro, envolvendo em ondas aromáticas o vidro côncavo que

descansava sobre o triângulo de ouro.

Pela terceira vez o galo cantou três vezes, e não se ouviu piar de

coruja.

O armênio radiante e ufanoso levantou o braço e firmou a vara mágica uma

polegada acima do vidro côncavo, e do triângulo do vidro azul em fogo.

Um minuto depois uma faísca cor de sangue negro saiu do fogo do vidro

azul e pregou se no triângulo da vara mágica; mas o armênio sacudiu três

vezes a vara, dizendo: gnomo! para os vulcões!
E a faísca apagou se.

Dois minutos depois outra faísca amarela
desmaiada, rompendo do vidro
azul foi tocar no triângulo de ouro da vara mágica;
mas o armênio
bradou: ondina! para o seio das fontes e para o
fundo dos mares!

E a faísca logo se apagou, como a primeira.
Três minutos depois terceira faísca, e essa cor de
sangue negro surgiu
do mesmo ponto e pareceu querer embeber se na
áurea extremidade da vara
mágica; o armênio porém bradou: salamandra! para
o fogo do inferno!

E a faísca se apagou e o solo e a casa
estremeceram debaixo de nossos
pés.

E no fim de quatro minutos ainda uma faísca
brilhante se despreendeu do
vidro azul, e começou a embeber se no ângulo em
que terminava em ponta o
triângulo da vara mágica.

- Quaternário! exclamou o armênio; absorve te, e
depois liquefaz-te,
silfo, e liquefeito, te exagera no bem!

E a faísca pouco a pouco se foi embebendo na fina
ponta da vara mágica,
que ainda ficou imóvel e firme sobre o vidro
côncavo...

Passou um minuto, e caiu da ponta da vara mágica
uma gota d'água
semelhante a uma lágrima no vidro côncavo, que a

observou.

E a pomba que tinha o peito aberto exalou um gemido.

Passaram dois minutos, e caiu da ponta da vara mágica outra gota d'água, outra lágrima, que também se embebeu no vidro côncavo, e a pomba cujo peito estava aberto, e o coração era mordido pela serpente gemeu duas vezes.

Passaram três minutos e terceira gota d'água, terceira lágrima caiu da ponta da vara mágica, e foi embeber se no vidro côncavo, e a pomba que mostrava o peito aberto e a serpente a morder lhe e a devorar lhe o coração, gemeu três vezes.

- Ternário! exclamou o armênio e abaixou a vara mágica.

O gabinete que parecera arder em incêndio de repente passou a mostrar se em suave luz de crepúsculo da tarde.

O armênio retirou da extremidade do vidro azul, cujo fogo se apagara, o vidro côncavo, lavou o com água perfumada que derramou da taça mágica, enxugou o com o pano que forrava o altar, armou o em um finíssimo aro de prata, imprimiu neste o selo cabalístico, e enlaçou no anel da luneta um fio de cabelo loiro, que engrossou subitamente, tomando a forma e proporções de um trancelim de ouro.

Logo depois o armênio pronunciou uma palavra cabalística, cujo sentido só ele compreendeu, e por breves momentos a luz se apagou e reinou a escuridão.

Ouvimos um grito: - retorno!...

O grito pareceu nos vir de fora e de longe, e logo duas janelas se abriram no gabinete, e o raiar suave da aurora, e o despontar do dia deu nos a claridade duvidosa e romanesca que precede ao esplendor do sol.

O gabinete mágico desaparecera por encanto: achamo-nos o Reis e eu diante do armênio em um quarto modesto, de paredes brancas e nuas, contando apenas em seu interior uma rude mesa, uma cadeira, e um leito humilde.

- Sou o pobre que dá tesouros, disse o armênio. E entregando-me a luneta, continuou:

- Dou-te pela segunda vez uma luneta mágica: veras por ela quanto desejares ver; veras muito; mas poderás ver demais. Criança! dou-te um presente, que te pode ser funesto; ouve-me com atenção: não fixes esta luneta em objeto algum, e sobretudo em homem algum, em mulher alguma por mais de três minutos; três é o número simbólico e para ti será, como na outra, o número simples, o da visão da superfície, e das aparências: não

a fixes por mais de três minutos sobre o mesmo objeto; porque além de três minutos, hás de ter a visão do bem, que o meu poder de mágico não te pode impedir, pois a visão do bem será a vingança do silfo que escravizei para teu serviço.

- Eu te obedecerei! respondi.

- Hoje mesmo me desobedecerás, tornou o armênio com voz lúgubre.

- Não! Juro que não!

- Vê-lo-ás, tornou ele, e prosseguiu: terás a visão do bem e hás de ser por ela infeliz; veras demais no presente, e poderias ler no futuro,

fixando a por mais de treze minutos sobre o mesmo objeto; eu tenho porem piedade de ti, e te proíbo ainda a vidência do

futuro: Cashiel! Schaltiel! Aphiel! Zarabiel! eu impeço a vidência do

futuro a este mancebo, e esta luneta quebrar-se-á em suas mãos antes do décimo quarto minuto de fixidade.

E mal acabou de falar, o armênio deitou se no seu leito, fechou os olhos, e imediatamente dormiu.

Capítulo 12

O meu amigo Reis levou me do gabinete do armênio para o armazém.

- E então? perguntei lhe...

- Não sei... não sei... não sei... repetiu o Reis,

respondendo me; este
homem parece o. demônio...

- Duvida ainda?

- Não posso explicar o que testemunhei; mas
duvido sempre.

- É demais!

- Vá ensaiar a sua luneta, e volte a dizer me o que
ela é; preciso saber
tudo...

Foi só ouvindo esse convite do meu amigo Reis que
me lembrou o pedido

importantíssimo que eu devia fazer ao mágico.

- Ah! exclamei; esqueceu me pedir ao armênio
algum encanto, algum

talismã que me pusesse a salvo da perseguição
popular. Eu não poderei

usar a minha luneta sem expor me aos maiores
perigos . . .

- Podes! disse uma voz grave: nada receiem

Era o armênio que me mostrara à porta do fundo do
armazém, e que apenas

acabou de pronunciar essas palavras, se retirou,
desaparecendo como uma

visão misteriosa.

Despedi me logo depois do meu amigo Reis que
ficara mudo de surpresa e

admiração.

Era dia; venci porém a minha ardente ansiedade,
resolvido a fazer o

primeiro ensaio da minha nova luneta mágica em
minha casa, a sós, e

livre de qualquer curioso observador.

TERCEIRA PARTE VISÃO DO BEM

Capítulo 1

O armênio é um mágico sublime.

A minha nova luneta é na visão das aparências ou igual ou superior à primeira.

Agora sim, creio que devo e posso considerar me feliz; feliz porque possuo tão precioso instrumento ótico, feliz porque me é dado usar dele sem perigo.

Fiz o primeiro ensaio da minha nova luneta mágica, fitando a de longe e às ocultas sobre os meus três parentes, e vi os, distingui as feições de qualquer deles como as distingui com a outra luneta, e até cheguei a ver mais, pois percebi um sinalzinho azul no meio da face esquerda da prima Anica, sinalzinho que lhe dá na verdade uma certa graça ao rosto.

Seguro da força do maravilhoso instrumento ótico, aumentou ainda mais a minha confiança no armênio, e resolvi logo pôr em prova a certeza que ele me dera de que eu poderia sem receio de perseguição ou de perigo algum usar da minha luneta mágica.

Apesar disso cumpre me confessar que foi com

algum abalo do coração e com a mão trêmula, que, ao sentar me a mesa do almoço em companhia dos meus três parentes, preendi a um dos olhos por dois minutos a luneta mágica.

- Oh! temos nova luneta? disse sorrindo o mano Américo.

- É verdade, e ótima, como... a outra.

- Como a outra não, observou a tia Domingas; esta me parece diferente e não me faz mal aos nervos, como aquela que felizmente se quebrou.

O meu espanto não pode ser maior.

- Vê bem? Vê muito?... perguntou me a prima Anica, cheia de curiosidade.

- Bem e muito, respondi.

- Que tenho no meu cabelo?

- Uma rede de retrós, que os contem.

- No meu peito?

- Um amor perfeito.

- Nas minhas orelhas?...

- Nada; não traz brincos.

- É estupendo!

- Assim o penso.

- Por que não conserva fixada a sua luneta?

- Porque além de três minutos de fixidade eu veria mais do que devo e quero ver.

- O mal?

- Não; o bem.

- Ora! experimente em mim.

- De modo nenhum: o mágico me aconselhou que o não fizesse. - Eu lho peço.

- Deus me livre de obedecer lhe, Anica.

- Empresta me a sua luneta por cinco minutos?

- Sem dúvida.

Passei a luneta à prima Anica, que apenas fixou a, exclamou, retirando-a:

- Ah!... nada posso ver... e que peso sobre os olhos... que fogo . . .

- É efeito da magia...

- Quando eu digo que há mágicos de Deus, e mágicos do diabo não querem me acreditar!... observou a tia Domingas.

- Ora pois, mano Simplício, disse meu irmão; conserve cuidadoso a sua boa luneta...

- Olhe me com ela! tornou a prima Anica.

Fiz lhe a vontade, olhei a por dois minutos.

- Como me acha?

- Lindos cabelos, e rosto a que um sinalzinho azul na face esquerda dá tal encanto...

Anica interrompeu me desatando a rir; mas com evidente satisfação da sua vaidade de moça.

Eu estava como assombrado.

Que mudança de idéias e de prevenções, e de apreciações relativamente à luneta mágica!

Quem pudera dizer aos meus parentes que a minha nova luneta não era como a outra, e que em vez da visão do mal, continha o

poder da visão do bem?

Como isto aconteceu não sei; mas aconteceu. Evidentemente eu não tinha perseguição, nem perigos a recear.

O armênio salvara me.

O armênio é verdadeiro mágico.

Capítulo 2

Acabado o almoço, e depois de abraçado e ardentemente felicitado pelos meus três parentes, de quem ainda continuava a desconfiar muito, voltei ao meu quarto com a alma repleta de consolação, de alegria, e de entusiasmo.

Creio que entrei no meu quarto, saltando jubiloso, como um candidato da oposição que se vê eleito deputado depois de uma dissolução da câmara temporária, ou como um mancebo namorado que após resistências cruéis da família da amada, recebe a decisão ditosa, que lhe dá as glórias de noivo.

Beijei mil vezes a minha luneta mágica e mil vezes jurei que seria acautelado e prudente, que me contentaria com a visão das aparências e que nunca iria além de três minutos procurar a visão do bem.

Entretanto a visão do bem era uma coisa que não podia fazer mal! . . .

Esta idéia já havia entrado por mais de uma vez no meu espírito: ver o bem! eu tinha sofrido tanto, vendo em tudo, em todos, e por toda parte o mal, que ver o bem poderia ser uma agradável compensação, uma profunda consolação para mim...

Mas eu jurara a mim mesmo obedecer fielmente aos conselhos do armênio, e portanto venci, esmaguei o meu desejo de ver o bem.

Hei de, protesto que hei de contentar me com a visão das aparências: é duro, é triste o privar me da visão do bem; não a quero porém; juro que não me exporei a essa visão que o armênio reputa inconveniente.

A visão do bem deve ser deliciosa! mas não a quero; não sou criança louca; sou homem de juízo, e de força de vontade: não quero, não terei a visão do bem.

Capítulo 3

Lembrou me o meu amigo Reis.

O Reis! tenho pena dele.

A incredulidade do meu amigo Reis é mais do que pertinácia no erro, é um atentado contra os direitos do publico que por ela se vê privado de instrumentos óticos temperados pela magia do armênio, e que podem

vulgarizar maravilhas.

O meu amigo Reis é incrédulo; eu porém não sou egoísta, não quero para mim só os milagres que o armênio é capaz de realizar.

Conscienciosamente entendo que em proveito de todos devo atraí-lo ao meu amigo Reis, publicando o que sei e o que obtive do armênio, e o que o armênio é capaz de dar, enriquecendo, sublimizando, tornando mágicas as oficinas, que alimentam o armazém do Reis.

Que me cumpre fazer? É claro: vou redigir uma notícia do que obtive e consegui das oficinas do Reis, vou denunciar a existência do armênio, e a sua extraordinária habilidade em magia, vou obrigar, forçar o meu amigo Reis a satisfazer aos seus fregueses, tornando público o que o armênio se declara pronto a realizar em matéria de instrumentos óticos encantados ou mágicos. É um serviço que devo prestar ao meu país e ao mundo.

Entusiasmado fixei a luneta, tomei a pena e comecei logo a escrever:

NOTÍCIA IMPORTANTE

“O abaixo assinado, possuidor de uma nova e não menos admirável luneta mágica que, por grande favor obtive do Sr. J. M. dos

Reis, em cujas
oficinas na casa de instrumentos físicos etc., a Rua
do Hospício n.º 71
trabalha um armênio que é profundamente
amestrado em magia, julga do seu
dever publicar um segredo que não convém ser por
mais tempo guardado.

‘O Sr. J. M. dos Reis, teimando em não acreditar na
magia, nega se a
aproveitar se dos oferecimentos do armênio
prejudicando assim os seus
interesses e os do público.

“Informo pois que o armênio, a quem devo a luneta
mágica, se propõe a
preparar para que o Sr. J. M. dos Reis exponha a
venda no seu armazém
vidros e instrumentos óticos de assombrosas
condições; espelhos que
refletem a imagem dos velhos com o viço da
mocidade passada, óculos,
binóculos e lunetas que fazem ver o que se passa e
o que há a muitas
centenas de léguas de distancia, no leito dos rios,
no fundo dos mares,
no seio da terra...”

Oh!... que fiz eu? Que estou vendo?... meu Deus!...
é a visão do bem!...

Escrevendo, esqueci o tempo, passaram mais de
três minutos, e, como
predissera o armênio, hoje mesmo desobedeci aos
seus conselhos!

Pequei involuntariamente; como porém é bela e

suave a visão do bem!

As palavras que eu acabava de escrever me pareceram acendidas em brando fogo em que brilhavam generosos sentimentos... as palavras escritas falavam a meus olhos, a incredulidade do Reis exprimia a nobre severidade da ciência e o escrúpulo da religião, a capacidade magistral do armênio revelava o inocente e benéfico poder da magia que os homens não compreendem, e por isso apreciam mal, a notícia escrita por mim transpirava de todas as linhas, de todas as palavras, de todas as sílabas o amor da humanidade. Em tudo e em todos somente sentimentos nobres e doces virtudes.

Que prazer! que delicias experimentei e estou experimentando!

Ah! por que o armênio havia de aconselhar me a não usar da visão do bem?

Por que privar me destes gozos que fazem sorrir a alma beatificada pela pureza e santidade do sentimento?...

Que mal pode provir do bem?...

Eu me senti feliz, imensamente feliz...

Completei a notícia, acrescentando ao que tinha escrito, o seguinte período:

"Ao público, e especialmente aos fregueses do Sr. J. M. dos Reis cabe o

direito de à força de pedidos, empenhos, e reclamações coagi-lo a vencer a sua incredulidade, e a aproveitar os oferecimentos do armênio mágico para facilitar ao público e aos seus fregueses todos os instrumentos óticos e maravilhosos espelhos encantados pela magia”.

Datei a notícia, assinei a com o meu nome e imediatamente mandei tirar dela três cópias, para que no dia seguinte aparecesse ao mesmo tempo em todas as gazetas diárias da cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 4

Que mal pode vir do bem?

Devo abster me da visão do bem depois de haver experimentado uma vez as sensações mais deliciosas, a suavíssima consolação que ela assegura ?

O armênio me aconselhou que me abstivesse da visão do bem, declarando a tão perigosa como a visão do mal; eu porém involuntariamente já infringi esse preceito do mágico...

Se há perigo na visão do bem, já pois inadvertidamente me expus a ele...

A falta, a desobediência estão cometidas...

Ainda mais: o armênio afirmou que hoje mesmo eu desobedeceria aos seus

conselhos, e assim aconteceu sem que da minha parte houvesse intenção premeditada.

Portanto o que aconteceu tinha de acontecer. Não seria estulta vaidade pretender levantar me contra a fatalidade, resistir à lei da magia?

E a visão do bem me foi tão agradável!

Se eu não pude vencer o encantamento da visão do mal, que me fazia sofrer tanto, como poderei triunfar do encanto da visão do bem, que é tão deleitosa?...

Eu não sei se estou sofismando para me enganar a mim próprio, imaginando, inventando escusas e desculpas com o fim de serenar a minha consciência, que escrupulosa me repete os conselhos do armênio; sei porém e confesso que a curiosidade, um desejo irresistível me impelem com a mais viva força para o gozo da visão do bem, que já me encheu a alma de felicidade e de contentamento.

Eu sinto que há verdade e enlevo, beatificação da vida, amor da terra e dos homens, sorrir do coração, luz do céu iluminando a terra na visão do bem.

Quaisquer que sejam os perigos a que me arrisque pela visão do bem, de boa vontade os arrostarei.

E impossível que eu me torne desgraçado por ver o

bem.

Perdão, armênio! doravante vou desobedecer te intencionalmente.

Visão do bem! eu te quero, eu te adoro, eu te bendigo, e te aceito para guiar me no caminho da vida.

Capítulo 5

Fixei a luneta e cheguei me à janela do meu quarto:

vi a prima Anica

debruçada à janela do seu.

Lembrou me a idéia que dos sentimentos dessa moça egoísta, fria, incapaz

de amar, eu fizera pela visão do mal, e retirei a luneta com

repugnância.

Momentos depois a reflexão me acudiu; e

compreendi que exatamente pelo

conhecimento que eu já tinha daquela mulher-cálculo, mulher aritmética,

mulher mais terra do que céu, mais matéria do que espírito: mais pó do

que alma, era nela que melhor experimentaria a visão do bem.

E fitei a prima Anica, que parecia estar meditando.

Vi lhe o rosto que eu conhecia, o sinalzinho azul que o engraçava, os

cabelos formosos, e...

Passaram os três minutos, e o coração e a alma de Anica se abriram, se

patentearam ao meu espírito perscrutador.

Oh! como fora caluniadora e perversa a visão do mal!

Anica é um anjo de inocência e simplicidade, e ao mesmo tempo uma senhora de juízo reto e de exemplar virtude. O que eu julgara nela gelo do coração era virginal recato, o que eu tomara por cálculo material e egoísta era a reflexão e a sabedoria instintiva de uma mulher modelo; zelosa, sem ciúmes rudes e ridículos, econômica sem vileza, amante sem paixão em delício, serena, complacente, dedicada, livre do amor da ostentação e do luxo, de costumes simples, estremecida pela família paciente, suave, meiga, Anica é a mulher que reúne todos os dotes para felicitar o homem que for seu esposo. Encontrei a minha imagem na alma de Anica; não porém como a visão do mal ma mostrou: encontrei a amada, ternamente amada, encontrei a cercada dos cuidados e do interesse de um sentimento tão profundo como generoso que só lembrava a minha fortuna, a minha riqueza com o receio de que fossem motivos que excitando a ambição de alguma outra mulher, prejudicassem às aspirações do seu amor desinteressado e puro. Vi na alma de Anica também a imagem do mano Américo, mas somente aflagada por inocente e mimosa afeição fraternal.

Horizonte sem nuvens, mar sem tempestades, céu
de lua cheia luminoso e
sereno, jardim de belas flores sem espinhos, terra
de solidão sem
florestas negras, nem abismos, nem antros de
feras, tranqüilidade sem
tristeza, saudade sem amarguras, flama sem
incêndio, recato, modéstia,
melindre, abnegação, amenidade, eis o que é a
prima Anica.

De súbito ela volveu os olhos para a minha janela,
percebeu que eu a
fitava com a minha luneta mágica e sorriu se
docemente para mim.

Que sorrir! Foi como um raiar de aurora.

Deixei cair a luneta, e quase me ajoelhei para
adorar a angélica moça.

Creio nos amores que de repente conquistam e
escravizam os corações.

Creio nas paixões que de improviso se acendem.

Creio nos amores e nas paixões que os romances
nos descrevem inspiradas

em um momento pelos encantos de jovens
formosas e de prestígio

deslumbrante.

Creio; porque eu sinto que amo apaixonada e
perdidamente a prima Anica.

Eu quero ajoelhar-me, prender-me aos pés desta
moça gentil, mimosa, rica

de virtudes, quero ajoelhar-me a seus pés, prender
me aos seus pés como

se me prendessem as asas de um anjo, que em
sublime vôo me levasse à

salvação, à glória suprema, ao céu.
Abençoada seja a visão do bem, se a prima Anica
quiser aceitar a minha
mão, o meu nome, e ser minha esposa, a santa
companheira na minha viagem
pela terra, a mulher unificada comigo nos trabalhos,
e nos gozos da
vida.

Capítulo 6

Veio me a idéia correr imediatamente à presença da
tia Domingas e pedir
lhe em casamento a prima Anica; mas contive-me;
porque me lembrou que
devia para isso achar-me autorizado pela noiva, e
porque desejei
desfrutar o encanto de alguns dias de intimas
confidências, e de enlevo
de namorados com a adorada moça.
Com a certeza que eu tinha de ser amado por Anica,
e com a segurança da
sua virtude alguns dias de demora no pedido de
casamento não podiam
senão duplicar a minha felicidade com o
aguçamento de honestos mas
ardentes desejos da posse do objeto amado.
Empreguei o resto do dia no estudo da tia
Domingas, e do mano Américo
pela visão do bem.
Indispensavelmente a visão do mal tinha sido a
visão do diabo, que me
fizera ver o contrário da verdade, e caluniar os mais

santos corações, e os caracteres mais puros e generosos. A tia Domingas era a devoção, a piedade personalizada. Aos pobres negava esmola à nossa vista, e semeava benefícios às escondidas: era a caridade do evangelho, o bem que fazia, só ela o sabia. e quando rezava, mais vezes suas orações eram por seus parentes e pelos estranhos, do que por si. No governo da casa economizava para matar a fome à indigência, e imaginava mil pretextos para ter mais que dar, e encobrir o que dava. A tia Domingas era e é uma santa velha; o que ela faz em obras de caridade só Deus o sabe, e eu agora também o sei pela visão do bem. O mano Américo é o tipo da dedicação fraternal: vive pensando em mim, negociando por mim, e explorando em meu favor e benefício as evoluções, revoluções, e combinações da Praça do Comércio. Em sua abnegação sublime deixa intatas e não desviadas do emprego em que se acham as somas da sua riqueza própria, e, mercê de uma procuração que assinei, negocia com a minha fortuna, jogando na praça: se perde, perco eu e é justo; se ganha, tira dos lucros a sua porcentagem, o que é justíssimo; a prova da honradez e boa fé do mano Américo é que a minha

fortuna ainda não diminuiu um ceitel, embora não tenha aumentado por causa de alguns prejuízos conseqüentes de jogo infeliz.

O que tem sempre aumentado é a fortuna do mano Américo que nunca perde, e ganha sempre; mas a isso nada tenho que dizer; porque o mano Américo só se ocupa de mim, e faz o sacrifício de jogar na praça somente com o meu dinheiro, e em tal caso quando há perdas, é evidente que eu devo carregar com elas, tanto mais que quando há lucros, meu irmão os reparte comigo.

É evidente que se o mano Américo jogasse na praça com os seus próprios recursos, ganharia somente para si, e eu não teria parte nos lucros.

Eu fora o mais vil ingrato se desconhecesse o que devo ao mano Américo.

A visão do bem acaba de mostrar mo tal qual ele é. A sua prudência e sabedoria igualam à sua dedicação fraternal, e aos escrúpulos de sua probidade.

Com a minha luneta mágica eu poderia gerir perfeitamente os meus negócios; não incorrerei porem nesse erro: o mano Américo continuará a ser o depositário de toda minha fortuna, e a administrará e empregará absolutamente, como entender melhor.

Oh! quão aleivosa e envenenada, traidora e diabólica era a visão do mal!

A que criminosos juízos sobre o caráter dos meus ótimos parentes me levou ela!

Ainda bem que posso enfim ver e apreciar a verdade, e pelo conhecimento da verdade viver a mais ditosa, e risonha das vidas. Casar me ei com a prima Anica.

A tia Domingas será o gênio protetor da família e o anjo da caridade que

fará descer as bênçãos do céu sobre a nossa casa.

O mano Américo continuara a ser o arbitro, o regulador dos negócios da

família, dispondo convenientemente dos nossos cabedais em proveito de

todos.

E eu serei o egoísta, o desfrutador de tantos benefícios só e de tanta

felicidade sem trabalho, sem cuidados, só me ocupando do amor da prima

Anica.

Abençoado seja o armênio

Abençoada seja a luneta magica que me deu a visão do bem.

Capítulo 7

Eu tinha a febre da felicidade.

O mundo e a vida me festejavam o coração; eu desejava rir, divertir me, folgar.

Em casa a tia Domingas e a prima Anica dormiam

cedo, e eu senti me
contrariado pelas horas que havia de perder,
deitando-me antes da meia
noite.

Acudiu-me ao espírito um pensamento
extravagante, e talvez menos digno
de quem já se considerava noivo: lembrou-me ir ao
Alcazar Lírico, que
nessa noite dava espetáculo e representação - não
pedidos, nem para
público de escolha- ; mas da sua série ordinária e
portanto menos
contidos e mais livres.

Não refleti mais: decidi-me a realizar o meu
intento.

A hora aprazada entrei pela primeira vez no tal
teatro francês, de que
tanto mal me diziam, e tomei um lugar no meio de
numeroso concurso de
homens e de mulheres.

Antes de tudo observei o teatro, cuja descrição não
farei: achei o

bonito e cômodo mas no fim de três minutos de
exame, a luneta mágica
encantou-me com a visão do bem.

Que injustiça fazem ao Alcazar Lírico: vi nele o
contrário do que me
informavam! Vi nele o ponto de reunião de todas as
classes da sociedade,
o jubiloso recurso de entretenimento para os homens
pobres que não podem
pagar outro menos barato, e para as mulheres que
degradadas pelo vício

são repelidas da boa sociedade; vi nele a mais eloqüente escola de moralidade pública pela exposição ampla e quase sem medida do comércio imoral e repugnante das criaturas desgraçadas que tem descido à última abjeção: melhor que as teorias e os conselhos de um pai austero, falava ali à mocidade o exemplo vivo dos perigos e das torpezas da devassidão.

O Alcasar me pareceu enfim uma bela instituição filantrópica e filosófica, a Ética de Jó ensinada pelas antíteses, a ostentação da grandeza da virtude pela observação da baixeza do vício.

Não pude compreender a razão por que o governo do Brasil ainda não concedeu subvenção ou loterias anuais para auxílio deste admirável teatro lírico francês!

Passei imediatamente a observar os espectadores de ambos os sexos, e antes deles as atrizes ou artistas.

Em breve me apercebi como que abismado em um dilúvio de arrebatadoras graças e dos mais generosos sentimentos. Não houve para a minha luneta

uma só atriz francesa que não fosse prodígio; se nos primeiros três

minutos uma me pareceu menos bonita, outra menos bem feita, e outra

menos engraçada, passados os três minutos veio a

visão do bem obrigar-me
a pagar a todas elas os justos tributos da minha
admiração: esta atriz
cativou-me pela sua rara e esquisita sensibilidade
que a tornava por
agradecida e terna incapaz de resistir à flama de
quem em honra de sua
beleza ia confessar-se, mostrar-se rendido a seus
pés; aquela deu-me o
mais sublime exemplo do amor do próximo; porque
abrasada nesse religioso
fogo de caridade, não sabia fazer exceção no seu
amor do próximo, e
amava todos os próximos, como a si mesma;
aquela outra, vivo e
surpreendente símbolo de humildade evangélica,
condescendente e submissa
dobrava-se à vontade alheia, e era a escrava de
cem senhores.

Declaro que tive medo de apaixonar-me por todas
essas generosas e santas
criaturas, em cujos olhos ardentes, feiçoiros
sorrisos, requebros de
corpo, e estudadas posições, descobri somente a
ambição inocentíssima de
agradar, o impulso da sensibilidade a mais terna, o
amor do próximo ou
dos próximos o mais profundo, e a humildade cristã
da santa moça
submissa e pronta a ser escrava de novos senhores.
Evidentemente havia para o noivo da prima Anica
verdadeiro perigo na
observação repetida daquelas moças tão

resplendentes de inocência e de candura; delas pois desviei a minha luneta mágica, e com o coração ainda palpitante de ternura, de enlevo, quase de entusiasmo, fixei a no rosto de uma jovem que estava sentada perto de mim. Cabelos castanhos e ondeantes, rosto oval e de cor pálida com uns longos roxos nas faces, olhos pretos e vivos, dentes brancos iguais e em continuo rir de continuo à mostra, o peito e os braços nus e os seios e as axilas por metade fora do vestido, mãos de vadia, cintura fina, os pés calçando botinas à Benoiton e atirados em exposição, palavra solta e louca, modos descomedidos, mobilidade febril. provocação e petulância,- eis a jovem em quem eu fixara a minha luneta mágica e que não podia contar mais de vinte anos de idade. Era pois moça e bonita; mas trazia no olhar, no falar, no rir, no proceder o leiteiro da devassidão; causou me dolorosa impressão; tive dó daquela mocidade pervertida. Entre mim e ela estava sentado um velho de sessenta anos pelo menos, que todo impertigado a miúdo lhe falava ao ouvido, como o fazia também pelo outro lado um mancebo que evidentemente devia ser mais atendido. A rapariga mostrava se alegre e folgazona, e sem

dúvida ria se do velho,
quando escutava os segredos do moço.
Animei-me a perguntar em voz baixa ao velho:

- Quem é esta... mulher?
- Não a conhece?... disse-me ele admirado.
- Confesso que não.
- Pois não conhece a Esmeralda?
- Esmeralda? E o seu nome de batismo?
- Quase todas as raparigas da classe desta adotam ou recebem o seu nome de guerra; a moça, que está vendo a meu lado, chama-se Esmeralda pela paixão e preferência que lhe merecem as pedras desse nome: observe o adereço que ela traz ao pescoço.
- Com efeito é riquíssimo.
- Sei bem o que ele vale: custou-me os olhos da cara.

Voltei-me com repugnância, desviando outra vez a minha luneta mágica da figura daquela mulher desgraçada, e do rosto do velho ridículo e parvo.

Pouco depois mudei de lugar e encontrei-me com aquele mancebo meu vizinho que prazenteiro, gracejador e sempre jovial, tão indigno da minha amizade me parecera julgado pela visão do mal.

Já desconfiado dessa visão caluniadora, observei o primeiro a alguma distância por mais de três minutos, e reconheci a perfídia da minha primeira luneta: o meu jovem amigo era o caráter

mais igual, mais nobre
e distinto que se podia imaginar.

Fui ter com ele, que me festejou com expansão de verdadeira alegria.

- No Alcasar! ! ! exclamou enfim; tu no Alcasar! . . .

- E verdade; começo a viver.

- Estás apenas meio perdido; mas eu vou te perder de todo.

- Como?

- Do Alcasar a uma ceia infernal é só um pulo: queres pular? - Não entendo.

- Convido te para cear com uma dúzia de demônios de ambos os sexos.

- Uma orgia...

- Pouco mais ou menos: mademoiselle tem medo de se comprometer?

Corei da zombaria, e respondi:

- Aceito, se es tu que dás a ceia.

- Nessa não caia eu: quem paga a Ceia é o tolo;

- E quem é o tolo?

- É o paio.

- E quem é o paio?

- É um animal que não conheces: é o velho que a Esmeralda depena.

- Conheço o já; mas com que direito me convidas?

- O pateta do velho conta comigo e com um primo, de quem lhe falei, e

que me faltou à palavra por causa de uma sobrinha, que celebra esta

noite um batizado de bonecas: ficarás sendo meu primo durante a ceia, ou

és mais tolo que o velho.

- Aceito o convite.
- Ainda bem, meu primo; principias a ter juízo.

Capítulo 8

A meia noite o velho, dez alegres moças e outros tantos mancebos rodeavam esplêndida mesa. Ridículo Baco de cabelos brancos, o velho provocava a companhia ao ruído, as cantigas livres, as libações freqüentes, à desenvoltura à orgia enfim.

Mais bela e petulante que todas as suas companheiras, Esmeralda era digna rainha daquela festa, que me inspirava espanto e horror.

Esmeralda, impudica e doida, desnudava encantos que o recato esconde cuidadoso, deixando os apenas adivinhar nas palpitações do peito que arfa. Ela tinha esvaziado as taças cheias de seis vinhos diversos, e pedia ainda champanha e conhaque!

Mísera bacante precisaria em breve que a levassem quase carregada para dormir em casa.

A bela moça embebedava se!

Dentro em pouco faltava o juízo a quase todos: mulheres e homens se achavam aviltados, castigados pelos venenos da orgia e da depravação dos costumes.

Dois únicos dos convivas resistiam ao contágio fatal, o meu amigo, que bebera vinha com água, e eu que bebera água com vinho.

- Primo, disse-me ele; estuda esta lição, e aproveita-a.

- Tens razão, respondi; é tempo de fazê-lo: devo e quero apreciar toda a ignomínia, e toda a imensa vergonha dos nossos sócios de orgia.

E fixei a minha luneta mágica sobre a Esmeralda embriagada.

A princípio vi, o que tinha já apreciado, seus dotes físicos, sua gentileza que o vinho e a petulância apenas anuviavam; Esmeralda era ainda bonita apesar da embriaguez e da ignomínia; sem dúvida que o era, pois que eu o reconhecia, embora o sentimento que ela me inspirava fosse o da repulsão e do tédio, que nos causa a vista de um animal imundo.

Passaram porém os três minutos e começou a visão do bem.

Li com surpresa e enternecimento na alma da embriagada a história do seu passado e dos tormentos de sua vida.

Menina de coração angélico, mimoso tipo de sensibilidade, fora muito

cedo vítima do crime; era pobre e órfã e uma parenta corrompida preparou

lhe sinistro sono, e vendeu-lhe a um monstro a inocência e a pureza;

riram-se de suas lágrimas e a arrastaram para o vício; mas em breve despertando no meio da perversão, Esmeralda teve remorsos, detestou sua vida, foi mil vezes desgraçada; desejou amar e ser amada, como ama e é amada a senhora honesta; era porém tarde: o mundo já tinha marcado a sua fronte com o sinal negro da reprobção perpétua. Então principiou para a mísera a vida do frenesi a que o desespero preside. Na convicção tremenda do seu aviltamento embriaga-se todos os dias para esquecer a sua miséria moral, e para matar-se; sabe e sente que o conhaque queima-lhe as entranhas e lhe abrevia a vida; pelo sabor aborrece o conhaque, pelos seus efeitos adora-o; beberia fogo vivo, se o fogo vivo se bebesse. O seu rir contínuo é o delírio da dor, a antítese das torturas do coração em convulsões dos lábios que fingem alegria. Ninguém a despreza tanto como ela mesma se despreza, porque na pureza dos seus sentimentos e de sua sensibilidade adora a virtude, compreende a sublimidade do amor honesto, e se reconhece infame pela infâmia do vício. Quando está só em casa, e vê passar uma jovem com o vestido branco e a

virginal coroa de noiva no carro que a conduz à igreja, Esmeralda se ajoelha, chora, e reza; chorando por si, e orando pela noiva. Fatal arruinadora dos ricos, que se tornam seus apaixonados, parece nadar em mar de ouro, e nunca lhe sobra o dinheiro; porque ela alimenta e veste quantos pobres a procuram; ou quantos pobres conhece; mas tem fama de dissipadora e ninguém a chama caridosa. Nos desvarios precipites da sua vida Esmeralda ganhou créditos de petulante, interesseira, vil, desordenada, infrene e louca, incapaz de uma afeição, não suscetível de amar, demônio de gelo, demônio de voracidade áurea, demônio de corrupção; ela o sabe e ri com o seu rir que é mais amargo do que o pranto mais doloroso. Que falsa apreciação! Esmeralda é flagelada pelo seu pudor inato de mulher que nasceu para ser santa; não tem ordem na vida maternal, porque abomina o cálculo egoísta a ponto de esquecer os cuidados do futuro; o que chamam sua loucura é como um castigo que ela se impõe na terra; sensível, dedicada, extremosa, amando tão ardentemente a virtude, que nem concebe escusa, desculpa, ou perdão para sua vida manchada e ignominiosa, tem uma coração que é um abismo de

amor exaltado e sublime.

Se fosse amada, esposa de um homem a quem amasse, seria tipo de fidelidade, heroína pela abnegação, mártir pela paciência, anjo pela santidade dos sentimentos e da vida.

Contemplando essa vítima do mundo, e dos homens, essa embriagada adorável, essa virtude cheia de manchas, esse querubim profanado, essa mulher formosa de corpo aviltado e alma pura, esse coração todo amor,

essa Madalena que se torturava no vício, que se atribulava na orgia, que se degradava na embriaguez, que antes da morte e com severa consciência

condenava o corpo à corrupção, à podridão, as extremas e esquálidas

misérias da terra, e tinha a alma arrependida já metade no céu, tive

ímpetus de correr a beijar lhe os pés, e de bradar lhe: "acorda! surge

do sono da embriaguez! eu te compreendo e te amo, eu te regenero, dando te o meu nome! "

Creio que dominado pelos encantos físicos e morais de Esmeralda, eu

teria ido além de treze minutos de contemplação, se o meu primo de

convenção não me tivesse tocado no braço, fazendo assim cair a luneta

mágica que eu fixara sobre a infeliz moça.

- Não olhes tanto para a Esmeralda, disse me ele; corres o risco de ficar verde.

Ou por acaso, ou porque ouvisse a observação do meu suposto primo, a Esmeralda cravou em meu rosto um olhar flamejante, e logo depois empunhando o corpo, bradou:

- Conhaque! conhaque! conhaque!

Pareceu me então que a ouvia pedir veneno para se ir matando, levantei

me de súbito, e atirei me de encontro ao criado que corra a deitar lhe

conhaque no copo; arrebatei lhe da mão a garrafa e exclamei:

- Basta! a senhora não deve tomar mais conhaque!

- Pois então... vou me embora... balbuciou a

Esmeralda, e no meio de

gerais gargalhadas, saiu, cambaleando, apoiada no braço do velho.

Capítulo 9

Dormi mal o resto da noite; porque despertei por vezes, sonhando com a prima Anica, e com a Esmeralda, e no dia seguinte encontrei as imagens

de ambas, felicitando a minha alma.

Cumpru-me dizer que senti por isso mesmo o

primeiro inconveniente da

visão do bem: eu amava igualmente as duas

moças, e hesitava sobre qual

delas merecia preferência.

Anica era pura; Esmeralda manchada pelo vicio mais torpe.

Anica era sóbria como todas as senhoras de educação e apenas em jantar cerimonioso molhava os lábios com alguma. gotas de champanha; Esmeralda era afeita à ignomínia; da embriaguez.

Anica era objeto do respeito de todos, e somente em culto à sua virtude, e às delicadezas devidas ao seu sexo, alguns na sociedade lhe beijavam reverentemente a mão; Esmeralda era o escárnio de muitos, e o insulto vivo da moral pública.

Mas eu, melhor que todos, conhecera Esmeralda pelas revelações da visão do bem, e não podia deixar de fazer lhe justiça. Anica era feliz, tivera mãe e parentes a velar por ela, educação a aprimorar suas virtudes; Esmeralda era a desgraçada mártir sacrificada por infame parenta; a primeira tivera todos, a segunda ninguém por si.

E além disso a Esmeralda conservava o melindre do sentimento na depravação da vida; devorada pelos remorsos, tendo aversão ao vício que a aviltava, arrojava se a ele, como a um castigo, e procurava abreviar seus dias com o veneno da embriaguez.

Não era Madalena arrependida, mas era Madalena delirante.

Se aparecesse um homem que amando Esmeralda,

e sendo por ela amado, lhe dissesse: "eu te amo! eu te dou o meu nome e te regenero!", essa mulher se agarraria a esse homem, como a um anjo de salvação, e sua esposa dedicada, extremosa e fiel o faria feliz. O marido de Anica será por força ditoso; mas desfrutador egoísta de uma dita, que toda lhe há de vir da esposa; o marido de Esmeralda porá fim a um grande infortúnio, cobrirá com os véus do seu nome uma nudez reprovada; fará uma obra de caridade, de amor santo, que o exaltará aos olhos de Deus, que purificou a Madalena arrependida. Em uma palavra o marido de Anica poderá ser mais ditoso; mas o de Esmeralda será mais generoso. E todavia eu hesitava sempre... Às vezes a minha razão me dizia que todas as mulheres pervertidas têm sempre de prevenção no espírito a história de uma perversa sedução, de martírios cruéis, de desespero, de arrependimento sem proveito, de desejo de morte, e de exemplar dedicação; suas virtudes raras, e seus sentimentos sublimes, brilhariam sem dúvida com o mais vivo fulgor se achassem maridos que as regenerassem reservando se elas entretanto o direito de serem no futuro e depois de casadas

dignas do seu ignominioso
passado.

A reflexão também me diz que a mocidade
inexperiente e generosa tem na
sua inexperiência e generosidade uma espécie de
luneta mágica com a
visão do bem, que faz tomar a nuvem por Juno, e
acreditar facilmente em
tudo quanto lhe cantam aquelas pérfidas sereias.
A razão enfim me está clamando, que o verdadeiro
arrependimento exclui a
idéia da persistência no pecado, e que a prática do
vício em nome do
desespero, da embriaguez, em nome do desejo da
morte, e do esquecimento
da infâmia no sono do álcool são pretextos rudes,
sofismas repugnantes
das mulheres depravadas.

Se é assim realmente a visão do bem, isto é, o
modo de ver e de aceitar
as coisas, de apreciar os fatos, e de julgar os
homens, o homem e a
mulher sempre pelo lado bom, sempre pelas regras
da desculpa, do perdão,
do bem, do otimismo na humanidade, é um grande
e enorme perigo tão fatal
em suas conseqüências, como a visão do mal que é
o extremo oposto.

Estas considerações começavam a perturbar me, a
incomodar me; eu porem
não podia, sem ofender a minha consciência, negar
me a confessar, a
reconhecer, a proclamar o que tinha visto pela visão

do bem,
contemplando a Esmeralda com a minha luneta
mágica por mais de três
minutos.

Evidentemente eu seria indigno, malvado, se não
declarasse, se não
estivesse pronto a declarar a todos, e à face do
mundo, que a Esmeralda
é uma pobre mártir, manchada em sua vida; mas
santa pelo sentimento,
anjo pelo coração.

Portanto a visão do bem fazia me adorar a
Esmeralda, como eu adorava a
prima Anica, e hesitar sobre a escolha, sobre a
preferência entre uma
senhora honesta e para, e uma mulher perdida e
petulante.

A razão fria lutava com o sentimento em fogo, a
reflexão com a
generosidade, o juízo com o coração.

Muitas vezes eu tinha vergonha dessa minha
hesitação entre a pureza e o
último aviltamento...

Mas hesitava sempre...

A luta era um tormento, e a visão do bem começava
pois a me fazer mal.

Capítulo 10

Mostrei-me pensativo e menos alegre ao almoço;
Anica reparou nisso, e
perguntou me docemente qual podia ser a causa da
minha melancolia.

Disse lhe que tinha dormido mal, porque levava toda a noite a sonhar com ela; a resposta a fez sorrir, e livrou me de mais explicações.

Nada é mais agradável à mulher do que o culto, e a turificação à sua vaidade.

Logo depois sai para visitar o meu amigo Reis, e dar lhe conta da força, e do poder maravilhoso da minha luneta mágica. Uma vez por todas fica declarado que o público da capital, como os meus parentes o tinham feito, deixou me com a mais completa e absoluta tolerância ou indiferença no gozo pacífico e pleno da minha nova luneta mágica, conforme o armênio o havia garantido.

Ao chegar à casa do meu amigo Reis, um homem, que com ele conversava no armazém, voltou imediatamente as costas ao ver me entrar, dizendo lhe em voz baixa algumas palavras.

O Reis veio logo receber me com a sua habitual e natural amabilidade.

Sem que rogado me fizesse, confiei ao excelente amigo tudo quanto se passara no dia antecedente em relação à minha nova luneta mágica.

- E não haverá nisso ainda muita influência de imaginação? perguntou me o Reis sorrindo se.

- Sempre incrédulo! respondi lhe eu; não há meio de convencer a um homem

que não quer ser convencido.

- Lembra se da visão do mal?

- Muito.

- Que me diz dessa visão agora?

- Que era caluniadora e perversa.

- E por que não será traidora e falsa a visão do bem?

- Suponhamos que o seja; ainda assim a magia de que duvida é uma realidade, embora seja maléfica.

- Proponho lhe uma experiência...

- Aceito a.

- Vê aquele homem que nos dá as costas?

- Vejo o

- Vou esconder lhe o rosto com um lenço e o senhor que já o julgou pela visão do mal o julgará pela visão do bem e me dirá quem é ele.

- Estou pronto: não sei se poderei dizer quem ele seja, porque ignoro se a luneta mágica estende a tanto o seu poder; mas tenho a certeza de ver, de apreciar e de patentear o seu caráter, e as suas qualidades boas ou más.

- Experimentemos pois, disse o Reis.

E logo foi cobrir com um lenço de seda roxo o rosto do seu amigo ou

freguês, que assim perfeitamente seguro de não ser conhecido, voltou se para mim, e ficou firme, como se fosse uma estátua.

A um lado entre mim e o desconhecido o Reis nos

observava risonho.

Fixei a minha luneta, e principei logo a falar, descrevendo o que via.

- Rosto comprido, magro, um pouco moreno, cabelos que começam a esbranquecer... este homem tem mais de cinqüenta anos de idade . . .

E seguidamente fiz o retrato do desconhecido.

O Reis ouvia me admirado.

No fim de três minutos de observação senti que a visão do bem abria ao

meu olhar a alma do desconhecido:

- Mal julgado por alguns; mas nobilíssimo caráter! este homem é

procurador de causas no foro, e muitas vezes sacrifica seus interesses

pessoais, servindo a ambos os litigantes contrários no empenho da

conciliação e da harmonia; com o seu trabalho honrado e sábia economia

tem adquirido alguma riqueza, e sabe acudir às circunstâncias difíceis

dos seus amigos, emprestando lhes dinheiro a juros; os velhacos o chamam

por isso usurário; em seu lar doméstico pede à esposa e à filha

diligencia, zelo e labor para fundamento da segurança do futuro; ele

trabalha, a mulher trabalha, a filha trabalha, e a riqueza da família

aumenta, e com o trabalho a moralidade do lar doméstico aprofunda

raízes. E um homem útil à sociedade; severo em

seus costumes, austero na educação da filha, na direção da esposa, no governo da casa, é um modelo de chefe de família, um exemplar, que por muitos pais e maridos deve ser copiado. Este homem chama se . . . ah! . . .

- Que é isto? perguntou me o Reis, notando a minha súbita surpresa.

Este homem chama se Nunes... perdão meu velho e bom amigo! exclamei

avançando dois passos para ele; perdão!... A visão do mal me tinha

pintado o senhor com horríveis cores! perdão!

perdoe me! a calúnia não

foi minha, foi da visão do mal que era aleivosa e malvada!

Vendo se reconhecido, o velho Nunes tirou o lenço que lhe cobria o

rosto, e deu me apertado abraço.

- Perdoa me? perguntei lhe.

- Com uma condição...

- Qual?

- Há de remir a sua dívida: hoje mesmo juntará comigo.

- Com o maior prazer.

- Então também me perdoa? perguntou me o velho Nunes por sua vez.

- O que, meu amigo?

- O mal que involuntariamente lhe causei; confesso que confiei a algumas

pessoas o segredo da sua primeira luneta mágica; mas não fui eu quem

inventou as falsidades que o comprometeram na

opinião do povo.

- Tudo isso está passado...

- Ainda bem!

- Amigo Reis, eu quero agradecer ao armênio...

- Vou chamá-lo já, ou antes, venham comigo.

Seguimos o Reis, e quando chegávamos à porta do misterioso gabinete,

esta se abriu, e o armênio apareceu, como se nos estivesse esperando.

- Para que me incomoda? disse me ele rudemente;

o dia em que precisará

de mim, não chegou ainda. Deixe me, vá gozar a

visão do bem.

E trancou nos a porta.

O velho Nunes observou, sorrindo:

- Positivamente a magia não tem escola de boa educação.

- Não, disse eu com tristeza: o armênio está ressentido da minha

desobediência; ele tinha me aconselhado que me abstivesse da visão do

bem.

- Enganas te, criança! respondeu de dentro do gabinete a voz do mágico:

o que aconteceu devia acontecer.

Capítulo 11

Voltamos ao armazém e nos sentamos para conversar.

Eu estava outra vez de bom humor; a resposta do armênio tinha banido

minha súbita tristeza.

- Então, meu amigo Reis?
- Não compreendo isto; mas em todo caso estou firmemente decidido a resistir ao armênio, e a não consentir, a não admitir no meu armazém instrumentos mágicos.

- E se os fregueses o exigirem?

- Negarei a realidade do que não compreendo.

- E se amanhã aparecer em todas as gazetas diárias da capital a notícia da minha nova luneta mágica?

- Confio na sua discrição.

- Pois não confie; fui eu que redigi a notícia.

- Oh! que fez? exclamou o Reis.

Depois serenou logo e tornou:

- Sofrerei o que já sofri; mas desta vez lançarei todas as culpas sobre o armênio que não fala e não aparece a pessoa alguma.

- Que teima!

- Não quero no meu armazém instrumento algum que não seja obra da arte e

da ciência humana. Eu já teria despedido este maldito armênio, se ele

não fosse o artista mais hábil consumado, e dedicado nas minhas

oficinas; tudo que sai das suas mãos, do seu trabalho, pode se dizer

perfeito; mas reputo a sua pretendida ou real magia perigosa à

sociedade, ofensiva da religião, capaz até de perturbar a ordem pública.

O velho Nunes desatou a rir.

- De que ri assim? perguntou lhe o Reis.

- Da sua inocência, respondeu lhe o velho; vivemos na terra, no país das artes mágicas, e o senhor se arreceia de introduzir nela obras de magia!

Meu amigo, o senhor está na cidade e não vê as casas.

- Como assim?

- Creia que há magias a cada canto; olhe: como é que empregados públicos, e homens de todos os misteres e condições vivem, ganhando cinco, e gastando cinqüenta em cada ano? Só por magia. Como é que um farroupilha há dois ou três anos se ostenta de súbito milionário? Só por magia. Como é que o Brasil festeja todos os anos o aniversário da sua constituição libérrima e vive, sem exceção de um dia, fora da lei constitucional e em plena ditadura, ou sob a vontade arbitrária, absoluta de quem está de cima? Só por magia. Acredite me: há arte mágica na vida, na riqueza, no procedimento e na fortuna de muitos; há arte mágica nas misérias da administração, nas mentiras constitucionais do governo, nas zombarias feitas à opinião, no impune desprezo do povo, e até na paciência ilimitada dos que sofrem, há arte mágica..

- Basta, Sr. Nunes; no meu armazém se conversa sobre tudo, menos somente sobre dois assuntos.

- Quais?

- A vida alheia, e a política do estado.

- Pois fiquemos no que disse. Que horas são?

O Reis consultou o relógio:

- Duas e meia.

- É tempo; em nossa casa janta se precisamente as três horas da tarde: a

alegria seria completa, se o amigo Reis se sujeitasse a fazer hoje

penitência conosco.

O Reis esquivou se cortesmente ao convite, declarando que devia sua

presença a um hóspede.

O velho Nunes e eu saímos.

Capítulo 12

As três horas da tarde em ponto serviu se o jantar na casa do velho Nunes.

Éramos quatro à mesa, ele e eu, sua mulher, a Sra. Dona Eduvirges, e sua

filha, Dona Ana, a quem os pais chamavam familiarmente Nicota. Honrando

com o mais bem merecido apetite o simples jantar de família que aliás

era variado, excelente, e digno da apimentada cozinha brasileira, não me

descuidei de fixar a minha luneta mágica sobre as duas senhoras.

Dona Eduvirges ainda bonita, era o tipo da matrona do nosso país; boa e afável, mas recatada e grave, media suas palavras, governava seus olhos, sabia ser a rainha da casa, porém obediente ao rei por teoria de educação e prática da vida. Virtuosa sem violência, honesta sem esforços, tranqüila e plácida, feliz em seu retiro doméstico era como harmonia musical prolongada, monótona; mas em todo caso harmonia.

Nicota contava vinte e três anos, era morena, bela, agradável, jubilosa, e tinha uns olhos negros, que me pareceram crateras de lavas apaixonadas. Eu nunca tinha visto olhos como esses, e, deve se dizer, nos olhos e no sorrir é que está a flama da vida de um rosto de mulher.

A visão do bem tornou me patentes a alma e o coração de Nicota.

Inocente, suave, meiga, nascida para obediência de seu pai e do esposo, que a amasse, educada no trabalho que moraliza, na economia que não dissipa; mas não impõe privações, modesta e religiosa, ingênua e simples, engraçada e espirituosa sem saber que o é, poética no falar sem afetação, com um olhar que é fogo, com uma voz que é música, com um sorrir que é feitiço, com sentimentos em que a

candideza se identifica
com o amor, Nicota fez me esquecer durante o
jantar a prima Anica e a
Esmeralda.

Levantei me da mesa do jantar embriagado,
completamente embriagado não
de vinho; mas de amor.

Se eu não tivesse contemplado com a minha luneta
mágica Anica em quase
todo o dia, a Esmeralda na noite que se haviam
passado, creio que no fim
do jantar, que o velho Nunes me dera, me curvaria
ante esse amigo,
pedindo lhe a filha em casamento.

Em meu coração sensível já lutavam não duas, mas
três imagens de moças
queridas, a quem eu amava com paixão igual, e
sem preferência possível.

Eram três flamas ardentíssimas a consumir me, a
devorar me a alma
perdida por qualquer dessas três criaturas
encantadoras e privilegiadas.

Eu amava Anica...

Amava Esmeralda...

Amava Nicota...

A preferência, a escolha entre elas era impossível...

Eu sofria muito...

Capítulo 13

Um mês inteiro correu para mim sempre em gozos
da visão do bem em todos

e em toda parte.

Mas, eu o confesso, a própria visão do bem não é isenta de

inconvenientes, e a cada dia que passava, alguma nova contrariedade

vinha perturbar a doce vida que eu vivia.

Desejando muito casar me, ter por companheira e sócia na fortuna amiga

ou adversa, nos risos e no pranto, uma mulher bela e amável, eu sentia

uma barreira indestrutível opondo se, tornando impraticável a realização

desse desejo.

Do mesmo modo que me julgo com o direito de exigir da mulher que me

aceitasse por esposo fidelidade absoluta, coração meu só, amor sem

fingimento, assim também quero respeitar iguais direitos naquela que me

aceitar por marido, nem admito que seja pura e abençoada pelo céu a

minha união com a noiva que eu levar ao altar, se ela tiver um

pensamento para outro homem, e se eu tiver um pensamento amoroso para

outra mulher.

Ora o que me está acontecendo é que, a pesar meu, eu amo Anica,

Esmeralda, Nicota, e amo ainda com o mesmo ardor mais trinta jovens

senhoras, que tenho estudado com a visão do bem!

Dizem que com uma paixão mata se outra: é engano! Eu já me abraço em

trinta e três paixões, e creio que irei além.
E o que mais me penaliza, não é o meu tormento,
este doce veneno trinta
e três vezes multiplicado, e a dor, a desconsolação
ou a falsa esperança
dessas trinta e três vítimas da minha sensibilidade
esquisita; pois que
pela visão do bem tenho reconhecido que cada uma
delas também me ama,
que todas elas também estão apaixonadas por
mim!

Urgido, atraído por tantos amores, vivo como às
tontas a correr pela
cidade para pagar tributos de amor e adoração; mas
se em toda parte
tenho enlevos, tenho em toda parte saudades...
Neste mês já fui doze vezes a casa de Esmeralda,
que me recebe sempre
risonha e se despede de mim com uns ares que aos
três primeiros minutos
de fixidade da minha luneta me parecem de
inexplicável admiração, e que
logo depois a visão do bem me explica, que são de
profunda melancolia, e
de pungentes remorsos. O certo é que nas minhas
doze visitas, o meu amor
tem sido exclusivamente platônico, e a conversação
que alimento sempre
cheia de lições de virtude, e de suaves esperanças
de regeneração moral
pelo sincero e completo arrependimento do
passado.
Esmeralda com a sua reputação de interesseira, e

arruinadora de quantos
a freqüentam, ainda não me impôs, nem sequer me
pediu a mais
insignificante despesa; quis uma vez fazer lhe
presente de uma jóia, e
ela, coitadinha! respondeu me quase chorando.
- Não lha mereço; eu sou vil, e indigna da sua
bondade; se lhe é grato
obsequiar me, assine alguma quantia nesta
subscrição destinada a salvar
da miséria uma numerosa família.
E apresentou me um papel, no qual achei muitos
nomes, e alguns de
pessoas consideráveis, que tinham contribuído com
seus donativos.
Assinei e dei o dobro da maior quantia que vi
subscrita.
Nobre e caridosa Esmeralda! as pobres contavam
tanto com ela, que ate
hoje tenho lhe encontrado na mesa da sala mais
oito subscrições para
obras de misericórdia, para as quais também
contribuí, como pude, a
despeito da resistência, e dos protestos dessa
moça tão mal julgada,
dessa Madalena suave, que, eu o espero, o
arrependimento há de
purificar.
As subscrições têm me custado pouco mais de um
conto de réis, de que fiz
entrega a Esmeralda, e estou perfeitamente seguro
de que ela não desviou
um real do destino a que se dedicavam as quantias

assinadas.

A Esmeralda é o gênio do bem. Um amigo, sem dúvida de caráter suspeitoso, procurou fazer me acreditar que a infeliz rapariga zombava de mim, explorava a minha inexperiência, e que as subscrições eram falsas, e não passavam de velhacos e rudes laços armados ao meu dinheiro. Respondi a este aviso com o sorrir de quem sabe o que faz, e como procede. Que me importam suspeitas vãs?... A visão do bem me dá certeza de que Esmeralda preferiria morrer de fome a tomar para compra de seu pão a menor das quantias dadas pelos subscritores beneficentes. Juro que o meu dinheiro foi religiosamente empregado em socorro da miséria e da orfandade.

Capítulo 14

Há oito dias que voltei pela décima vez à casa do velho Nunes, meu bom amigo, e ditoso pai da Nicota. Eram onze horas da manhã, o velho estava fora, tratando dos seus negócios; mas a esposa e a filha me receberam com os corações abertos. A nossa conversação para mim muito agradável prolongara-se até uma hora da tarde, quando entrou o velho Nunes apressado,

e evidentemente dominado por dolorosa comoção. Cumprimentou me, falou em segredo a Dona Eduvirges, e saiu de novo sem despedir se, e muito aflito.

Dona Eduvirges ficara com os olhos rasos de lágrimas, e Nicota olhava para a mãe com expressão de tanta ternura que também quase me fez chorar.

- Que há? perguntei; um amigo tem o direito de saber o motivo da aflição da família, que verdadeiramente estima; sobreveio algum infortúnio? Qual é?

- Irremediável! exclamou D, Eduvirges.

- A morte de algum parente?

- Não.

- Pois irremediável, minha senhora, só conheço a morte.

- Oh! e um depósito de dez contos de réis, que meu marido deve e não pode entregar hoje.

- Hoje?

- E sabe o que ele me disse? Disse me que é a casa de correção que o espera, e cujas portas vão se fechar sobre ele!... em poucos dias Nunes terá esse dinheiro e muito mais; hoje porém bateu já debalde a todas as portas!... é a desonra que o espera, e que o vai matar! . . .

Nicota desfazia se em pranto e soluços.

Imediatamente o velho Nunes voltou de novo pálido e desfigurado, e após ele um homem, e mais dois, que exigiam a entrega do depósito . . .

A dor da família foi imensa; no meio porém daquela dor de esposa e de filha, e sobretudo, contemplando as lágrimas da bela Nicota, tive, gozei suavíssima prazer.

Eu nem sabia que gozava tanto crédito no Rio de Janeiro; bastaram porém algumas palavras pronunciadas por mim para transformar toda aquela tempestade rasgada em perfeita bonança.

Para resumir a história: assinei como sacador e endossante uma letra de dez contos de réis que devia vencer se no prazo de trinta dias.

O velho Nunes jurou me, sem que eu lhe pedisse juramento, que antes de quinze dias teria ele pago essa dívida, que então se tornara em dobro dívida de honra para sua consciência.

O bom amigo abraçou me; Dona Eduvirges me ofereceu a mão que eu beijei respeitosamente, e Nicota me apresentou a fronte cândida, na qual toquei com a ponta dos meus lábios.

Tanta gratidão por duas assinaturas! tanto reconhecimento pelo saque e pelo endosso de uma letra, que o velho Nunes pagará em quinze dias!

Que família de anjos!

Eu nunca me senti tão feliz, como nesse dia.
Fiquei para jantar com aquela boa e santa gente.
A mesa do jantar bebi vinho no mesmo copo em
que Nicota, sentada a um
lado, apenas molhara os lábios; foi ela que trocou
os nossos cálices, e
seus pais não viram essa travessura, ou meiguice
de moça inocente.
Como achei saboroso e excelente o vinho! pareceu
me sentir nele a
delícia de um beijo de Nicota.
Bebi somente um cálix de vinho; aquele que Nicota
divinizara com o
contato da sua boca mimosa.
Se eu bebesse mais, ou de outro vinho, teria sido
sacrílego.
- Sai da casa do velho Nunes, como um rei sai do
templo, onde acaba de
celebrar se o ato da sua sagração.

Capítulo 15

Graças a intervenção de pessoa competente, foi me
concedido, a poucos
dias, o visitar a Casa de Correção: vi e apreciei
tudo, e tudo ali me
pareceu levado ao último apuro da perfeição.
O sistema administrativo do estabelecimento, a
secretaria e livros de
escrituração, as obras que se faziam, as
disposições internas e até o
local da casa, o método penitenciário adotado, a
alimentação e

tratamento dos presos, o zelo dos empregados enlevaram-me os sentidos.

Eu estava cheio de admiração, vendo e aplaudindo a sabedoria e a solicitude do governo do meu país naquela grande penitenciária, quando me levaram a correr as oficinas onde trabalhavam os condenados.

A princípio contemplei satisfeito o aspecto das oficinas, a excelência das obras que se executavam e sobretudo a importância moral do trabalho, cujo hábito regenerará os criminosos, fazendo de nocivos que eram, homens úteis à sociedade aqueles desgraçados. Mas logo depois examinando com a minha luneta e pela visão do bem um por um todos os condenados, horrorizei-me da cegueira, da ignorância, ou da perversidade da justiça pública, dos tribunais, e dos juizes.

Será incrível; mas é verdade: não há um só daqueles infelizes condenados que não seja inocente dos crimes que lhes imputam, e todos eles, todos sem exceção, se distinguem por virtudes raras e pela moralidade mais exemplar!...

Eu estava convulso, irritado, aceso em fúria; veio-me a idéia soltar um brado de revolta, excitar as pobres vítimas à resistência, às armas, e à vingança; lembrei-me porém a tempo dos soldados

que guardavam o
estabelecimento e fugi das oficinas
precipitadamente e bramindo de
cólera.

Voltava para casa dominado por pensamentos
perigosos, e revolucionários,
e desejoso de uma profunda transformação social,
que acabasse com os

algozes, e salvasse as vítimas; mas de súbito
parei: a casualidade me
mostrava um grupo de cinco homens, conversando
alegremente na rua, onde
acabavam de encontrar se; conheci a todos cinco:
três eram

desembargadores, e dois eram juízes de Direito,
portanto presidentes de
júri; simples aplicadores da lei, ou fiscalizadores
das nulidades, e das
regras legais dos processos, eram contudo
magistrados, e tendo

contribuído para a condenação e tormentos de
tantos inocentes, os

monstros ainda podiam conversar com alegria!

Fitei sobre eles a luneta mágica, estudando os um
por um para inteirar

me de todos os instintos ferozes ocultos em seus
corações de tigres...

E cinco vezes caí das nuvens e fiquei adoidado na
terra...

Todos esses cinco magistrados são sábios, íntegros,
justiceiros,

escrupulosos e até aquele momento nenhum deles
tinha jamais contribuído

para uma só condenação injusta nem lavrado
sentença nem lado o mais
simples despacho que não fossem inspirados pela
sabedoria, e baseados na
lei.

A minha confusão não pode ser maior: os
condenados eram inocentes, os
condenadores tinham sentenciado com acerto; a
contradição tornara se
pois evidente!

Como explicar a contradição?

Uma de duas:

Ou provas fortíssimas, porém de falsidade
infelizmente não conhecida,
tinham, condenando os réus, justificado os juizes;
Ou a minha luneta mágica mentia, enganava me
com a visão do bem.

f: claro que adotei logo a primeira hipótese.

Cumpru-me dizer, que ainda assim refleti um pouco
sobre o caso.

Com efeito a mocidade inexperiente é crédula
demais, e deixando se levar
pelas aparências, dando fé às palavras de quem
jura, sensibilizando se
diante do infortúnio, fácil em tomar o partido de
quem chora e sofre,
vendo em todos e em tudo o riso e o bem, porque
ela é risonha e boa,
deixa se iludir e erra, presumindo ou julgando
encontrar a virtude e a
inocência, onde mil vezes só existe vício e crime.
Mas estas reflexões não têm cabimento no caso de
que me ocupava; porque

eu vi, e reconheci perfeitamente pela minha luneta mágica a inocência e a pureza de todos os condenados da Casa de Correção, embora eu visse e reconhecesse também logo depois o direito e a justiça que determinaram suas condenações.

Confesso que esta aparente contradição confundiu-me; já porém a expliquei sem quebra da confiança que deposito na visão do bem que tenho pela minha luneta mágica.

Capítulo 16

Um jovem da minha idade, grande coração, e alma cândida, Damião chama-se ele, excelente amigo, com quem me relacionei na casa de Esmeralda, levou-me anteontem por curiosidade minha, e a despeito das suas judiciosas observações, a uma casa, onde jogam o lansquenê três vezes por semana cavalheiros da mais fina educação.

O dono da casa é casado com uma senhora amabilíssima que toca piano como Hertz, e tem uma cunhada na primavera dos anos, que possui surpreendente voz de contralto, canta como a Stoltz, e é faceira, e linda; o seu nome é Hermínia, e não posso esquecer-lo mais; porque ela é a trigésima quarta senhora, por quem me sinto perdido de amor, e que

me tributa igual
sentimento.

Ninguém me censure por este muçulmanismo de
amor platônico: sou escravo
da visão do bem e amo sem querer amar.

Aproveitei duas horas deliciosas ouvindo tocar e
cantar; todos porém
jogavam, Damião mo fez notar, aconselhando me
que saísse ou jogasse.

Compreendi que o dever da cortesia me ordenava
entrar no jogo.

Joguei pois e ganhei a principio; mas em breve a
fortuna mudou e perdi
não só quanto ganhara, como todo dinheiro que na
carteira levava.

Consolei me do prejuízo, observando que o meu
amigo Damião fora de todos
o que mais lucrara com as minhas perdas, que se
elevaram a quinhentos
mil réis.

Quando não tive mais dinheiro para perder, deixei o
jogo, e como as
senhoras já se haviam recolhido, sai, e saiu comigo
um outro jogador
infeliz, que deixara aos carteadores do lansquenê o
duplo do que me
custara a minha curiosidade.

- São gatunos, arranjadores de maço, são refinados
ladrões! disse me
ele.

- Para que tal suspeita? respondi; queixemo nos da
fortuna adversa; eu
observei e estudei com escrupuloso cuidado todos

aqueles jogadores, e posso assegurar que são homens honrados, e que jogaram com exemplar lisura, e nem o meu amigo Damião seria capaz de trazer me a uma casa que não fosse muito moralizada e honesta.

- Damião?!!! ora é boa! esse é conhecido como trapaceiro e gatuno de profissão.

Coraram me as faces, e irritado perguntei:

- Em tal caso como se explica a sua condescendência, jogando com semelhante homem?

- Tem razão, tornou me ele; tem mil vezes razão; mas eles sabem atrair e endoidecer os mancebos inexperientes, como nós, com a paixão do jogo que é fatal, e com os belos olhos dessas duas sereias, que uma toca, outra canta, e ambas servem ao vício.

- Que está dizendo? que calúnia!... duas senhoras pudicas, recatadas! .

. .

Ô meu companheiro de infelicidade ao jogo desatou estrepitosa

gargalhada, e depois exclamou sem baixar a voz:

- O senhor é ainda mais simples do que eu! Tenha cuidado...

- A esposa, e a cunhada...

- Não há esposa, nem cunhada, fique o sabendo, e não torne mais a esta casa maldita. Essas duas mulheres são também cartas do jogo aladroadado,

são damas dos baralhos do lansquenê, e ganham sua quota ou porcentagem do barato que rende o jogo em cada noite, além dos lucros das conquistas que fazem, namorando os tolos como eu. E assim dizendo, o jogador infeliz retirou se apressado.

Eu também encaminhei me para a minha casa, meditando sobre a injustiça dos homens.

Aquele jogador irritado pelos prejuízos que tivera, não hesitara em caluniar os perclaríssimos cavalheiros com quem acabava de jogar, e duas jovens senhoras, tipos de delicadeza, de fina educação, e de virtudes sem mancha, conforme eu a vi, amei, e adorei pela visão do bem.

No jogo alguém havia de perder, e alguém havia de ganhar.

Chamar ladrão e gatuno, a quem ganha no jogo, é desconhecer as condições, a fortuna, as eventualidades do jogo. Deste modo e com juízos tais não há inocência, nem proibidade, que escape aos aleives do jogador infeliz.

Ainda bem que eu perdi. Estou livre de qualquer suspeita injuriosa, e nunca mais em minha vida tornarei a jogar.

Mas o que em suma, e em caso algum admito é que os botes da calúnia cheguem até os anjos.

Hermínia e sua irmã são duas flores, principalmente

Hermínia e uma flor,
um botão de rosa do paraíso.

Capítulo 17

Ontem achei a prima Anica pensativa e triste; à mesa do almoço olhava me melancólica, e como que levemente ressentida do meu proceder; por duas vezes pareceram me os seus olhos nadando em mal contidas lágrimas.

Sai de casa magoado, triste, e convencido de que eu era cruel, que não sabia apreciar o merecimento de Anica.

Compreendi que me era preciso consolá-la: é tão fácil consolar a pobre

donzela que ama! Basta um sinal que dê testemunho de lembrança, uma flor que indique amoroso sentimento.

Eu tenho os meus direitos de primo e de convivência de família resolvi

me pois a levar nesse mesmo dia a Anica um mimo delicado e agradável à inocente vaidade de seu sexo.

Impelido por essa idéia dirigi me à Rua do Ouvidor, e empreguei quatro

horas nas casas de joalheiros e de modas a procurar debalde uma jóia ou

um enfeite de bom gosto para levar de presente a minha querida prima.

Procurei debalde! Não que deixasse de encontrar algum objeto que me

agradasse; mas porque todos quantos vi e examinei

com a luneta mágica me
agradaram tanto, me pareceram tão igualmente
bonitos e mimosos que não
me foi possível determinar a preferência.
Ninguém pode conceber que extravagante, pueril,
ridícula, mas
indeclinável e imperiosa luta se travou em meu
espírito! A princípio
cheguei a rir me de mim mesmo, depois irritei me e
por fim desesperei!
Se me decidia a comprar uma pulseira, a lembrança
de uns brincos que
antes examinara destruía-me a decisão; se um
cinto com primorosa fivela
estava quase a passar para as minhas mãos, a
imagem de um faceiro
relógio fazia recuar o cinto; entre uma linda
caixinha guarda jóias e um
formoso álbum de retratos eu vacilava, como sobre
tudo mais e nada
decidia, e nada decidi! em uma palavra, quis e não
pude preferir, quis e
não pude comprar objeto algum! . . .
Senti me ridículo, escravo inexplicável, inconcebível
da irresolução
mais insensata; a minha razão me aconselhava
comprar qualquer daqueles
objetos que me haviam parecido igualmente
bonitos; mas que querem?...
não sei explicar o fenômeno; mas foi me impossível
escolher um entre
todos, porque a escolha dependia de preferência.
Reconheci então e pela primeira vez que eu era o

ludibrio da visão do bem.

Voltei para casa aflito, e aborrecido de mim próprio; porque não pudera trazer um mimo para a prima Anica.

Recolhi-me ao meu quarto e refletindo sobre o que se passara comigo nos

últimos dias, experimentei pungente dor; porque comecei a arrepear-me

das conseqüências da visão do bem, e a nutrir algumas apreensões sobre o estado das minhas faculdades mentais.

Oh! não há sabedoria de homem que possa comparar-se com a sabedoria do armênio.

O armênio me avisou e não mentiu.

A visão do bem pode fazer mal.

Capítulo 18

Ainda um outro mês, e neste o mel mudado em fel, a alegria em tristeza, a bonança em tempestade.

A medida que os dias se iam passando, a visão do bem se tornava mais imponente, absoluta, e desastrada.

Ao levantar-me da cama de manhã, ou tendo a qualquer hora de vestir-me

para sair, era-me indispensável deixar de lado a minha luneta; porque se

com ela tentava escolher as vestes, achava todas preferíveis, e não

sabia mais como vestir-me.

A mesa era me preciso comer às cegas do que me quisessem servir; porque se com a luneta examinava as diversas iguarias, não sabia mais por qual delas começar, aceso em paixão gulosa por todas elas.

Nos saraus a que eu ia, ou não dançava, ou pedia os meus pares sem consciência, e expondo me a ridículos pedidos, dirigindo me às vezes a senhoras, cuja idade não autorizava mais a dança, e isso porque, se eu contemplava as jovens presentes ao baile com a minha luneta, por todas elas me enlevava e me perdia, e a nenhuma era me possível dirigir me em primeiro lugar.

É certo que durante três minutos a luneta mágica só me oferecia a visão das aparências, e que eu devera não ir além desse espaço que era sem perigo; desde que porém eu fixava a luneta, uma força sobrenatural, superior a minha vontade, mais forte que a minha reflexão e consciência a grudava, a prendia à órbita até que a visão do bem me transportava, tornando me escravo da admiração por atributos e dotes sempre fascinadores.

Era o bem mais maléfico que se pode imaginar! Ou porque o tormento que se está experimentando sempre se afigura mais

cruel do que o tormento que já se experimentou e passou, ou porque realmente eu sofria mais do que havia sofrido, a visão do bem chegou a parecer me pior, mais funesta, do que a visão do mal.

A visão do bem realizava em mim o martírio de Tântalo.

Eu vivia mergulhado no bem e não podia gozar, desfrutar o bem.

Eu estava com os olhos no céu e com o coração preso no inferno.

Capítulo 19

Um dia tive desejos de possuir um bom cavalo de passeio; falei nisso a Damião, que em breves horas me levou a um negociante que dizia ter os melhores ginetes, e que me apresentou um com as recomendações mais entusiásticas.

Examinei o animal, e achei o formosíssimo; o negociante asseverou me e jurou que o cavalo era leão pela soberbia, ovelha pela mansidão, camelo pela paciência, águia pela velocidade.

Comprei caríssimo o singular e maravilhoso cavalo, e mandei o recolher a uma cocheira.

No dia seguinte quis experimentar o meu ginete, e o dono da cocheira se opôs a isso, informando me que o pobre animal era

cego, e aberto dos
peitos.

Revoltei me contra o abuso de confiança, de que eu
fora vítima, e
fixando a minha luneta mágica, examinei de novo o
cavalo, e reconheci
que ele havia cegado de súbito e de súbito
adoecido na noite que última
passara, conservando ainda assim todos os
sublimes dotes, que o vendedor
exaltara.

Carreguei com o prejuízo; mas em todo caso
honrando o testemunho leal,
verdadeiro, consciencioso do negociante de cavalos.

Capítulo 20

Vi-me constantemente cercado de amigos, em quem
aplaudi e venerei
virtudes exemplares; paguei lhes jantares e celas, e
a quase todos
emprestei dinheiro, que não me restituíram
somente porque a fortuna lhes
correu adversa.

Paguei flores, coroas e ovações em honra de atrizes
dos diversos
teatros, todas elas artistas de merecimento
surpreendente, e de um
proceder ilibado, que só os caluniadores e os
perversos punham em
dúvida, e recebi em compensação de quantas
despesas fiz pela
glorificação da arte, sorrisos e votos de eterna

gratidão que em seus
camarins onde as fui entusiasmado cumprimentar,
me renderam essas
sublimes intérpretes das sublimes criações dos
nossos autores
dramáticos, que a minha luneta mágica me mostrou
pela visão do bem
enriquecidos pelo seu trabalho, altamente
honorificados pelo governo, e
endeusados pelo povo.

Joguei na praça associando me com um inglês, que
é, pelo que me informou
e esclareceu a visão do bem, o homem mais probo
do mundo; mas as
vacilações e subidas e descidas dos fundos públicos
e ações dos bancos e
de companhias foram tais, que eu perdi alguns
contos de réis e o meu
sócio inglês ganhou o dobro do meu prejuízo, o que
ainda a minha razão
não compreendeu; mas que a visão do bem elucidou
perfeitamente,
resplendendo os merecidos créditos de probidade e
inteireza do nobre
súdito de S. M. Britânica.

A visão do bem impeliu me ainda a muitos outros
atos, de que me
desvaneço, mas que me custaram caro.
Contribui, subscrevi não sei para quantas liberdades
de escravos, obras
pias, dotes de donzelas órfãs, instituições
filantrópicas, benefícios
teatrais em favor de cegos e aleijados, socorros

para indignação e nem me lembra que mais; Damião, a Esmeralda e vinte outras amáveis ou respeitáveis pessoas apresentaram me as subscrições, e receberam me as quantias com que contribui para todas essas obras de caridade, e estou certo de que o meu dinheiro foi muito bem empregado; porque a visão do bem mo assegura.

Mas na última quinzena deste mês, de que dou conta, têm sobrevivendo fatos, e tenho ouvido apreciações terríveis que me provam, que ou fui vítima dos mais pérfidos enganões, e perversos abusos de confiança, ou a calúnia, e a maldade dos homens, que aliás reputo puríssimos, vão além de todos os limites.

Capítulo 21

Alheio aos negócios e não conhecendo bem o valor do dinheiro; porque em consequência da minha dúplice miopia, miopia moral e física, meu irmão, como ia tenho dito por vezes, tomou conta da minha fortuna, e sabiamente a dirigiu, eu, neste último mês e meio despendi talvez sem cuidado nem medida, deixando-me dirigir pela visão do bem. Deste erro, se foi erro, não tenho mais desculpa na miopia moral; porque

desde que recebi as lições da visão do mal o meu espírito se esclareceu e tive consciência de que sabia e podia compreender as coisas e refletir sobre elas; ao menos porém eu acho escusa no abandono da minha educação em matéria de economia. Como não me era possível gastar, não me ensinaram a guardar, e em resultado quando pude ver e desejar, despendi sem me importar com a conta das somas que despendia.

Creio firmemente que tenho despendido muito bem; mas é certo que o mano

Américo logo na primeira quinzena do mês último observou me com doçura que eu estava gastando despropositadamente.

A visão do bem fez me então ver, que o mano Américo assim me falara somente pelo escrúpulo com que zela a minha fortuna; confesso porém que me senti acanhado, e que experimentei verdadeira dificuldade de pedir mais dinheiro a meu irmão.

Eu já contava tantos e tão excelentes amigos que não hesitei em confiar a um deles os embaraços da minha situação.

- Há recurso fácil, respondeu me esse fidus Achates, levo te a um escrupuloso negociante que te emprestará todas as quantias de que precisares.

E com efeito conduziu me à casa do mais nobre,

benéfico, e generoso capitalista, que me, foi emprestando dinheiro a juros de três por cento ao mês, e assinando eu letras garantidoras das dívidas.

O processo me pareceu comodíssimo; porque eu obtinha por meio dele e com extraordinária facilidade tanto dinheiro, quanto me julgava necessário.

A minha vida econômica deslizava se pois plácida e suavemente, e a visão do bem a abençoava, ensinando me, que eu empregava santamente, e acertadamente algumas migalhas da minha inesgotável riqueza.

E fui vivendo assim até que em um dia rebentou a primeira bomba de uma girândola de loucuras, conforme a chamou o mano Américo.

Eu fiquei então estupefato.

Capítulo 22

O caso foi o mais simples de todos os casos, ao menos pelo que me pareceu.

Vencido o prazo da letra aceita pelo velho Nunes, e que eu assinei como endossante e sacador, não tendo ido o aceitante pagá-la, veio pessoa competente exigir de mim o pagamento.

Eu estava em casa e também o mano Américo que tomando o documento e

vendo a minha assinatura, encrespou as sobancelhas, escreveu sem hesitar uma ordem para imediatamente ser paga e remida a letra não sei, nem me importa saber como e por quem. Ficamos sós.

- Simplício, disse me o mano Américo de mau humor; acabas de ser vitima de um velhaco.

- Velhaco? Não o creio.

- O Nunes? Todos o conhecem.

- Melhor o conheço eu.

- Como?

- Estudei o perfeitamente por meio da minha luneta mágica que me dá a visão do bem. O velho Nunes é um tipo de proibidade.

Américo olhou me com a mais triste compaixão e tornou me:

- Dez contos de reis! Deus permita que não seja esta a primeira bomba de alguma girândola de loucuras.

E tomando o chapéu, saiu apressado e como que abismado em mar de negras apreensões.

Eu estava espantado.

Para mim não havia nada mais natural, do que o velho Nunes não ter conseguido obter dez contos de réis no prazo fatal, e conseqüentemente pagar eu por ele.

Ninguém seria capaz de convencer me de que o velho Nunes deixaria de

pagar me os dez contos de réis que eu apenas adiantara.

Era questão de tempo, demora de alguns dias ou de breves semanas.

A visão do bem não me enganava: o meu amigo Nunes é rígido como Catão, probo como a probidade mais austera.

E além de tudo isso, não é ele o feliz pai da formosa Nicota?

Capítulo 23

Quando meu irmão entrou para jantar, tinha eu a luneta fixada, e quase o desconheci, tão descomposta pela cólera estava a sua fisionomia.

- Quebra essa luneta! exclamou furioso e com voz de trovão.

Ele avançava sobre mim; mas eu escondi no seio a luneta, e a tia

Domingas e a prima Anica vieram correndo em meu socorro.

- Que é isto? perguntou a primeira assustada.

- É este doido, este frenético esbanjador, que em menos de dois meses

atirou ao meio da rua trinta e dois contos de reis!...

- Misericórdia! exclamou a tia Domingas.

- É possível?... disse Anica, perguntando me.

O mano Américo trêmulo e agitado arrancou do bolso uma dúzia de letras

aceitas por mim e que ele acabava de resgatar, pagando o principal e

prêmios ao meu honradíssimo banqueiro, e mostrou

as às duas senhoras.

- Eis aí como este louco obtinha dinheiro para desastradamente esbanjar, fazendo avultados empréstimos a quantos velhacos quiseram abusar da sua mania, jogando e deixando se roubar no jogo, pagando jantares e celas a cem desfrutadores, que riem se dele, assinando centenas de mil réis em falsas subscrições para obras pias e, o que é mais, entregando enormes somas a uma mulher desprezável, a cujos pés o idiota se ajoelha, adorando a, como anjo de caridade! A tia Domingas e a prima Anica pronunciaram se violentamente contra mim, e com o mano Américo cantaram me o mais horroroso terceto. Conservei me silencioso e imóvel; mas tremendo pela minha luneta mágica.

- E eu que não vi, que não adivinhei, que não compreendi o que se foi passando e naturalmente devia passar se nestes dois meses!!! a bomba dos dez contos despertou me hoje, sai, procurei informações; todos sabem, e somente nós ignorávamos, todos me indicaram o usurário que empresta dinheiro, e o exército de bargantes que depenam este imbecil!.. Todos zombam dele, e devem zombar; porque o néscio esbanjou em menos de dois

meses a terça parte pelo menos da fortuna que possuía!

Meu irmão tinha me insultado tanto, que não pude mais conter-me e respondi-lhe:

- Ainda bem que foi da minha fortuna o dinheiro que despendi: já tenho idade bastante para empregar o meu dinheiro, como entendo, e sem pedir licença nem dar contas a alguém.

O tercéto rebentou de novo e uma chuva de impropérios e de maldições caiu sobre mim.

- Idade! exclamou enfim o mano Américo, dominando as outras duas vozes:

os néscios, os idiotas não têm idade, e aos idiotas e dissipadores nomeia-se um curador!

- É o que cumpre requerer imediatamente, bradou a tia Domingas.

- O mais acertado é não deixar o primo sair à rua, observou Anica.

- Tudo isso se fará; mas o essencial é quebrarmos-lhe lá a maldita luneta, disse Américo.

- Não, acudiu Anica; trancado em casa pode bem conservar a luneta para ver e apreciar os parentes que o não enganam...

- Nada de concessões! gritou meu irmão.

Eu tive medo; olhei em torno de mim e nada vi; porque estava sem luneta,

lembrou-me porém o gabinete do mano Américo, e de improviso corri para

ele, tranquei me por dentro, e com tanta precipitação que dando volta à chave, esta saiu da fechadura, e foi cair a alguns passos longe da porta.

Capítulo 24

A borrasca ribombava sempre e incessante na sala e eu era de continuo fulminado pelos raios de três cóleras em delírio: doestos, injúrias, aleives, pragas, insultuoso ridículo, tudo me lançavam com furor. Três ódios a falar não falariam mais venenosamente, três línguas punhais a ferir não feririam mais profundamente. O meu ressentimento dissipou o medo que me abatera o espírito; veio me a vontade de examinar esses três semblantes desfigurados pelos sentimentos mais vis.

Fixei a minha luneta mágica, olhei pela abertura que deixara a chave caída da fechadura, e estudei os meus odientos parentes: apreciei primeiro olhos e faces que se abrasavam no fogo da ira, lábios convulsos, gesticulações ameaçadoras, e logo depois que pureza de intenções e que santidade de desígnios!... Meu irmão, minha tia, e a prima Anica, se mostraram tais quais realmente

são, três querubins,
então radiantes de fogo não de cólera, mas de
verdadeiro amor, de
sublime interesse por mim!... Estavam aflitíssimos
e em dolorosa
agitação; porque me supunham perdido no erro, e
ludibrio de malandrins.
O erro era dos meus três parentes e meu o acerto;
mas as intenções deles
indisputavelmente eram nobres, leais,
desinteressadas, angélicas.
No meio porém dessas intenções veneráveis
descobri firme e inabalável no
animo de meu irmão a de quebrar a minha luneta
mágica, e embora eu
reconhecesse e reconheça a piedade dessa
intenção, não pude com ela
conformar-me; abençoei meu irmão, minha tia, e a
prima Anica; mas tomei
a peito salvar a todo transe a minha luneta mágica.
Eu estava vestido decentemente para sair à rua, só
me faltava chapéu
para a cabeça e porta franca para a retirada.
Com o auxílio da luneta achei no gabinete um
chapéu do mano Américo, que
me servia muito nas circunstâncias em que me
achava, embora estivesse um
pouco usado.
Faltava-me a porta para saída sem oposição; mas o
gabinete abria uma
janela para rua; o caso era grave e exigente; não
havia recurso, e havia
risco na demora da resolução; há tanta gente que

de dia claro e com sol
fora se presta a entrar pelas janelas em vez de
entrar pelas portas, que
não me pareceu anormal nem escandaloso no Brasil
sair por onde se entra
de ordinário para as mais altas posições do Estado.
Assim pois subi à janela do gabinete, e saltei na
rua; ouvi gargalhadas,
e não dei atenção a elas; apressei os passos,
quase que corri, enfim
afastei-me apressado da casa da minha família,
como um preso, que se
escapa e foge da cadeia.

Capítulo 25

Quando me achei longe de casa e me supus livre,
por algum tempo ao
menos, da generosa perseguição da minha família,
instintivamente
procurei a luneta mágica, e senti inexprimível
prazer, tirando-a do
seio; em seguida apalpei o bolso do paletó, e
consolei-me encontrando
nele a carteira, onde eu tinha ainda de reserva
alguns centos de mil
réis.

Duplamente satisfeito, experimentei logo uma
exigência da minha natureza
animal que as recentes emoções haviam feito calar,
mas que de novo
falava com dobrada força: tive fome, e dirigindo-me
a um dos nossos

melhores hotéis, tomei sala para dormir, e mandei que me servissem o jantar.

Como é grandioso, sublime o sentimento da amizade, quando pronto corre a cercar o amigo caído na adversidade! Apenas sentei-me para jantar, vi-me de súbito cercado por Damião e mais seis outros mancebos que me eram dedicados, e se tinham apressado a vir em meu auxílio, e a oferecer-me os seus serviços, pois que a cidade toda já sabia, o que comigo acabava de passar-se. Com lágrimas de reconhecimento agradei tão doce demonstração de interesse e de estima, e convidei a esses excelentes amigos para jantar comigo.

Que duas horas gozamos! A nossa mesa foi sucessivamente servida das mais delicadas iguarias, e dos vinhos mais generosos, que deliciosamente nos prenderam juntos até o anoitecer.

Acabado o jantar, declarei com franqueza que precisava descansar e imediatamente os meus ótimos amigos deixaram-me só, retirando-se a rir não sei mesmo de quê.

Ia recolher-me, quando me apareceu o dono do hotel ou chefe da casa, a quem eu já perfeitamente conhecia e estimava, como homem de verdade, singeleza e consciência.

- Sr. Simplício, disse me ele; eu devo prevenir a V. S.^a de que esses sujeitos que daqui saíram, são todos parasitas de profissão, e exploradores da inexperiência; o senhor deu lhes um jantar, que lhe custa cento e trinta mil réis, e eles desceram a escada a rir descompassadamente da sua boa fé, a que ousavam dar outro nome que não me animo a repetir.

Fixei a minha luneta mágica sobre o homem que me falava, e com espanto meu a visão do bem me fez reconhecer que ele dizia sempre e ainda desta vez a verdade; mas a visão do bem ainda também à mesa do jantar me mostrara como protótipos de amigos fiéis e dedicadíssimos os sete mancebos que acabavam de retirar se! . . . Fiquei suspenso, perplexo, indeciso, triste e aborrecido.

Paguei o jantar; fui deitar me, e ou pela fadiga resultante das fortes emoções, por que naquele dia passara, ou pela mistura dos vinhos que bebera sem dúvida menos sobriamente do que costume, adormeci logo, caindo em profundo sono.

Despertei às duas horas da madrugada, e a meu despeito, velei até o amanhecer.

Revolvia me na cama, contra mim próprio excitado;

porque não queria refletir sobre a minha situação; mas refletia. Cerrava os olhos para dormir; mas o espírito velava. Chamava em meu socorro a imaginação que por momentos perturbava com ilusões forçadas a série de graves reflexões; mas em breve a imaginação se apagava, e as frias reflexões se impunham. A força, a meu despeito embora, não dormi e refleti.

Evidentemente eu tinha despendido muito em mês e meio... mais de quinhentos mil réis por dia, três vezes mais do que a renda anual da minha fortuna, segundo os cálculos de meu honradíssimo irmão.

Tão avultada desposa (que eu estou certo que empreguei com proveito da humanidade), sem dúvida, conforme os costumes e o modo de ver da sociedade egoísta, e dos homens da lei que não julgam pelo coração nem pelo Evangelho, será explicada, recebida e sentenciada como dissipação, e por conseqüência, e até por amor da minha pessoa, me darão um curador!...

A visão do mal me expôs a ser trancado por doido no hospício de Pedro II, a visão do bem expõe me a ser declarado néscio, ou idiota, ou por muito favor apenas dissipador da minha fortuna, e como tal confiado,

entregue absolutamente ao domínio de um curador,
de um dono e árbitro da
minha pessoa, de um senhor de quem serei quase
escravo!

Pela visão do mal ou pela visão do bem, pelo ódio
ou pelo amor da
humanidade, pelo juízo mau a respeito de todos ou
pelo juízo bom a
respeito de todos, as duas lunetas mágicas levaram
me ao mesmo perigo,
ao mesmo fim, a mesma calamidade.

Uma, a primeira me fez passar por doido; outra, a
segunda, me faz passar
por néscio! Doido ou néscio, não escolho; porque a
conseqüência é a
mesma.

O meu curador será provavelmente o mano Américo,
que concebeu e lá
manifestou a horrível idéia de quebrar a minha
luneta mágica.

Portanto querem condenar me à miopia perpétua,
miopia que para mim é a
cegueira, é a morte no seio da vida!

Desejo, tenho o direito de desejar ver, que é viver,
e não querem
permitir que eu viva, não me permitindo que eu
veja!...

Não! não! e não!

Hei de até o extremo defender a minha luneta
mágica.

E certo que começo a conceber algumas
desconfianças em relação ao acerto
e à infalibilidade das revelações da visão do bem.

As contradições que notei entre a inocência dos condenados da casa de correção e as sentenças sempre instas dos magistrados, e entre os sentimentos dos amigos que ontem jantaram comigo, e os avisos leais e cheios de verdade do dono do hotel desacreditam um pouco no meu conceito a visão do bem.

Se a visão do bem fosse o apólogo vivo, a expressão real da inexperiência; se pela visão do bem eu me tenho tornado o escárnio dos parasitas, o ludibrio dos trapaceiros, a zombaria de todos, o objeto da mofa e do ridículo do povo... ah! eu preferia ter sido fulminado por um raio...

O ridículo!... o ridículo é a queda no charco; é o aviltamento sem compaixão; é o pelourinho mil vezes pior que o patíbulo; é o azorrague mais cruel que a guilhotina; é a morte pelo desprezo...

Quero antes a perseguição do ódio, do que o acompanhamento do ridículo...

E dizem que riem se de mim... que me apontam, como estúpida vítima de homens sem consciência, e de uma mulher sem brio, e sem coração...

Eu sei, e sinto, eu tenho consciência de que tudo isso é falso; mas riem

se de mim!...

Que hei de fazer?... nem sei; quebrar a minha luneta magica, origem e causa de todas estas torturas do espírito?... não; menos isso.

O erro dos homens é patente: quem vive e procede com acerto, sou eu.

Resistirei pois aos homens, e me deixarei matar, defendendo a minha luneta mágica que meu irmão condenou.

Eu refletia assim, e tinha ia esquecido as horas e o empenho de escapar

às reflexões, dormindo, quando a aurora principiou a espancar as trevas, e as auras matinais, refrescando o meu cérebro, me aditaram de novo e insensivelmente com o mais tranqüilo e suave sono.

Capítulo 26

Levantei-me às dez horas da manhã, e tinha acabado de almoçar, ouvindo o sinal de meio dia.

Disponha me a sair; mas vi entrar o meu amigo Reis, que vinha de propósito visitar me.

No Reis depositava eu e deposito confiança sem limites. Ou todos o julgam pela visão do bem da minha luneta mágica, ou se eu me engano no juízo que faço do Reis, todos se enganam comigo. Recebi o amigo Reis, como um cego, a quem se anuncia o primeiro raio de

luz, e com ele a vida pelos olhos.

Apertamos as mãos, e nos sentamos um ao lado do outro.

- Temos sofrido muito ambos, e pelo mesmo erro, disse-me o Reis.

- Como?

- Eu errei, deixando-o entregar-se a um pretendido mágico; o senhor errou acreditando exageradamente nele.

- Mas se eu vejo!!!

- É porque ele conhece e esconde o segredo de elevar a maior, a mais alto, e ainda não calculado grau os vidros côncavos destinados a corrigir a miopia; tudo mais que ele emprega é delicadíssimo artifício de charlatanismo para excitar e inflamar a imaginação.

- A sua descrença é um erro...

- A minha tolerância é que tem sido erro; a notícia que imprudentemente fez publicar na imprensa diária da corte, e a fama da sua nova luneta deram causa a que meu armazém seja com freqüência procurado por pretendentes a instrumentos mágicos de ótica, sofrendo eu perseguições e desgostos, que mal pode calcular; isso porém é o menos.

- Que é então o mais?

- A situação em que se acha.

- Que pensa?

- Ouça-me com paciência: a sua pretendida visão do

bem o tornou alvo das zombarias e do ridículo...

- Do ridículo?! ! !

- Não há vadio, nem trapaceiro que não tenha abusado da sua boa fé; o senhor aparece em público associado e convivendo com as celebridades

mais imorais e desprezíveis da cidade...

- Que me está dizendo?

- A verdade; todas as senhoras conhecem já a sua... mania de se supor amado por elas sem exceção de uma só, e de amar igualmente a todas, e isso as diverte de modo tal, que nenhuma o vê que não precise de grande esforço para conter o riso...

- O riso!...

- Enfim o senhor é o divertimento de muitos, e o objeto da compaixão dos homens graves, que acreditam indispensável que sua família o sujeite a mais zelosa curadoria...

Senti que sucumbia ao peso do meu infortúnio.

O amigo Reis prosseguiu:

- Seu irmão foi hoje a nossa casa e queixou se da maléfica influência

das duas lunetas mágicas saídas das minhas oficinas; tive de reconhecer

a minha responsabilidade e, pedindo perdão, assegurei que mais nunca

permitiria ao armênio outra operação mágica para facilitar lhe nova

luneta.

- Que fez!... exclamei tremendo.
- Seu irmão disse me que antes de três dias seria nomeado seu curador, e que empregará até a força para recolhê-lo ao seio da família . . .
- Três dias... e depois a privação da luneta mágica, a cegueira, e a casa tornada cárcere!!!
- Quando seu irmão saiu, fui ter com o armênio e referi lhe a sua desgraça, a sua lamentável...
- Necedade.
- Não me animava a dizê-lo; os seus grandes prejuízos, e ridículo proceder em consequência da visão do bem.
- E o armênio?
- Respondeu me, levantando e encolhendo os ombros com cure gelada indiferença.
- Estou perdido...
- Então avisei severamente ao armênio, de que eu o despediria para sempre da minha casa, se nela praticasse uma única vez mais as suas pretendidas artes mágicas.
- E ele?
- Nem sequer olhou para mim; mas riu se com o seu rir medonho.
- Não o despedirá!
- Despedi-lo-ei, se não me obedecer. Quanto ao senhor, meu jovem amigo, submeta se a sua sorte: volte para o santo asilo da sua família, e deixe

se dirigir e guiar por seu irmão.
- Estou perdido, repeti lugubrememente.
O Reis despediu se e deixou me só.

Capítulo 27

Meu irmão dá me três dias de liberdade, o mesmo prazo que se concedia aos condenados à morte: três dias entre a intimação e a execução da sentença.

E todavia meu irmão é o melhor dos homens, e símbolo do amor fraternal.

Serei eu realmente néscio ou idiota?... mas eu penso, raciocino,

reflito, e tenho consciência de que o faço.

Ninguém me chamou idiota, somente me julgaram doido, quando eu julgava

os homens e as coisas pela visão do mal.

Será pois a visão do bem fonte de necedade?...

É certo que pela visão do bem eu vejo todos sem exceção, tudo sem

exceção resplendendo pureza e perfeições; ainda não descobri defeito em

alguém, ainda não pude julgar má ação alguma.

Com efeito esta inocência e perfeição de todos e de tudo excluem a idéia

do pecado, e portanto a idéia do prêmio e do castigo na vida eterna, o

prêmio, porque é distinção, e não podem haver escolhidos e distintos

quando todos são igualmente bons; o castigo, porque não há que castigar.

Assim pois eu ataco pela base a filosofia, a doutrina católica...

Meu Deus! terei eu sem o pensar chegado até ofender a religião? . . .

A visão do bem da minha luneta será como a do mal acesa pelo demônio?...

será infernal pelo excesso de mostrar sempre o bem em todos e em tudo?

Minhas idéias se baralharam, minha cabeça começou a pesar me; receei a iminência de um ataque cerebral, ou algum acesso de loucura.

Tomei o chapéu e sai sem destino, levando fixada a minha luneta; dei por

mim na Rua Direita, reconhecendo o Boulevard Carceller, e fui sentar me

isolado à sombra da árvore mais vizinha da Igreja do Carmo.

A defender me da luneta que eu conservava fixada, levava cuidadoso. a

desconfiança no coração; mas o Boulevard estava cheio de gente, de

homens e de senhoras: percebi que muitos me apontavam com os dedos, que

outros sorriam se, observando me; mas a despeito da minha desconfiança,

não pude resistir à evidência: compreendi, convenci me que estava diante

de uma reunião numerosa, na qual todos os homens eram santos, todas as

senhoras anjos.

Sobretudo senti que as senhoras me contemplavam

embevecidas e perdidas
de amor; eu ardia no fogo de vinte novas paixões!
Que sensações deliciosas!... todas essas criaturas
angélicas riam se
olhando para mim, e encontrando o meu olhar, e no
riso de cada uma delas
eu encontrava um céu aberto, um romper de aurora
no paraíso.

De súbito chegou se a mim um mancebo com o
semblante abatido, e
repassado de dor, e mal podendo falar, expôs me a
sua situação que era
das mais pungentes sem dúvida, e acabou, pedindo
me o óbulo da minha
caridade para enterrar o filhinho, o filho único, que
deixara em casa
morto no colo da consternada esposa.

Vi que o mancebo, mísero pai, falava a verdade, e
às ocultas dei lhe
algum dinheiro.

Seguiram se logo ao infeliz jovem uma
imediatamente depois de outra três
moças que se chegaram a mim, esmolando para
missas pedidas.

Essas esmolavam, rindo se, e eram raparigas
elegantes, espertas, e
francamente alegronas e travessas, devendo ser
conhecidas de muitos que
ali estavam, pois que com muitos trocavam
gracejos; chegadas porém a mim
vi as confundidas de pelo, e abrasadas de amor;
fitei bastante com a
minha luneta cada uma delas, e extasiei me,

encontrando em seus corações
a mais santa piedade, e profundo sentimento
religioso.

É claro que concorri, como devia, para as três
missas pedidas. Não podia
ser de outro modo.

O que me valia, considerando as três moças, e as
outras senhoras, era o
seu número, e a semelhança e força igual que
produziam em mim tantas
belezas e tão preciosas qualidades; porque eu
estava doido de paixão por
todas elas, e todas elas também por mim,
coitadinhas!

Como isso era não posso razoavelmente explicar;
era porém assim.

Todavia em seguida as moças veio logo uma velha
que me confessou ser
viúva pobre, tendo seis filhos, que até aquela hora
não tinham
almoçado... dei-lhe esmola.

Depois da velha correu a ter comigo um cavalheiro
de maneiras muito
distintas, e da mais perfeita cortesia, a quem
acontecera um desses
pequenos infortúnios, a que todos estamos
sujeitos: acabando de comer
pastéis, e de beber uma garrafa de cerveja,
reconhecera haver esquecido
a carteira, e achava-se naturalmente muito
contrariado. Fiz o que
qualquer outro faria no meu caso: reconhecendo a
capacidade e

merecimento do cavalheiro, que me pareceu trigo sem joio, entreguei lhe a quantia necessária para pagar a despesa que fizera.

Mas após o nobre cavalheiro avançavam lá para mim dez ou doze rapazes ao mesmo tempo, quando um venerando ancião, tomando lhes os passos, e censurando os com algumas breves, mas severas palavras, chegou se ao banco que eu ocupava e disse me:

- Mancebo inexperiente! Não vê, não sente, que está sendo vítima da zombaria de gente sem generosidade ou de maus costumes?... Para que deita fora o seu dinheiro?... Aqueles e aquelas que lho tomaram, simulando morte de filho, missas pedidas, fome de família, esquecimento de carteira, estão ali dentro da confeitaria, rindo às gargalhadas da sua inverossímil credulidade, comendo e bebendo à sua custa.

Fixei a luneta e vi: o velho era respeitável como as suas cãs, puro como os mártires da fé, verdadeiro como um axioma, severo como a lei, austero como a própria virtude, justo como a sentença da sabedoria.

- Que me diz, meu amigo?

- Eu não sou seu amigo, pois que nem o conheço; dói me porém vê lo deixar se depenar por mulheres perdidas, e homens

sem brio.

- É demais... tenho razão para reputá-las, e reputá-los dignos de toda a consideração...

- Infeliz moço! murmurou o ancião.

E logo depois tomando me pelo braço, e obrigando me a deixar o banco, acrescentou:

- Retire se; recolha se a casa; diga a seus parentes que cuidem mais e melhor do senhor.

- Os meus parentes!... esses declararam me guerra... são ótimas pessoas, e muito me amam; mas alucinados perseguem me...

- Como?

- Acreditam que sou... talvez maníaco, e querem nomear me curador.

- Deixa me dizer lhe a verdade?

- Sem dúvida...

- Seus parentes tem razão.

Quase que me rompeu da garganta o grito de misericórdia! Fiquei como assombrado.

O ancião repetiu:

- Pobre moço! Recolha se a casa.

E empurrando me suavemente pelos ombros, foi sentar se.

Eu apartei me do Boulevard Carceller aflito, quase desesperado, e tanto mais que escutava atrás de mim, e no lugar donde me retirava, observações epigramáticas, tristes apreciações do

meu estado, e até risadas de escárnio.

Minha situação piorava, o meu espírito se obumbrava cada vez mais, e as mais turvas e sinistras idéias começavam a invadi-lo.

Entrei com precipitados passos na Rua do Ouvidor: era a hora de mais costumada concorrência.

Eu mantinha a minha luneta sempre fixada; mas fixada sem consciência porque não queria ver, e não via; também não desejava ouvir, porém ouvia.

Pelos meus ouvidos pareceu me estar ainda no Boulevard Carceller, porque era me impossível não escutar risadas que mal se abafavam, ou que petulantes se desprendiam.

O meu nome era repetido em tom de compaixão por alguns, em tom de escárnio por outros.

Evidentemente ninguém me considerava, como eu queria ser considerado, e tinha direito de sê-lo.

- Aí vai ele...
- E o maníaco...
- É o Simplício...
- Coitado...

Eis as palavras, as designações cruéis, condenadoras, terríveis que me chegavam aos ouvidos!

Eu continuava a caminhar apressado, furioso, fora

de mim, pedindo ao céu
um abismo, onde caísse de súbito, um raio que me
fulminasse. . .

Eu ia indo... sempre... quase a correr: deviam na
verdade julgar me
desvairado...

De repente parei: uma voz argentina, suave,
melodiosa exclamara:

- Como corre o bom anjo! É pena que não me visse!

Segundo a regra

morreríamos de amor um pelo outro, e ele me
pagaria o jantar. . .

Olhei... fixei com a minha luneta mágica o demônio
que assim tão

barbaramente me ridiculizava... encarei o...
observei o com ódio.

Ah! . . .

Era uma jovem no mais belo frescor da idade: vinte
anos não mais,

dezoito anos não menos; cabeleira de ouro com
enchentes de anéis a

inundar lhe as espáduas nuas e alvejantes... colo
nu, e seios quase de

todo à mostra; vestido de duas salas, e toilette
com mais cores que o

arco íris, meia perna patente... botinas justas de
laços com botões a

brilhar e de saltos de duas ou três polegadas...
olhos radiantes, e boca

a rir, mostrando os dentes brancos... sublimes...

Ela tinha parado e olhava me provocadora,
insolente, como a pedir me

jantar...

Esperei três minutos contemplando a bonita para aborrecê-la escandalosa e infame...

Meu Deus! a visão do bem mostrou me o que ela era...

Ela era a formosura... a pudicícia... o recato... um anjo!...

Insensivelmente meus joelhos se iam curvando; eu estava quase na posição, em que os devotos adoram a divindade, quando de todos os lados estrondaram gargalhadas...

A criatura angélica, gargalhando também saltou para dentro de um carro puxado por magnífica parelha, e fugiu me...

As gargalhadas continuavam... era como uma pateada que me davam. . .

Em desespero, em frenesi, em fúria, corri, fugindo e fui encerrar me no hotel.

Capítulo 28

Não sai mais nesse dia e dei ordem aos empregados do hotel para que despedissem a todos quantos me procurassem, pretextando ou incômodo ou ausência de minha pessoa.

Consumi a tarde, a noite e a manhã seguinte em teimosas, amarguradas, mas estéreis reflexões.

Eu estava precisamente na mesma situação, nas mesmas circunstâncias, em

que me achava nos últimos dias da posse e uso da primeira luneta mágica.

Se alguma diferença havia entre as duas épocas e as duas aflições era agora para muito pior; porque agora se me quebrarem a luneta mágica da visão do bem, já sei que não poderei conseguir outra luneta.

E a sentença está lavrada e é irrevogável: o mano Américo, em sua extrema bondade e pelo grande interesse que toma por mim, receoso de que eu esbanje o resto de minha fortuna, me privará da luneta mágica que dá a visão do bem.

E é amanhã o dia em que por bem ou por mal serei recolhido a casa ou ao cárcere de minha família, e sujeito ao meu curador. Deverei submeter-me?...

Estudei por todos os lados e em todas as suas conseqüências possíveis o caso, e conclui que o partido que me restava era fugir, e fugir imediatamente.

Para onde? Pouco importa; correrei o mundo; com dinheiro e boa vontade não se vive mal em parte alguma.

Examinei a minha carteira: restavam me trinta e tantos mil réis!...

fiquei desagradavelmente surpreendido; lembrou-me porém que na antevéspera tinha emprestado quatrocentos mil réis

a um dos amigos que
jantaram comigo, e que na véspera assinara em
duas subscrições para
alforria de escravos.

A falta de dinheiro não podia embaraçar a execução
do meu plano; eu
contava tantos amigos que facilmente arranjaría
quatro ou seis contos de
réis.

Paguei o que devia no hotel e fui logo procurar o
velho Nunes, e em
seguida ao bom Damião e a mais quinze ou vinte, a
todos os quais
patenteei a minha situação, confiei o meu plano, e
pedi algum dinheiro
ou a titulo de empréstimo, ou em pagamento do
que me deviam.

Triste observação!. . Não achei em todos esses
excelentes amigos um só
que me acudisse com alguma e ainda diminuta
quantia!... mas os pobres e
honradíssimos homens asseguraram me que em
quinze dias ou um mês me
levariam a casa trinta ou quarenta contos de réis.
É pena que somente para tão tarde possa eu contar
com esse recurso que
fora hoje tão poderoso, e que então será inútil para
o meu plano.

Não desanimei e me dirigi ao meu banqueiro; este
porém apenas percebeu o
que eu queria, tomou o Jornal do Comércio que
estava sobre a mesa de seu
escritório, e mostrou me um anúncio assinado por

meu irmão, em que
protestava não seria paga dívida alguma contraída
por mim.

Retirei-me desesperado; todas as minhas
esperanças tinham falhado, todos
os meios me faltavam para obter dinheiro...
Ninguém pode fazer idéia da dor que me
despedaçava o coração . . .

Recorri ainda a dois outros amigos que me deviam
também somas
importantes... um deles voltou-me as costas sem
me responder, e o outro
não me conheceu!!!

Fixei a minha luneta mágica sobre cada um desses
dois miseráveis... ah!

nenhum deles era mau: o primeiro voltava-me as
costas cheio de vergonha
e de pesar por não poder servir-me, e sem dúvida
ao ver-me partir,
desatara a chorar... o outro, pobre infeliz, afetado
de uma moléstia

cérebro espinhal, tinha perdido a memória; pelo
menos foi isto o que
reconheci pela visão do bem.

Perdida a última esperança, sentindo profundo,
moralmente mortal o golpe
da desgraça, prevendo o raio infalível que ia
fulminar-me no dia

seguinte, pus-me a andar sem destino, mas
apressado, quase a correr não
sei por quais ruas da cidade; sei porém que de
improviso parei na quina,
ou ângulo formado por duas ruas que se cortavam.

Aproximava se numeroso préstito de carruagens;
quis vê-lo passar.
Era o préstito lúgubre de um finado. Era um enterro.

Capítulo 29

Tive um pensamento que estava naturalmente em
relação com a negra
tristeza do meu espírito.

Desejei estudar o cadáver, que se ia sepultar.

Fixei a minha luneta mágica no féretro.

Eis o que vi:

Primeiro um caixão de madeira coberto de ricos
estofos pretos e de
galões de ouro, dentro um cadáver já em corrupção,
fétido, repugnante...

Iodo e pó da terra e nada mais.

Logo depois a memória das singulares virtudes do
finado e... oh!... a

felicidade, a incomparável felicidade da morte!...

Eu vi, senti, compreendi a morte, que se patenteou
tal qual é, a visão
do bem!

Eu vi a morte- mal julgada, caluniada pelos homens
- sono plácido,

suavíssimo que começa à última dor, ao extremo
transe da vida, e que

acaba ao despertar nas delicias da eternidade; paz
sem cuidados, sossego

sem a mais leve perturbação- véspera instantânea
da verdadeira vida-

porta do fim que é luz celeste. - Oh! que gozos na
morte! a podridão e o

fétido do cadáver em sublime contraste muito de longe dariam idéia da pureza e do angélico aroma da alma que se desprende do pó! Que gozos na morte! O mais vaidoso dos reis sente se pela primeira vez verdadeiramente grande e exaltado elevando se à esfera onde se encontra igual ao mais humilde e rude dos vassalos ou escravos que tivera!... Não há dor, nem ânsias, nem moléstias, nem privações, nem miopia na imensa e refulgente região da morte! Aquela frieza enregelada do cadáver significa esquecimento absoluto das penas da vida efêmera e mundana. Pela morte o escravo é livre, a criança e a virgem são anjos, a esposa jovem, a matrona e a velha santas, a mundanaria é Madalena purificada, o malvado, o celerado são arrependidos que se regeneram, o desgraçado é feliz, o mudo tem voz, o paralítico voa, o surdo ouve segredos, o cego vê nas trevas, o desgraçado é perfeitamente feliz!...

A morte é Jordão que lava as culpas...
A morte é glória...
A morte é luz...
Só a morte é que dá principio à vida.
Eis um pouco do muito que a visão do bem me fez descobrir e apreciar na morte.

O préstito já tinha passado.
Deixei cair a luneta mágica.
Abismei-me em profunda introversão, no estado da
minha íntima
consciência, no estado novo e extraordinário do
meu espírito...
Achei-me consolado, forte, invencível, contente,
feliz...
Eu desejava, almejava morrer...
Morrer era começar a viver... e a viver que vida de
delícias!...
Eu acabava de conceber a idéia, e de abraçar-me
com a idéia do suicídio.

Capítulo 30

Examinei o ponto da cidade onde me achava, e logo
conheci que havia
parado para ver passar o préstito fúnebre no lugar,
que é corte da Rua
dos Barbonos, fim da das Mangueiras. e principio da
dos Arcos.
A breve distancia estava pois mais adiante a ladeira
do morro dantes
chamado do Desterro, e desde o século passado de
Santa Teresa.
Mais de um suicídio se tem realizado no alto, e nos
desertos abismos
daquele monte.
Instintivamente mas sem dúvida com a idéia da
morte, dirigi-me para a
ladeira, e comecei a subi-la passo a passo, com

vagar e tranqüilidade,
com ânimo sereno, e com o firme propósito de pôr
termo a minha vida.
Eu não tinha comigo nem punhal, nem veneno, nem
revólver, não levava
pois arma, ou instrumento, ou meio de morte, e
contudo subia a ladeira
com intento de me matar.
A visão do bem me levava à morte.
Eu nunca visitara o sitio famoso do Corcovado;
ouvira porém dizer que lá
havia enorme precipício, profundíssimo abismo, no
seio do qual a morte
era certa para o infeliz que por acaso a ele se
arrojasse.
Se as informações não eram falsas, o propósito me
daria o fim, que
receava do acaso ou da imprudência.
Não me era pois necessário levar comigo punhal,
veneno, ou revólver: eu
tinha por mim o abismo.
Fui subindo a ladeira tranqüila e pausadamente,
descansando aqui, ali, e
deleitando me a ouvir o leve ruído das águas da
Carioca, que em alguns
pontos do antigo encanamento mandado construir
pelos vice reis do tempo
colonial, parecem murmurar da negligência, ou da
comparativa
inferioridade da administração da nossa época, que
vinte vezes por ano
deixa o povo em penúria d'água, e diariamente lhe
da água da Tijuca

toldada, mal zelada, e não aquela tão pura e admirável a que o gentio chegava a dar o condão de acender' a inspiração da poesia

E fui subindo sempre.

A noite era formosa; a lua em fase plena mergulhava a cidade em um oceano de luz pálida, mas clara, suave, encantadora e romanesca.

Muitas vezes voltava me para contemplar essa já grande Babel, esse labirinto de ruas que formam a opulenta capital do Brasil, e me embestia por minutos no grandioso panorama da bela sebastianópolis iluminada por milhares de flamas de gás, que simulavam enfeitá-la em noite de festa.

E de cada vez que me voltava para a cidade, eu dela me despedia, dizia

lhe o adeus saudoso e melancólico do filho que se separa da família, e que sabe que não voltará mais ao seu lar.

Eu subia sempre; o silêncio da noite era só interrompido pelo latir dos cães que, sentinelas vigilantes, guardavam as chácaras.

Ainda era cedo, mas a solidão completa; e todavia eu não tinha receio de encontro algum suspeito ou sinistro; receio de quê?... pobre e decidido a morrer, rir me ia do ladrão, do assassino que me atacasse.

Depois de muito longa marcha ouvi a voz de um

homem que caminhava
adiante de mim e que cantava uma rude cantiga
com acompanhamento de
viola, que ele próprio executava.

Apressei o passo e apanhei o cantor.

Era um guarda do aqueduto.

Trocamos a saudação de- boa noite.

- Vou seguindo o caminho do Corcovado?

- Sim senhor; mas a estas horas?

- É proibido?

- Não; já sei: quer amanhecer lá.

- Adivinhou.

- Pois eu vou dormir às Paineiras.

- Tanto melhor para mim. E das Paineiras ao
Corcovado?

- Não há que errar.

Fomos seguindo em silêncio: no fim de meia hora
perguntei:

- Por que não canta?

- Gosta?

- Muito.

- O canto anima o trabalho e ilude a fadiga, disse o
guarda.

E afinou a viola e cantou outra cantiga também
rude, e monótona, mas
saudosa e melancólica.

No meio da solidão e da noite o canto do guarda
produzia em mim

indizível impressão de suave tristura.

Observei com a luneta mágica por mais de três
minutos o guarda, e vi que

era pobre, tinha mulher e dois filhos, vivia alegre, e
por seus dotes

merecia as honras da terra e a maior estima dos homens.

Revoltou-me a posição obscura desse homem distintíssimo pela nobreza de caráter, e pela santidade do coração.

Quando acabou a cantiga, perguntei lhe:

- Que pensa da vida?

- Que custa a viver.

- Não é melhor a morte?

- E minha mulher? e meus filhos?

- É feliz?

- Conforme: se me dessem o dobro do que ganho, eu me julgaria

dobradamente feliz um dia.

- E por que não dois dias e mais?

- Porque é quase certo que no segundo dia eu desejaria ainda outra vez o

dobro do que estivesse então ganhando.

- E não tem aflições?

- Às vezes, e sobretudo quando não trabalho; mas em tais casos Luisa

deixa a costura e vem perguntar me o que tenho; correm os meninos a

pular me ao pescoço, e lá se vai a tristeza pelo morro abaixo; ou, se

estou só em casa pego na viola e canto.

- Que pensa dos homens?

- Bem e mal: nem confio nem desconfio, e julgo que é melhor não pensar neles.

- Por quê?

- Porque todo tempo é pouco para cada um pensar em si, na sua família,

no seu trabalho, e nas contas que deve a Deus.
Eu admirava a sabedoria do guarda do aqueduto, e
compreendi
perfeitamente o seu amor, o seu apego à vida pelo
encanto da esposa e
dos filhos.

Só o egoísta pode almejar as delícias da morte,
sendo esposo e pai; eu
porém procurei debalde uma noiva, não tenho filhos
e posso portanto e
devo morrer.

Enlevado pela conversação ia continuá-la, quando o
guarda me disse:

- Estamos nas Paineiras, e aqui nos separamos.
Ensinou me o fácil caminho que me levaria ao
Corcovado, deu-me - boa
noite- e desapareceu, metendo-se por um trilho
quase encoberto pelo
mato.

Capítulo 31

Lavado de suor e arfando de fadiga cheguei
finalmente a alto ermo do
Corcovado.

A lua brilhava formosíssima, e consultando o
relógio, mercê da minha
luneta mágica, vi que eram duas horas da
madrugada.

Véu impenetrável de cerração cobria o mundo nos
espaços imensos em torno
do Corcovado.

Eu estava em pé no trono de vasto pais, submerso

em dilúvio de neblina;
compreendia a soberba majestade do meu sólio;
mas tinha idéia das
proporções dos meus Estados.

O vento frio fazia me tremer, o ar leve e puríssimo
deleitava me a
respiração.

Sentei me; quis pensar na morte e não pude,
porque meus olhos se
cerraram, e dormi.

Despertei ao primeiro raio do sol, que refletiu no
meu rosto.

Levantei me.

Era ainda cedo para ver o mundo abaixo dos meus
pés e em torno do
Corcovado.

Passeando pela planura, conversei comigo mesmo.
Morrerei; mas antes de morrer quero ver as
grandezas da terra que deste
sublime trono erguido por Deus se revelam e
manifestam aos olhos do
homem.

Aqui da altura direi o extremo adeus aos meus lá
embaixo.

Será o último serviço que deverei a minha luneta
mágica...

O último?...

Oh! eu vou morrer, por que não experimentarei a
visão do futuro?... que
me importa que se quebre a luneta, quando mais
não posso usar dela?...

Fora loucura não tentar a experiência?...

Este novo pensamento dominou me; fixei a luneta,

e observei em volta do
Corcovado o aspecto da natureza...
A cerração se desfizera de todo... o mundo se
mostrava, se patenteava
amplo, completamente sem véus, sem nuvens...vi...
Oh! meu Deus! eu não descreverei, não tentarei
descrever o lindo, o
belo, o sublime panorama, que por todos os lados,
se abriu à minha
luneta mágica, as cidades e povoados, as terras, e
o oceano. as
montanhas e os abismos, os montes e os vales, as
torrentes e as pedras,
o céu e os campos, a providência, e o mundo, a
riqueza do favor de Deus,
e a miséria da incúria dos homens!!!
Ajoelhei-me e orei.
Ergui-me e ainda uma vez, e outra, e mais dez
vezes enlevei-me na
contemplação das majestades da criação que em
torno do Corcovado se
ostentavam...
Tudo era grande, tudo menos o homem que era o
perdulário, e o esbanjador
sacrílego dos tesouros da terra, que Deus lhe
dera...
Senti que para não odiar, desprezava o homem,
desprezei-me também,
lembrei-me da morte, que olvidara em minha
contemplação entusiasta,
lembrei-me também do suicídio e da visão do
futuro.
O suicídio era fácil: um abismo estava cavado

abaixo de meus pés; atirar me a ele e não morrer era impossível... Experimentar a visão do futuro era igualmente muito simples: bastava me fixar a luneta mágica por mais de treze minutos sobre algum objeto. Instintivamente lembrei-me da capital do Império do Brasil.

Ter por impressão extrema da vida uma idéia dos tempos que ainda não de vir para aqueles que deixarei vivos, era uma ambição arrebatadora; ter por extrema despedida do mundo o quadro aberto do futuro próspero da pátria, seria a mais suave consolação, se eu pudesse conseguir a visão do futuro antes de suicidar-me.

Fixei pois a luneta mágica sobre a cidade do Rio de Janeiro e vi. . .

Durante os três primeiros minutos: força vital, prodígios de riqueza do solo do Império, majestade da natureza e em grande número de homens incapacidade, inveja, capricho, nepotismo, vaidade comprometendo tudo, sacrificando tudo, perdendo tudo no culto do egoísmo, e de ruins paixões.

Depois de três minutos até treze: a mesma e ainda mais surpreendente opulência de tesouros naturais do solo, o mais sábio governo do mundo, a população mais moralizada e pura, a constituição e

as leis do Império
religiosamente executadas, trabalho inteligente, a
indústria esplêndida,
abundância de ouro, profunda instrução em todos,
contentamento geral, o
céu na terra enfim...

Além de treze minutos: a visão do futuro... primeiro
e de súbito imensa
e compacta nuvem negra cobrindo todo o horizonte
e logo através dela
vivíssimo e penetrante raio de luz que me feriu e
deslumbrou, que me fez
recuar e cair por terra, quebrando se em migalhas a
luneta mágica de
encontro a uma pedra!

Achei me em trevas; mas ergui me de pronto, e
sem hesitar corri para o
abismo e bradando:

- Adeus!...

Saltei o parapeito, arrojando me ao profundo
precipício...

Mas duas mãos possantes suspenderam me pelas
orelhas, pelas orelhas me
contiveram por momentos no espaço entre a vida e
a morte, e, sempre
pelas orelhas, me tiraram da boca do abismo, e me
depuseram no chão.

- Ainda é cedo, criança! disse a voz rouca do
homem que me salvara,
puxando me as orelhas.

Reconheci o homem pela voz.

Era o armênio.

EPÍLOGO

A suavidade das auras, a pureza do ar que banhavam docemente meu rosto e meus pulmões, o vivificante calor dos raios do sol venceram pouco a pouco a superexcitação nervosa que me ficara da tentativa de suicídio, do salto que eu dera, e da suspensão no espaço, na horrível boca do abismo.

Estirado no chão e em convulsivo tremor eu conservava a consciência de que vivia pela ativa lembrança das sensações instantâneas, mas violentas que me tinham torturado a alma; primeiro o adeus, extremo adeus deixado ao mundo, depois, dado o salto, o arrependimento súbito e vão; logo o socorro imediato e não esperado, e enfim a esperança, as ânsias e o terror desses instantes supremos, indizíveis em que me achei entre a vida e a morte, entre o suicídio que parecia absorver me, e as mãos da providência que me continha pelas orelhas. Passada uma longa hora, senti que me voltavam as forças.

Ajoelhei me, e repeti em voz baixa breve oração. Depois levantei me e disse, procurando debalde com os olhos o armênio:

- Obrigado!

- Bom sinal! observou este; o teu coração voltou se para Deus, e depois de render lhe graças, a tua voz disse na primeira palavra um voto de gratidão ao homem que te salvou: morreste louco, e renasceste ajuizado.

Eu desatara a chorar, e chorei longamente.

O armênio tornou me, depois de deixar muito tempo livre curso a meu pranto.

- Criança adoidada: já te puxei bastante as orelhas; mancebo infeliz, quero agora consolar te.

Enxuguei com precipitação as lágrimas, e lancei os olhos quase sem luz

para o lado, donde me vinha a voz do armênio.

Ele riu se e acrescentou

- Adivinhei o teu criminoso intento e vim aqui salvar te do suicídio, e dar te nova, terceira e última luneta mágica.

- Oh! .. e onde? e quando?

- Aqui mesmo e em breve.

- Que felicidade!

- Vou proceder à operação mágica.

- Eu a espero ansioso.

- E não tens medo? .. aqui.. neste lugar deserto... a sós comigo. . .

- Não.

- Confias pois muito em mim?

- Muito.

- Não há confiança sem fundamento que ao menos se suponha seguro, e tu

nem sequer sabes como me chamo, o que não me admira, porque nem sabes o teu verdadeiro nome.

- Eu o conheço pelo armênio, o mais sábio dos mágicos, e sei que recebi na pia batismal o nome de Simplício.
- Erro duplo! não há aqui armênio nem Simplício.
- Então como nos chamamos?
- Eu me chamo Lição.
- E eu?
- Tu te chamas Exemplo.
- Ah!
- Escuta me.

O armênio começou a falar.

- A exageração degenera os sentimentos, desvirtua os fatos, desfigura a verdade.

"Exagerar é mentir.

"No mundo há o bem e o mal, como há na vida o prazer e a dor.

"Mas o bem é o bem, o mal é o mal como eles são e não podem deixar de ser para a humanidade que é imperfeita: perfeito bem, absoluto mal não há para ela.

"O bem absoluto é Deus; mal absoluto não existe, não pode existir; porque seria o mal sem arrependimento, e sem perdão e portanto um limite à onipotência de Deus, o absurdo na verdade eterna.

"Assim pois acontecimento, ser da criação, homem absolutamente mau ou absolutamente bom não são possíveis, nem se compreendem.

"Estudar o mundo e os homens, observando-os pela enfezada lente as doutrinas, ou prevenções, as tuas duas lunetas exageraram.

"Ora exagerar é mentir.

"Mancebo, a verdadeira sabedoria ensina e manda julgar os homens, aceitar os homens, aproveitar os homens, como os homens são.

"A imperfeição e a contingência da humanidade são as únicas idéias que podem fundamentar um juízo certo sobre todos os homens.

"Fora dessa regra não se pode formar sobre dois homens o mesmo juízo.

"Cada qual é o que é; cada qual tem as suas qualidades, e seus defeitos.

"A sociedade que aceite cada homem com as suas qualidades e os seus defeitos, explorando umas e outras em seu proveito.

"As próprias plantas venenosas são úteis: a ciência faz do veneno mais violento um meio destruidor de moléstias, regenerador da saúde, conservador da vida.

"A educação do homem que é a base mais importante e a essencial da

ciência social pode explorar em benefício da sociedade, dirigindo os convenientemente, os próprios defeitos correspondentes às qualidades estimáveis de cada um.

"Mancebo! para te levar à verdade já te lancei duas vezes no caminho do erro.

"Erraste acreditando no mal, erraste acreditando no bem, que te mostraram tuas duas lunetas, que exageraram o mal e o bem, ostentando cada uma o exclusivismo falaz do seu encantamento especial.

"Erraste pelo exclusivismo; porque o exclusivismo é o absurdo do absoluto no homem.

"Erraste pela exageração; porque exagerar é mentir."

Eu escutara com respeitoso silêncio o armênio que, tendo descansado alguns momentos, disse me:

- Resolvi dar te hoje a mais preciosa, mas também a última das lunetas mágicas que de mim terás.

- Qual?...

- Aquela que te fará gozar a visão do bom senso.

- Oh! a visão da sabedoria...

- Quase.

- Serei feliz... perfeitamente feliz!

- Nem assim.

- Por quê?...

- Porque o homem é o homem.
- Não entendo.
- Porque ainda com o bom senso há ardendo na alma do homem uma flama insaciável, que torna impossível a felicidade perfeita.
- Que flama é essa?
- A do desejo- de desejo que tem mil sobrenomes - amor, glória, ambição, ouro, honras, luxo, gula, vingança .. e muito mais que eu não acabaria de dizer nem em duas horas.
- Ao menos porém a visão do bom senso não me tornará nem cético, nem ludibrio do mundo e dos homens.
- E não sofrerás menos por isso
- Como?
- Pela visão do bom senso reconhecerás, onde está o bem e o mal, e mil vezes não poderás aproveitar o bem, e livrar te do mal.
- Mas é incompreensível!
- A pesar teu serás arrastado para longe do bem e para os precipícios do mal...
- Resistirei.
- Serás o censor de muitos e o reprovado de quase todos...
- Que importa?
- Os homens te condenarão contraditoriamente, como republicano e áulico, excêntrico e tolo, ateu e fanático, imoral e hipócrita, presumido e

estúpido, santilão e demônio

- Rir me ei deles.
- Terás pois a luneta; mas será a última
- Conservá-la ei sempre.
- Quebrá-la-ás.
- Conterá ela também a visão do futuro?
- Como, se e a do bom senso?- Criança, a visão do futuro não pode ser mais do que uma combinação de probabilidades feitas à luz do passado.
- Então juro que conservarei a luneta do bom senso por toda a minha vida.
- Fá-la-ás em pedaços e intencionalmente.
- Por quê?
- Porque é melhor não ver.
- Oh! não...
- Vou dar te a luneta.

Não posso dizer o que se passou durante meia hora ou mais; porque eu nada vi, nada podia ver, pobre míope quase cego que eu era.

O armênio procedera a uma operação mágica não sei como, nem em que altar de cabala improvisado à luz do sol e no alto do Corcovado.

Ouvi piar de aves, silvos de serpentes, conjurações do armênio que me pareciam sair ou do seio da terra, ou de profunda gruta, senti frio de gelo e calor de fogo ardente; em seguida reinou

silêncio, e em breve o
mágico lançou me ao pescoço um trancelim que
suponho ser de arame que
enlaça a luneta pelo competente anel, onde, como
vim a saber depois,
estava gravado em letras microscópicas o nome-
raro.

- Fixa a luneta! gritou me com sua voz ronca o
armênio.

Obedeci, e fixando a luneta mágica, vi diante de
mim o mágico
melancólico e carrancudo, e o meu amigo Reis
agradável e risonho.

O armênio voltou nos imediatamente as costas, e
desapareceu logo,
descendo apressado a montanha.

O Reis abraçou me: e disse:

- Aquele homem é irresistível; adivinhou o ato de
loucura que o senhor
ia praticar, e prometeu me salvá-lo sob duas
condições, de que não quis
prescindir: a primeira foi que eu conviesse em ser
lhe dada uma terceira
e última luneta mágica, que teria a visão do bom
senso; a segunda que eu
consentiria em expor à venda no meu armazém
lunetas mágicas com a visão
do bom senso.

- E o meu amigo...

- Poderia eu hesitar, quando se tratava de impedir o
seu suicídio? ..

Comprometi me a tudo; mas consegui do armênio
três concessões.

- Quais?

- Que ele faria suas operações mágicas fora da minha casa; que ficaria em sigilo o que o senhor porventura observasse por meio da visão do bom senso; e que exclusivamente aos meus fregueses e amigos de íntima confiança eu pessoalmente e só eu cederia, vendidas ou doadas, as lunetas mágicas do bom senso, ficando ainda a meu arbítrio a exigência de segredo, até que provas irrecusáveis do forçado encantamento experimentado por diversas pessoas, excluíssem qualquer suposição de credulidade pueril.

- Portanto o armênio começa enfim a convencê-lo.

- Ainda não; mas é um homem extraordinário. Quer ver? Acertou pelo seu o meu relógio; marcou precisamente a hora em que eu devia chegar ao alto do Corcovado, e encontrá-lo, lançando-lhe ao pescoço a sua nova luneta, e eu cheguei aqui exatamente à hora precisa, e no momento em que o armênio alargava com as mãos o cordão da luneta acima da sua cabeça e o fazia logo descer ao seu pescoço!...

- E se soubesse ..

- Perdão; saberei tudo depois. Agora urge satisfazer a dois empenhos, um meu, e outro nosso.

- O seu antes do nosso: qual é? ..

- Promete me o sigilo, a que o armênio não se opõe? .
- Pela minha gratidão e amizade juro guardá-lo.
- Obrigado! disse o Reis apertando me britanicamente a mão
- E o nosso empenho? ..
- Não o adivinha?... são onze horas da manhã e ainda não almoçamos ...
eu apenas tomei café às três horas da madrugada.
- E eu não ceei ontem, e estou morrendo de fome ..
desçamos para a cidade.
- E lá almoçaremos, jantando.
Pusemo-nos alegremente a caminho.
Apesar da fome devoradora que sentia, reconheci que é menos fatigante e desagradável descer do que subir às montanhas, exceto, exceto sempre, mas exceto somente, quando se trata das alturas do governo.

E já lá vai um mês... um mês inteiro de visão do bom senso.
Sinto desejo veemente de referir o que tenho observado; mas estou preso pelo dever de gratidão e pela religião do juramento, que me impõe silêncio.
Quantas lunetas do bom senso terá o armênio preparado magicamente para o armazém do Reis? E este a quantos amigos as terá confiado? . . .
Não posso compreender estas cerimônias e

escrúpulos do meu amigo Reis
Tais escrúpulos são até antipatrióticos.
Se o Reis quer teimar no seu prejudicialíssimo
sigilo, deve ao menos, e
embora muito em segredo, oferecer sete lunetas
mágicas com a visão do
bom senso para uso dos membros do ministério e
do governo do Brasil.
Não posso falar, não posso escrever, não posso
dizer o que a visão do
bom senso me está ensinando há um mês.
Quando o meu amigo Reis me desligar do
juramento que fiz, escreverei o
livro da visão do Bom Senso.
Mas até lá... segredo.

FIM